

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
NÍVEL MESTRADO**

THAÍS RIBEIRO MACHADO

**DESIGN ESTRATÉGICO PARA PROMOÇÃO DE DESCONTINUIDADES
SISTÊMICAS, POR MEIO DO ECOSSISTEMA DA MODA SUSTENTÁVEL DE
PORTO ALEGRE**

PORTO ALEGRE

2020

THAÍS RIBEIRO MACHADO

**DESIGN ESTRATÉGICO PARA PROMOÇÃO DE DESCONTINUIDADES
SISTÊMICAS, POR MEIO DO ECOSSISTEMA DA MODA SUSTENTÁVEL DE
PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karine de Mello Freire

Porto Alegre

2020

M149d Machado, Thaís Ribeiro
Design estratégico para promoção de descontinuidades
sistêmicas, por meio do ecossistema da moda sustentável de
Porto Alegre / por Thaís Ribeiro Machado. – 2020.
109 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, 2020.
Orientação: Profa. Dra. Karine de Mello Freire.

1. Design estratégico. 2. Colaboração. 3. Sustentabilidade.
4. Ecossistemas criativos. 5. Moda. I. Título.

CDU 7.05

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

THAÍS RIBEIRO MACHADO

**DESIGN ESTRATÉGICO PARA PROMOÇÃO DE DESCONTINUIDADES
SISTÊMICAS, POR MEIO DO ECOSSISTEMA DA MODA SUSTENTÁVEL DE
PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karine de Mello Freire

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Karine de Mello Freire

Prof. Dr. Carlo Franzato – Unisinos

Profa. Dra. Viviane dos Guimarães Alvim Nunes - Universidade Federal de
Uberlândia

AGRADECIMENTOS

A oportunidade de estudo e de alcance ao conhecimento não é para todos. No Brasil, apenas 0,8% da população (segundo dados de 2019, da Folha de São Paulo) concluíram o mestrado. Além da falta de acesso à educação, o governo atual cortou cerca de 12% das bolsas de pós-graduação. Eu começo meus agradecimentos falando sobre isso, porque é importante ressaltar o privilégio de cursar uma pós-graduação, no nosso país.

Para começar, agradeço ao Instituto Lojas Renner, que proporcionou minha bolsa de mestrado, sem a qual eu não teria a possibilidade de estar aqui. É muito importante que iniciativas como essa sigam existindo e concedendo esse apoio a pesquisadores.

Agradeço imensamente à minha família, que sempre me incentivou e me apoiou, nesta trajetória de busca do conhecimento. Foi a minha família quem me ensinou meus valores de base. Aprendi com eles que a gente só evolui quando todos do nosso entorno evoluem conosco. Aprendi que tudo vale a pena, quando trabalhamos com propósito e com verdade no que fazemos.

A conquista e a vivência de novas etapas nunca vêm sozinhas. Neste caminho, conheci pessoas que me ensinaram sobre a vida – coisas que nenhum curso pode ensinar. Em momentos de insegurança, minha orientadora sempre diz que “melhor feito do que perfeito”, e isso me ensinou a ter garra e força para ir atrás do que acredito. Além disso, ela me deu o maior presente da vida: o empreendimento que criei no meio de todo esse processo, a CÓS - costura consciente, e as minhas sócias e amigas, Liz e Marina, que além de serem pessoas maravilhosas, estiveram do meu lado, em todo o processo.

Agradeço, também, aos meus amigos que me tiraram desta bolha de estudos, quando eu precisava, e me deram força e alegria para continuar. Agradeço aos meus colegas, professores e funcionários da Unisinos, que me proporcionaram uma experiência maravilhosa, no dia a dia desta trajetória.

Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse a natureza (Ailton Krenak - Ideias para adiar o fim do mundo).

RESUMO

A presente pesquisa discorre sobre o tema sustentabilidade e colaboração, nos ecossistemas criativos de moda. A partir da observação participante de Thiollent (1986), este trabalho estuda 12 projetos colaborativos do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre, com o objetivo de promover descontinuidades sistêmicas, no sistema de moda local. A sustentabilidade, aqui, é compreendida pela perspectiva da ecologia profunda de Guatarri (1990) e Capra e Luisi (2014), e as análises são feitas com base nos conceitos de colaboração de Manzini (2017), e dos papéis para inovação social de Freire (2017). Os principais resultados alcançados foram os diferentes formatos e dinâmicas encontradas na análise dos encontros e percursos projetuais, para germinação dos projetos. Identificou-se que os processos que levam aos encontros colaborativos têm como principal característica o equilíbrio entre vínculos fortes e fracos, e um envolvimento comum ao grupo de acordo com o objetivo do projeto. Para que esses encontros evoluam em projetos para descontinuidades sistêmicas, é necessária a infraestruturação dos processos, vínculos fortes, envolvimento ativo e diversidade e transparência nos papéis a serem exercidos.

Palavras-chave: Design Estratégico. Colaboração. Sustentabilidade. Ecossistemas Criativos. Moda.

ABSTRACT

This research discusses the theme of sustainability and collaboration, in creative fashion ecosystems. From the participant observation of Thiollent (1986), this work studies 12 collaborative projects of the Sustainable Fashion Ecosystem of Porto Alegre, with the objective of promoting systemic discontinuities, in the local fashion system. Sustainability, here, is understood from the perspective of deep ecology by Guatarri (1990) and Capra and Luisi (2014), and the analyzes are made based on the concepts of collaboration by Manzini (2017), and the roles for social innovation by Freire (2017). The main results achieved were the different formats and dynamics found in the analysis of the meetings and project paths, for the germination of the projects. It was identified that the main characteristic of the processes that lead to collaborative meetings is the balance between strong and weak bonds, and a common involvement of the group according to the project's objective. For these meetings to evolve into projects for systemic discontinuities, it is necessary to process infrastructure, strong bonds, active involvement and diversity and transparency in the roles to be played.

Keywords: Strategic Design. Collaboration. Sustainability. Creative Ecosystem. Fashion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Envolvimento de Participantes (EP).....	25
Figura 2 – Mapa da Qualidade da Interação (QI).....	26
Figura 3 - Papéis do designer, no processo de desenvolvimento de inovações sociais	36
Figura 4 - Linha do tempo dos projetos analisados	46
Figura 5 - Processo de construção e observação dos encontros sobre resíduos .	61
Figura 6 - Resumo dos projetos dos encontros sobre resíduos.....	66
Figura 7 - Envolvimento coprodutivo e coadministrativo nos projetos	80
Figura 8 - Dia do primeiro encontro com as costureiras	83
Figura 9 - Conexões entre os projetos.	84
Figura 10 - Papéis para inovação social nos projetos.....	90
Figura 11 - Mapa dos projetos analisados do Ecossistema da Moda Sustentável	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participantes dos encontros colaborativos do Ecosistema da Moda Sustentável.....	42
Quadro 2 - Resumo da estrutura da análise dos projetos.....	45
Quadro 3 - Resumo análise “Plataformas de comunicação on-line”	46
Quadro 4 - Resumo análise ‘Financiamento coletivo recorrente’	50
Quadro 5 - Resumo da análise ‘Workshops com a comunidade’	52
Quadro 6 - Resumo da análise ‘Documentário atores da moda’	54
Quadro 7 - Resumo da análise ‘BEFW’	56
Quadro 8 - Resumo da análise ‘Mapeamento do Ecosistema’	58
Quadro 9 - Resumo da análise ‘Encontro sobre resíduos’	60
Quadro 10 - Resumo da análise ‘Grupo de costura’	66
Quadro 11 - Resumo da análise ‘Suporte ao Banco de Tecido’	70
Quadro 12 - Resumo da análise ‘Participação no Fashion Revolution’	72
Quadro 13 – Resumo da análise ‘Participação no Carnaval’	74
Quadro 14 – Resumo da análise ‘Conexão com o coletivo’	75
Quadro 15 - Envolvimento de todos os projetos	77
Quadro 16 – Intensidade dos vínculos de todos os projetos	81
Quadro 17 - Papel de todos os projetos.....	84
Quadro 18 - Resultados colaborativos de todos os projetos.....	91
Quadro 19 - Resultados de pesquisa.....	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivos	15
1.1.1 Objetivo Geral	15
1.1.2 Objetivos Específicos	15
1.2 Justificativa	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Design Estratégico	19
2.1.1 Encontros colaborativos	22
2.2 Sustentabilidade	26
2.2.1 Ecossistemas criativos	29
2.2.2 Inovação - inovação social	33
2.3 Moda sustentável	37
3 METODOLOGIA	40
3.1 Coleta de dados	41
4 ANÁLISE DE DADOS	45
4.1 Projetos analisados	45
4.1.1 Plataformas de comunicação on-line	46
4.1.2 Financiamento coletivo recorrente	50
4.1.3 <i>Workshops</i> com a comunidade	52
4.1.4 Documentário atores da moda	54
4.1.5 Evento nacional de moda sustentável – BEFW	56
4.1.6 Mapeamento do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre	58
4.1.7 Encontro sobre resíduos da moda	60
4.1.8 Ideias	62
4.1.8.1 Espaço de troca de matéria-prima	62
4.1.8.2 Grupo de pesquisa sobre resíduos	62
4.1.8.3 Mobiliários feitos de resíduos	63
4.1.8.4 Roupas íntimas feitas de resíduos para mulheres em vulnerabilidade social	63
4.1.8.5 União de coletivos para trocas multidisciplinares	63
4.1.8.6 Reciclagem têxtil	64
4.1.8.7 Grupo produtivo para trabalhar com reutilização	65

4.1.9 Grupo de costura CÓS - costura consciente.....	66
4.1.10 Suporte ao Banco de Tecido POA/RS	70
4.1.11 Participação no Fashion Revolution 2019.....	72
4.1.12 Participação no Carnaval da diversidade.....	74
4.1.13 Conexão com o coletivo Poa Inquieta.....	75
5 DISCUSSÃO	77
5.2 INTENSIDADE DOS VÍNCULOS DE TODOS OS PROJETOS	81
5.3 PAPEL DE TODOS OS PROJETOS.....	84
5.4 RESULTADOS COLABORATIVOS DE TODOS OS PROJETOS	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A - PLANILHA.....	104

1 INTRODUÇÃO

O design emergiu da necessidade de atender às demandas industriais, marcado pelo aspecto artístico, tendo como foco da projeção o desenvolvimento de produtos e peças de comunicação (MURATOVSKI, 2015). As necessidades sociais não são mais as mesmas, desde então, e as mudanças tecnológicas, a globalização e as preocupações ambientais aumentam a complexidade dos problemas (MURATOVSKI, 2015; CAPRA; LUISI 2014; CASTELLS, 2009). Dessa forma, o campo do design deixa de apenas criar produtos para desenvolver modos de pensar, apontando novas visões, e gerando novos significados e valores (MURATOVSKI, 2015). Nesse contexto, o design estratégico surge como uma abordagem para lidar com esses fenômenos complexos, através de um sistema-produto-serviço, tendo como foco o processo e não o produto final (MERONI, 2008). Além disso, segundo Zurlo (2010), o design estratégico trabalha de forma transdisciplinar, abraçando diversos pontos de vista, a fim de gerar efeitos de sentido.

Com o objetivo de inovar radicalmente, o Design Estratégico opera através de um pensamento sistêmico, isto é, possui uma visão holística que, nas palavras de Capra e Luisi (2014, p. 14), é um modo que “concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”. Na visão sistêmica, as partes só fazem sentido na organização do todo, pois não é possível dissociá-las do contexto em que se inserem. Outra característica importante é que o foco, aqui, é nas relações que se formam nessas redes, e o objeto é parte do processo, e não o objetivo final (CAPRA; LUISI, 2014).

Por meio das redes de relações que é possível obter uma inovação significativa. Ouden (2012) considera que, para atingir esse tipo de inovação, é necessário envolver diferentes níveis de valores. Precisa ser significativo para o usuário, de forma a promover experiências, ser bom e viável para a organização, promover impactos positivos no ecossistema, e, por fim, gerar transformação na sociedade. Se o olhar sistêmico é sobre visualizar o todo, é impossível projetar sem pensar no contexto insustentável em que se vive. Assim, sob o ponto de vista de Manzini (2017), a sustentabilidade é intrínseca a todo o processo de design, portanto, o papel do designer vai além de buscar soluções para problemas, mas de propor e construir cenários futuros possíveis e sustentáveis. Isto é, sustentabilidade

discutida aqui não é apenas sobre tornar o sistema produtivo mais sustentável, através da reparação de danos, mas de uma mudança de comportamento através de um olhar sistêmico da vida na Terra (GUATARRI, 1990; CAPRA; LUISI, 2014).

O design amplia sua visão para a busca de inovações transformadoras que abracem a diversidade e pluralidade de atores. Esse modo de pensar o design envolve a totalidade dos ecossistemas em contexto, e suas relações com ecossistemas do entorno. (FRANZATO *et al.*, 2015). Isto é, através de relações ecossistêmicas é possível enfrentar problemas sociais complexos, com uma abordagem mais aberta e colaborativa. Franzato et al. (2015) destacam os ecossistemas criativos, que são caracterizados por seus processos criativos e estão diretamente relacionados à inovação social e cultural, de modo a promover “desenvolvimento e bem-estar social”. Segundo Manzini (2017), esse tipo de colaboração tem um papel inovador, pois torna o trabalho significativo para além do lucro financeiro, tendo como princípio a conexão com múltiplos atores que têm em comum o mesmo propósito, deixando de lado a individualidade em busca de um valor coletivo (MANZINI, 2017).

No Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, foi ativado o Ecossistema da Moda Sustentável. Esse ecossistema é composto por uma diversidade de atores, como indústria, pesquisadores, marcas e iniciativas locais que têm em comum o propósito de tornar a moda local mais sustentável, no ponto de vista ecológico, e mais atrativa e socialmente justa, no ponto de vista econômico. Esse ecossistema surge em oposição ao fenômeno que a moda vivencia, ao tratar a roupa como um produto descartável, resultado da difusão global do fast fashion, isto é, uma moda rápida que tem como prioridade o crescimento econômico independente dos impactos que vem a gerar. Essa efemeridade, muitas vezes, começa com a produção aliada à mão-de-obra barata e desvalorizada, matéria-prima de alto impacto ambiental, e termina no descarte prematuro do vestuário, em aterro sanitário (FLETCHER; GROSE, 2011; GWILT, 2014; SALCEDO, 2014).

A fim de promover discontinuidades sistêmicas para sustentabilidade por meio do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre, este trabalho pretende explorar o potencial colaborativo do design estratégico, através da análise de processos e resultados de projetos do coletivo. A pesquisa inicia com exploração e análise do contexto geral e das situações problemáticas do grupo, a participação ativa das pesquisadoras, no contexto, e promoção de encontros e discussões

colaborativas e projetuais. Isso concomitante à pesquisa teórica sobre processos colaborativos e sustentabilidade, para, finalmente, seleção e análise dos casos promissores.

A pesquisa é apresentada em introdução e justificativa, fundamentação teórica com as principais bases teóricas e autores utilizados na pesquisa, metodologia e coleta de dados e por fim análise de dados, discussão e considerações finais. A seguir serão apresentados os objetivos gerais e específicos que guiam toda pesquisa.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar processos colaborativos de Design Estratégico e o seu potencial de ativação de projetos estimuladores de descontinuidades sistêmicas, no sistema da moda local, por meio do Ecosistema da Moda Sustentável de Porto Alegre.

1.1.2 Objetivos Específicos

A fim de atingir o objetivo geral proposto, este estudo é guiado pelos seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender processos colaborativos de Design Estratégico;
- b) Compreender os conceitos de sustentabilidade a fim de ativar processos capazes de gerar descontinuidades sistêmicas, no âmbito da moda sustentável.
- c) Analisar as plataformas que habilitam a colaboração.
- d) Analisar os vínculos e os papéis dos atores que colaboram.
- e) Analisar os resultados colaborativos, conforme a perspectiva da sustentabilidade.

1.2 Justificativa

A moda passa, muitas vezes, despercebida, no dia a dia de todos, mas ela convive diariamente em todos os lugares, independentemente do tempo, do local ou da cultura. Desde os primórdios, a roupa, como ato de vestir, reflete muito sobre a cultura, sobre as tecnologias de cada época, sobre a personalidade de cada um, e, por último e não menos importante, ela é também um ato político. Atualmente, mais do que em qualquer outra época, a moda tornou -se um sistema complexo que envolve uma cadeia de produção extensa e disseminada em diferentes continentes, desafiando fronteiras geográficas. Segundo as autoras Fletcher e Grose (2011), as atividades da moda repercutem em setores muito abrangentes, como economia, ecologia e sociedade. As autoras, em seu livro “Moda e Sustentabilidade: Design para mudança”, exploram essas ligações e as potenciais mudanças de uma moda que seja voltada para sustentabilidade, que comece a se entrelaçar com o mundo, de forma a deixar impactos positivos.

A indústria da moda gera milhões de toneladas de resíduos têxteis que, na maioria das vezes, têm seu fim em aterros sanitários, de forma a contribuírem para poluição e desgaste ambiental (FLETCHER; GROSE, 2011). Essa questão não é somente ambiental, ela envolve toda a sociedade e ecossistema, sendo necessária uma mudança cultural, de consumo e produção. O descarte prematuro de roupas e resíduos têxteis mostra como a cadeia da moda atualmente trabalha dividida em setores que não conversam entre si, apontando também como as empresas e os designers estão falhando em projetar produtos que criem valores para os consumidores. Por isso, há a importância de uma mudança nos modos de fazer, produzir e consumir moda.

O aumento da preocupação com essa questão, como também engajamento de pessoas em iniciativas, como por exemplo, o Fashion Revolution, mostra a crescente relevância da questão. Desde 2016 o Fashion Revolution teve um crescimento de 54 eventos, no Brasil, para 429, tendo a região Sul como principal destaque. Além disso, o surgimento da primeira semana de moda sustentável do Brasil, o Brasil Eco Fashion Week (BEFW), teve sua segunda edição em São Paulo, na qual, entre 17 marcas participantes do desfile, 5 eram de Porto Alegre/RS, e no

showroom de 50 marcas participantes, 13 eram do Rio Grande do Sul¹ (2019). Esse aumento e concentração de marcas de moda que buscam a sustentabilidade em Porto Alegre mostra a importância de manter e potencializar a moda sustentável, no Estado.

As pesquisas acadêmicas na área ainda são muito recentes. Quando buscado o termo “*sustainable fashion*”, na base de dados da Ebscohost, em revistas acadêmicas e periódicos científicos, os artigos partem de 2001, com 183 resultados. Sendo que, na busca por “*fashion design*”, também em revistas acadêmicas e periódicos científicos da Ebscohost, surgem 1.679 artigos, partindo de 1922. Em uma análise dos 183 resultados encontrados para “*sustainable fashion*”, apenas 61 realmente tratam sobre moda e sustentabilidade – desses 61, 16 falam sobre consumo sustentável na moda, 6 falam sobre *slow fashion*, outros 6 estão relacionados a estudos sobre a indústria da moda, 4 discutem novos modelos de negócios, 3 tratam sobre reciclagem e reaproveitamento de resíduos, e mais 3 estudam o sistema da moda como um todo. Outros assuntos surgiram, como inovações tecnológicas na moda, tingimento natural, legislação e tendências.

A fim de colaborar para essa transformação, o Ecosistema da Moda Sustentável de Porto Alegre atua em diversas frentes, conectando iniciativas locais, e criando um espaço para experimentação de novos modelos de negócio e de projeto de moda. Além disso, o grupo é aberto, e tem uma forte conexão com a pesquisa acadêmica – exemplo disso é a dissertação de mestrado da pesquisadora Silveira (2019), que ressignificou o uso de resíduos têxteis de modo socialmente inovador. Portanto, o espaço oportuniza a troca entre pesquisador e atores da situação investigada, dando abertura à possibilidade da colaboração da pesquisa científica, no dia a dia desse ecossistema.

Através da nossa participação no grupo, surgiu a questão de pesquisa: como promover discontinuidades sistêmicas para a sustentabilidade nesse ecossistema. O caminho mais lógico foi explorar e ativar processos colaborativos do grupo, através da metodologia do Design Estratégico, visto que as ferramentas de Design Estratégico motivam as trocas interdisciplinares para desenvolvimento de um sistema-produto-serviço. É visto que existem assuntos diversos e emergentes, ao se tratar de moda e sustentabilidade, e, ao mesmo tempo, as pesquisas ainda são

¹ **BRASIL ECO FASHION WEEK**. [Site oficial]. São Paulo: BEFW, [2018?]. Disponível em: <https://befw.com.br/>. Acesso em: 12 jul. 2020

poucas e recentes, em relação a outras áreas. Para tanto, esta pesquisa visa colaborar com esse cenário, atuando localmente e abrindo espaço para ampliação e replicação dos projetos desenvolvidos pelo grupo. poucas e recentes, em relação a outras áreas. Para tanto, esta pesquisa visa colaborar com esse cenário, atuando localmente e abrindo espaço para ampliação e replicação dos projetos desenvolvidos pelo grupo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Design Estratégico

O Design Estratégico é a base metodológica utilizada, neste trabalho, como forma de estimular a busca por alternativas mais sustentáveis ao ecossistema da moda sustentável de Porto Alegre. O Design Estratégico entendido aqui é uma vertente estudada no Politécnico de Milão, pelos pesquisadores Ezio Manzini, Francesco Zurlo e Anna Meroni, que entendem o design como um processo que produz um novo olhar situado em uma organização ou comunidade. Essa metodologia tem o potencial de desenvolver estratégias para lidar com fenômenos complexos, e utiliza da ação estratégica para desenvolver um sistema-produto-serviço com foco nos processos e não no produto final (MERONI, 2008; ZURLO, 2010).

Esse pensamento parte do entendimento de que o produto é um fenômeno multidimensional inserido em um contexto social, cultural e econômico, e dispõe de diferentes funções que não só técnicas. (MAURI, 1996). Sendo assim, o cerne do projeto está em prover mudanças que favoreçam certa comunidade ou contexto, e tem o produto como um meio para isso, e não como fim projetual. Mauri (1996) explica que o produto envolve a consciência do cliente (usuário), e precisa de outros elementos, como “comunicação, serviço, distribuição, identidade para se tornar oferta global, ou seja, um produto acabado” (BUCCI, 1992 apud MAURI, 1996, p. 5). Assim, para Mauri (1996), esse ponto de vista de observação do produto mostra um ângulo do objeto como uma “entidade complexa em contínua evolução”. Portanto, não basta falar de produto, mas sim, de um sistema-produto-serviço que gera efeitos de sentido para todos os envolvidos – do designer à empresa e sociedade.

Além disso, o sistema-produto-serviço (SPS) está sempre localizado em um contexto ambiental, ou seja, está inter-relacionado com a natureza e o mundo político, econômico, social e cultural. Dito isso, os impactos de ações locais podem engatilhar uma cadeia de efeitos globais (MAURI, 1996; MANZINI, 2017). Assim, há a importância de um caráter sistêmico, no projeto que prevê cenários possíveis de impactos dessas ações. Cada SPS carrega consigo um peso imaterial, portanto, é

fundamental projetar compreendendo essa subjetividade, a fim de alcançar o efeito de sentido pretendido. A complexidade discutida é abordada, no Design Estratégico, através da ação estratégica, que, segundo Zurlo (2010), está relacionada à tomada de decisão, pela análise dos dados do contexto durante a ação. Portanto, mais do que desenvolver soluções pontuais, o design estratégico é sobre criar estratégias visíveis, de modo a construir efeito de sentido (ZURLO, 2010). Para Muratovski (2015), essas características marcam um avanço ao design convencional, cujo foco está no desenvolvimento de produtos, pois com foco no desenvolvimento de processos, sistemas e serviços, é possível integrar todo um negócio ou organização, e projetar estratégias que impactam em longo prazo.

A partir dessa perspectiva, o Design Estratégico é orientado por um processo que envolve a colaboração e cocriação de soluções. Isso quer dizer que o sistema-produto-serviço não é desenvolvido somente pelo designer: ele envolve o usuário ou comunidade, na criação e no processo projetual. Desse modo, as possibilidades de inovação são ampliadas a partir da ativação e participação da sociedade na tomada de decisão (MANZINI, 2017).

O projeto de design colaborativo considera que cada pessoa é especialista da sua própria realidade. Portanto, faz sentido que ela participe e seja ativa na transformação de seu próprio contexto. Dessa forma, todos atores envolvidos colaboram, de modo a produzirem um valor social mais amplo, como efeito colateral, e o papel do designer é proporcionar as ferramentas necessárias para que a colaboração seja não só possível, como também provável (MANZINI, 2017). Esse modo de trabalhar e de agir abre espaço para uma inovação sem precedentes, no contexto atual, ou seja, um contexto globalizado, essencialmente industrial e de alta conectividade.

Além disso, para a inovação ser significativa, precisa gerar valor para os diferentes níveis sociais. Ouden (2012) entende esses níveis como usuário, organização, ecossistema e sociedade. O valor para o usuário é necessário para um pensamento a longo prazo, pois é ele quem utiliza o que for desenvolvido; o valor para organização interage com a sociedade de maneira geral, pois gera emprego e reflete também diretamente no usuário; os ecossistemas são como sistemas maiores, que incluem as organizações e os usuários, cuja relação é de interdependência para sobrevivência; por fim, a sociedade é atingida pelas ações

dos outros níveis, de maneira a interferir na qualidade de vida de sua totalidade (OUDEN, 2012).

A inovação discutida aqui está diretamente relacionada a processos de transformação para uma sociedade mais sustentável, e isso quer dizer transformações que propiciem um futuro de qualidade para as próximas gerações. Para isso acontecer, é necessária uma mudança de atitude que gere valor nos diferentes níveis citados anteriormente. Nesse caso, a colaboração e integração entre diferentes atores, especialistas e não especialistas de diferentes campos é indispensável. Manzini (2017) apresenta três importantes mudanças para o design que elucidam o seu papel nessas relações. A primeira é o projeto ser centrado no ser humano, em vez da centralização no produto, e isso significa adotar uma abordagem centrada nos problemas sociais. A segunda mudança é que, para Manzini (2017), todo processo de design também é um processo de codesign, seguindo a lógica de que a criação é sempre influenciada pelas pessoas e pelo contexto em que o profissional está inserido, e, em uma sociedade em rede, essa influência é maior ainda. A terceira questão que o autor coloca é que todas as pessoas possuem capacidades de design, mas nem todas exploram essas capacidades. Assim, ele propõe o conceito de design difuso e de design especializado, com intuito de compreender as habilidades e cultura específica do designer especialista. Essa cultura de design, que se origina na própria comunidade, nas práticas de design, é o que o representa e torna o papel do profissional tão importante (MANZINI, 2017).

O design estratégico é uma abordagem que dá um passo na direção do estudo das estratégias elaboradas pelo design para orientar a ação projetual e, sobretudo, a ação organizacional em direção à inovação e à sustentabilidade (FRANZATO *et al.*, 2015, p. 158).

Para Manzini (2017), a sociedade atual vivencia grandes questões relacionadas ao desequilíbrio ambiental, social e econômico, e, a fim de lidar com esses fenômenos, novas formas sociais emergem. São iniciativas que surgem da sociedade para contornar ou resolver suas próprias necessidades, e, com isso, ampliam sua capacidade de ação, de modo que inovam socialmente (MANZINI, 2017). Para caminhar rumo à inovação social, uma mudança cultural para sustentabilidade faz-se necessária, e pode ser desencadeada com a abertura de

diálogos sociais. Esse diálogo tem como característica a escuta ativa, ou seja, o designer assume um papel ativo e crítico, mas também precisa estar aberto a ouvir e compreender as necessidades e ideias do coletivo como um todo (MANZINI, 2017).

Segundo Manzini (2017), conforme a complexidade dos problemas que acontecem a nível global, as pequenas ações locais surgem em maior número e potência, visto que a conectividade possibilita a comunicação e, por consequência, a replicação dessas ações. Dessa forma, é possível compreender a importância de ações que envolvam uma diversidade de atores, que atuam através de diálogos sociais para sustentabilidade. Para Manzini (2017), o designer especialista, como um profissional reflexivo, tem o papel de projetar não apenas para resolver problemas através de uma abordagem técnica, mas de produzir sentidos. Segundo o autor:

[...] Aplicar uma abordagem centrada no usuário, que focaliza não apenas indivíduos isoladamente, mas também comunidades inteiras. Após esse movimento inicial, eles devem passar para o estabelecimento de um projeto de codesign, no qual todos os interessados possam submeter a sua contribuição para apreciação, não apenas na busca da solução técnica para o problema, mas também na construção de seu significado, a fim de que faça sentido para todos envolvidos (MANZINI, 2017, p. 59).

Essa abordagem do Design Estratégico pode ser uma forma de explorar novos modos de fazer Design de Moda, um modo que seja ético e gere impacto positivo a toda a sociedade. A seguir, são apresentados os conceitos de sustentabilidade e colaboração, que podem inspirar esses processos mais sustentáveis na moda.

2.1.1 Encontros colaborativos

Segundo Fontana, Heemann e Ferreira (2012), a colaboração e o estudo de seu conceito vêm sendo pesquisados, há muitos anos, por diversas áreas. Contudo, ela é um fenômeno atual difuso globalmente. De modo geral, está relacionada com auxílio, ajuda, contribuição. Na perspectiva do Design Colaborativo, são processos em que envolvem grupos com diferentes atores, a fim de chegar a um resultado comum. (MATTESSICH; MONSEY, 1992; KVAN, 2000; FONTANA; HEEMANN; FERREIRA, 2012; MANZINI, 2017).

Para Kvan (2000), a colaboração envolve um compromisso com um objetivo comum entre um determinado grupo, sendo a presença ou não de autoridade

determinada pela estrutura colaborativa, e exige maior confiança e comprometimento do que a cooperação, por exemplo. Já Heemann *et al.* (2008) propõem que o conceito de colaboração está relacionado a “compartilhamento”, “interação”, “cooperação” e “trabalho em equipe”. Para Heemann *et al.* (2008), o que diferencia os conceitos são os níveis pelos quais eles ocorrem – os níveis estratégico, tático e operacional. A colaboração, para os autores, requer o exercício de todos os níveis. No Design, o conceito de colaboração nos processos de design é entendido da seguinte forma:

A colaboração visa produzir um produto e/ou serviço consistente e completo através de uma grande variedade fontes de informações com certo grau de coordenação das várias atividades implementadas. Esse processo dependente da relação entre os atores envolvidos, da confiança entre eles e da dedicação de cada parte (FONTANA; HEEMANN; FERREIRA, 2012, p. 4).

Manzini (2017) também reconhece esses valores. Segundo o autor, as relações colaborativas já existem há muito tempo, entretanto, a novidade está na forma como essas relações emergem. O frequente enfrentamento às problemáticas do mundo dentro de uma sociedade conectada faz com que as organizações não consigam mais gerar inovações de maneira solitária. Por isso, há a importância de trabalhar de modo colaborativo.

Para Mattessich e Monsey (1992, p. 11), a importância desse modo de trabalho também está na redução de “despesas individuais em planejamento, pesquisa, treinamento e outras atividades de desenvolvimento no estágio inicial de nova iniciativa”, ou seja, custos e esforços são reduzidos. Além disso, segundo os autores, a colaboração torna os serviços mais acessíveis e eficazes. Mattessich e Monsey também discutem a definição de colaboração:

A colaboração é um relacionamento mutuamente benéfico e bem definido, firmado por duas ou mais organizações para alcançar objetivos comuns. O relacionamento inclui um compromisso com: uma definição de relacionamentos e objetivos mútuos; uma estrutura desenvolvida em conjunto e responsabilidade compartilhada; autoridade mútua e responsabilidade pelo sucesso; e compartilhamento de recursos e recompensas (MATTESSICH, MONSEY, 1992, p. 11).

Na colaboração, o próprio processo de design é transformado. Segundo Fletcher e Grose (2011), no design colaborativo, o objetivo é ampliar o

conhecimento e habilidades do coletivo, ao contrário do processo tradicional, cujo fim é desenvolver objetos refinados. A autora também acredita que, por meio dessas relações de troca, o designer pode ter múltiplos papéis, como facilitador, catalisador e incentivador.

Os encontros colaborativos são a base de interação e cocriação do design. As características dos encontros colaborativos dependem de cada contexto e das pessoas que fazem parte. Entretanto, existem alguns atributos gerais que Manzini (2017) discute, a fim de evidenciar a colaboração, que são: o envolvimento ativo; o envolvimento colaborativo; a intensidade do vínculo social; e a intensidade relacional.

O envolvimento ativo é sobre considerar a capacidade das pessoas no projeto, compreender que todas têm um potencial, e que o projeto precisa gerar independência para que elas possam ser autossuficientes, na realização de suas atividades (MANZINI, 2017). Além do envolvimento ativo, é preciso ser, também, colaborativo. Para alcançar a colaboração, muitas vezes, é necessário deixar de lado questões individuais, para que, assim, seja possível chegar em acordo com toda a comunidade, com o propósito de um bem-estar comum entre todos.

A natureza dessas interações é caracterizada pela intensidade do vínculo social e pela intensidade do vínculo relacional. O vínculo social é sobre a qualidade dos encontros colaborativos, pois é necessário estar em equilíbrio com o propósito do encontro. Um vínculo social muito fraco pode não desenvolver conexões profundas entre os participantes, e, assim, gerar relações superficiais, enquanto um vínculo social muito forte pode prejudicar a entrada de novas pessoas, pois o grupo fica fechado a si mesmo. Por isso, é importante manter uma proporção ideal entre ambos. Acompanhar a fluidez das relações é uma capacidade importante de design para uma solução habilitante, para uma solução que promova independência no processo, valorizando as capacidades de cada um (MANZINI, 2017).

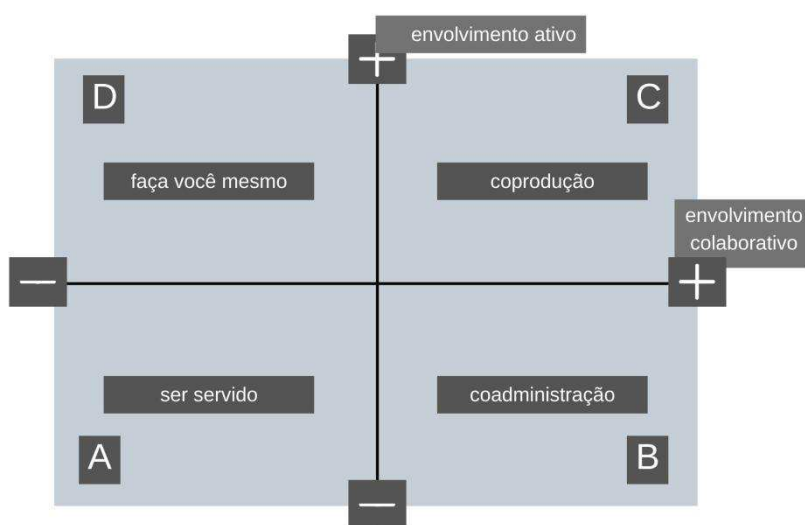
Já a intensidade do vínculo relacional fala sobre a relação do sujeito com o encontro e seu contexto social. Refere-se à forma ao nível de engajamento e empatia.

A Figura 1, a seguir, apresenta os quadrantes que caracterizam o envolvimento de participantes. O primeiro quadrante, letra A, “ser servido”, representa um baixo envolvimento. Segundo Manzini (2016), é o modo tradicional de oferta de serviço, no qual os participantes atuam como usuários. No segundo

quadrante, B, “coadministração”, a colaboração faz parte do processo de gestão, a administração é feita de modo coletivo. Mesmo assim, aqui, encontra-se um baixo envolvimento. O quadrante C, “coprodução”, tem como característica o envolvimento intenso. Segundo Manzini (2016), é nesse quadrante que as comunidades criativas se desenvolvem. A colaboração está no cerne das práticas.

E o último quadrante, letra D, “faça você mesmo”, apresenta envolvimento intenso em atividades a serem conduzidas individualmente.

Figura 1 – Mapa do Envolvimento de Participantes (EP)

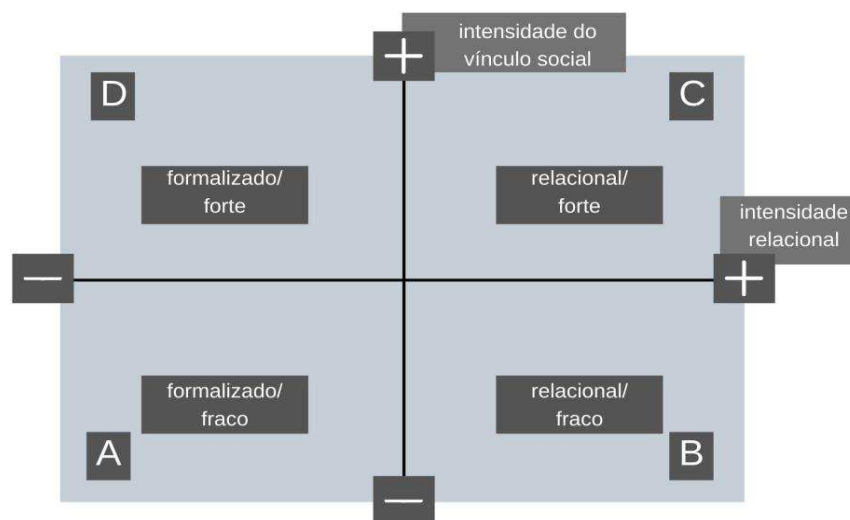


Fonte: Manzini (2017, p. 121).

Como explicado anteriormente, as relações colaborativas são analisadas pelo nível de envolvimento e, também, pelas qualidades dessa interação. Na Figura 2, “Mapa da Qualidade da Interação”, Manzini (2016) propõe as seguintes polaridades: intensidade do vínculo social e intensidade relacional. O primeiro quadrante, “formalizado/fraco”, aponta a intensidade relacional baixa e vínculos fracos, são os encontros de serviços formalizados. O segundo quadrante, “relacional/fraco”, apresenta a intensidade relacional alta e os vínculos fracos, isto é, tem destaque nas relações afetivas, mas não estabelece vínculos que exijam muito tempo, energia ou planejamento futuro. Já o quadrante C aponta intensidade relacional alta e vínculos fortes, ambos importantes e necessários para uma base organizacional colaborativa. E, por último, o quadrante D indica intensidade relacional baixa e vínculos fortes. São as empresas e organizações que se

estabelecem e são duradouras, e as relações acabam sendo mais formais, não necessitando de tantas interações.

Figura 2 – Mapa da Qualidade da Interação (QI)



Fonte: Manzini (2017, p. 123).

Com base nos mapas de EP e QI, é possível observar a diversidade dos encontros colaborativos e suas características. Não existe receita ou instruções, cada organização colaborativa traça seu próprio caminho dependendo da situação e dos participantes. A seguir, no subcapítulo 2.2.2, são observados, também, os papéis desses participantes e a importância destes, nesse processo. Portanto, a colaboração apresenta-se de diferentes maneiras, não existindo certo ou errado, aqui.

A seguir, é apresentado o nosso olhar sobre o que é sustentabilidade, e sobre a importância desta para as organizações, de modo geral, e, principalmente, como a sustentabilidade relaciona-se com as comunidades criativas.

2.2 Sustentabilidade

Uma mudança de paradigma está acontecendo. A transição para sustentabilidade conduz a uma transformação cultural, social, econômica, para produção de novos sentidos. A vida de todos os seres vem sendo ameaçada, a

cada vez em que o meio ambiente é atacado. Desequilíbrios ecológicos são frequentes, e decorrem de um modo de vida em que não há equilíbrio nas relações, sejam elas sociais, animais, vegetais ou cósmicas. A relação subjetividade e exterioridade é comprometida pelo regresso comportamental.

As articulações de políticas públicas têm como foco a produtividade econômica, e não abrangem a questão como um todo. O foco no produtivismo desenvolvimentista promove reações em cadeia, que começam com o desemprego e vão até o subjetivo coletivo, provocando desequilíbrios psicológicos (GUATARRI, 1999).

Segundo Guatarri (1999), uma crise ecológica desdobra-se em uma crise social cujo retorno só se daria através de uma revolução global que pode afetar todos os núcleos sociais, principalmente países de terceiro mundo. O princípio ecológico entendido pelo autor é referente ao nosso habitat, o território que possibilita a existência do ser enquanto corpo, natureza, nação e humanidade. Portanto, o estudo das ecologias é a base para se compreender e transformar o mundo atual para um caminho sustentável, ou seja, partir do tratamento de danos é insuficiente para essa transição. Para Guatarri (1999), para essa mudança acontecer, é preciso de uma articulação ético-política, ou ecosofia. O autor, que entende a sustentabilidade a partir de três registros ecológicos que são: o do ambiente, mudar o foco das atividades humanas para a vida na Terra; o das relações sociais, compreender as mudanças e fenômenos sociais a partir da lógica da equidade; e o da subjetividade humana, respeitar diferenças culturais mantendo a ética e moral, em todos os níveis sociais.

Capra e Luisi (2014), ao discutirem sustentabilidade, também partem da concepção da ecologia. Os autores seguem as ideias trazidas pelos biólogos, no meio do século XX, um novo olhar da biologia organísmica, no aspecto de organização das relações. Capra e Luisi (2014) utilizam do termo sistema para entender organismos vivos e sistemas sociais. Sistema quer dizer pensar na totalidade, ou seja, o pensamento sistêmico é aquele que é gerado através das relações, só existindo a partir delas.

O autor fala que nenhuma das partes possui o conhecimento que o todo possui. Esse tipo de pensamento é oposto ao analítico, porque ele considera o contexto em uma totalidade maior, enquanto o analítico considera as partes independentemente do contexto. Essa base teórica promove um novo pensamento

para uma nova prática. O pensamento ecológico pode gerar mudanças nas práticas sociais, políticas e tecnológicas (CAPRA; LUISI, 2014).

A sustentabilidade da perspectiva econômica também deve ser discutida para uma mudança de paradigma. Latouche (2009), professor e pesquisador em economia, entende a sustentabilidade a partir do decrescimento, isto é, para o autor, o desenvolvimento sustentável parte de uma perspectiva produtivista de eterno crescimento, a qual jamais seria possível ser sustentável. O decrescimento, segundo o autor, é um projeto político no sentido construtivista, propondo uma hipótese a partir de uma análise da realidade, tendo como fim uma sociedade convivial e autônoma, através de um processo progressista aberto às transições sociais. Como forma de explicitar a proposta, o autor apresenta o círculo virtuoso do decrescimento sereno, reduzido em 8 objetivos que representam as ideias teóricas do autor, sendo eles: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar.

Latouche (2009, p. 58) deixa claro que a prioridade ou alteração dos conceitos é realizada conforme o contexto e situação inferida, mas acredita que é uma utopia concreta a um “processo de decrescimento sereno, convivial e sustentável”, pois são objetivos factíveis dentro da construção ideal, para o autor.

É um círculo pois “as etapas se confundem e interagem continuamente”. Entre os objetivos, Latouche destaca 3 como pilares estratégicos dessa transformação:

A reavaliação, porque ela preside a toda mudança, a redução, porque ela condensa todos os imperativos práticos do decrescimento, e a realocação, porque ela concerne à vida cotidiana e ao emprego de milhões de pessoas (LATOUCHE, 2009, p. 58).

A sustentabilidade, aqui, é entendida através do pensamento da mudança radical de pensamento, comportamento e processo. Compreendendo desta forma, a solução não está em projetos que remediam ou melhoram problemas, mas sim, na busca de uma sustentabilidade que acompanhe as mudanças e necessidades sociais. Dessa forma, a pesquisa em design tratada aqui compreende a sustentabilidade de modo intrínseco ao projeto, de modo que amplia o foco somente nos produtos e nas técnicas de produção, e volta-se para os problemas da sociedade, desenvolvendo métodos e ferramentas de maneira a produzir conhecimento e gerar valor.

A visão holística é discutida nas 3 perspectivas teóricas trazidas, neste capítulo, sobre sustentabilidade, da filosofia de Guatarri (1999), a economia de Latouche (2009), e, por fim, a biologia de Capra e Luisi (2014). A importância desta visão para este trabalho está relacionada à perspectiva da autora, assim como ao contexto em prisma, que são os ecossistemas criativos de moda sustentável, em Porto Alegre/RS. O problema encontrado por esta pesquisa está presente em diversas iniciativas locais, portanto, a visão sistêmica ajuda a compreender o todo, e a elaborar estratégias que beneficiem todo o ecossistema criativo. Como forma de elucidar o assunto, no próximo subcapítulo, é discutido o conceito de ecossistemas criativos.

2.2.1 Ecossistemas criativos

A perspectiva sistêmica discutida no título anterior tem como base a ecologia profunda, ou seja, o meio ambiente é considerado em todo tipo de organização. A partir deste mesmo olhar, surge o termo “ecossistema”, para nomear as redes de organismos individuais. Segundo Capra e Luisi (2014), ecossistema é definido como uma comunidade de organismos e seu ambiente físico, interagindo com uma unidade ecológica.

Ouden (2012) também considera que o termo “ecossistema” está relacionado à flexibilidade de adaptação a diferentes ambientes. Faz todo o sentido a utilização desse termo na complexidade de mudanças que o mundo vive, a crise econômica e política, mudanças climáticas. Se as organizações não se adaptam e não inovam dentro desses ambientes, elas não sobrevivem. Por isso, o termo é usado como uma metáfora para criação de negócios com objetivo de gerar inovações significativas que atinjam todos os níveis de valor.

O modelo industrial de cadeia de valor em que, em uma ponta, fica o produtor, e na outra, o usuário, não funciona dentro dessa complexidade entendida. Isso porque os papéis não são limitados – muitas vezes, o usuário participa da criação, como também o produtor utiliza dos próprios produtos. Portanto, segundo Ouden (2012), a cadeia de valor está se tornando obsoleta, em razão de seu formato não ter flexibilidade às rápidas mudanças vivenciadas na complexidade do mundo atual. Assim, a mudança está se dando para um formato de rede de valor, visto que a rede se adapta com maior facilidade a essa rapidez.

Segundo Capra e Luisi (2014), as relações não permanecem estáticas. Os papéis executados dentro de uma empresa, por exemplo, mudam e evoluem, de acordo com as relações e interesses. Conforme Ouden (2012), essas interações sociais são marcadas pela interdependência e coevolução. Isso quer dizer que, conforme as trocas acontecem, os envolvidos evoluem, crescem a partir dos aprendizados. Questões ambientais, sociais, culturais e econômicas devem ser acompanhadas e consideradas. Para isso, a rede de valor é capaz de atender a essas mudanças, ao contrário da cadeia de valor, que necessita de uma mudança drástica para se adaptar.

Segundo Ouden (2012), a diversidade de atores também é importante para rede, pois traz conhecimentos, de forma que se complementam, e que geram valores em comum. Segundo a autora, as trocas de conhecimento tácito e inovação tecnológica estão se tornando cada vez mais relevantes para as organizações, visto que os valores estão se convertendo intangíveis com foco no conhecimento. Para Ouden (2012), essa dinâmica é essencial para uma inovação transformadora, pois a abertura e flexibilidade nas relações garante o valor para todos os atores.

Na visão de Ouden (2012), os valores do usuário e organização são compreendidos pelo ecossistema, que, por conseguinte, é compreendido pelo valor da sociedade. A definição da autora para ecossistema está relacionada a um contexto organizacional (organizações privadas ou públicas, que visam lucro ou não), entendendo o ecossistema como todos os colaboradores envolvidos de alguma forma, sejam na definição, criação, realização ou extensão de um projeto ou organização (OUDEN, 2012).

Franzato *et al.* (2015) também discutem sobre o assunto, na perspectiva do Design Estratégico. Para os autores, ecossistema é definido como:

[...] conjuntos de espécies/materiais naturais, ou como organismos sociais com padrões de organização, de natureza complexa e dinâmica. É como organismos sociais em interação, com capacidade de adaptação e sustentabilidade e produtores de múltiplas conexões que são aqui compreendidos (FRANZATO *et al.*, 2015, p. 158).

Compreende-se, então, que ecossistema é um conjunto de atores, humanos e não humanos, de uma localização e/ou setor que, por proximidade e benefício, realizam trocas para sobrevivência. Por exemplo, um ecossistema de mobilidade urbana de uma cidade representa as pessoas que moram na cidade. São turistas

que visitam, são pesquisadores e entidades públicas que desenvolvem projetos para mobilidade, associações de bairros, motoristas de transporte público e privado, os próprios automóveis e bicicletas. Todos esses papéis citados interagem de forma dinâmica, ou seja, o pesquisador que também caminha pela cidade, o motorista de ônibus que conhece o trânsito, e pode ser designer difuso, em um projeto de inovação.

A partir desse entendimento, é possível discutir-se os ecossistemas criativos, segundo Franzato *et al.* (2015), são ecossistemas culturais caracterizados por seus processos criativos, e tem como resultado dispositivos sociotécnicos (artefatos, processos ou sistema), possivelmente originais e inovadores. A pesquisa de Franzato *et al.* (2015) tem como foco os ecossistemas criativos guiados à inovação social e cultural. Segundo os autores, existem três fatores que caracterizam esses processos, que são:

a) Atores que contribuem direta ou indiretamente para a criação, o uso e a inovação dos dispositivos; b) recursos materiais e imateriais disponíveis para a expressão da criatividade; e c) situações criativas, combinações circunstanciais desses atores e desses recursos (FRANZATO *et al.*, 2015, p. 172).

Seguindo essa linha de pensamento, o design passa a ter características essenciais como a articulação, ativismo social, pensamento coletivo e compartilhado, e tem como objetivo o processo projetual ecossistêmico, e não mais o produto final em si. Essa perspectiva influencia no modo de fazer do designer, trabalhando os aspectos de projeção com um olhar sempre para o futuro, e envolvendo toda sociedade e meio ambiente. Portanto, tira o crescimento econômico e produtivo do centro, e passa a difundir um pensamento mais equilibrado, levando em consideração os valores estético, cultural e social (FREIRE, 2017; FRANZATO *et al.*, 2015).

Em virtude de todos os atores da rede possuírem um objetivo em comum, a organização não requer hierarquia, e as iniciativas são feitas de maneira autônoma. A visão não é centrada em uma empresa, mas sim, na coprodução e nas ofertas que surgem para gerar real valor para a rede. Qualquer tipo de controle diminui a eficácia e inovação do processo, pois elimina a característica de variedade, como também capitaliza a economia de trocas do grupo.

Além disso, é importante buscar a perspectiva dos outros para entender a dinâmica da rede. Em função dessas características, os limites acabam não ficando claros, e gerenciar inovações torna-se complexo. A estrutura existente, de certa forma, freia a inovação, porém, são as redes que fornecem subsídios para inovação. Com base nessas questões, na próxima seção, é discutido o papel do designer, e como ele pode colaborar para inovação dentro dos ecossistemas, tendo como foco a moda.

O trabalho de Ouden (2012) fala sob a perspectiva da transformação do mundo atual, propondo essa nova concepção dentro do design e da administração, que converge com o pensamento sistêmico. Para Ouden (2012), ecossistema está ligado ao desenvolvimento de relações/conexões que só acontecem através da união de organizações e usuários.

Conforme Ouden (2012), não existe hierarquia no ecossistema, porém, existem papéis que cada organização apresenta, dentro desse ecossistema. Por exemplo, “fornecendo parte da inovação, aconselhando usuários, prestando serviços de manutenção ou aprovando um novo produto antes da introdução no mercado” (OUDEN, 2012, p. 17).

Atualmente, a indústria da moda opera de maneira insustentável, em um contexto em que os atores não interagem, e a cadeia não se comunica (FLETCHER; GROSE, 2011; GWILT, 2014; BERLIM, 2012; SALCEDO, 2014; HETHORN; ULASEWICZ, 2009). A partir desse fato, este estudo tem o intuito de discutir os ecossistemas criativos e seus processos colaborativos, como modos de operar na moda para descontinuidades sistêmicas. O caso estudado aqui é o Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre/RS. Esse ecossistema é formado por um conjunto de pessoas da cena local, que buscam tornar a moda mais ética e transparente, de modo a valorizar a economia local e ter reconhecimento nacionalmente por tal. A fim de integrar competências de diferentes tipos de atores, o Ecossistema é formado por universidade, pequenas e grandes empresas, cooperativas, instituto, pesquisadores, empreendedores, designers e artesãos. Existe há cerca de 2 anos, e, nesse período, já foram desenvolvidos diversos projetos, sendo 12 deles acompanhados e analisados nesta pesquisa.

2.2.2 Inovação - inovação social

Segundo Ouden (2012), a inovação, muitas vezes, é entendida por novidades tecnológicas diretamente relacionadas a aperfeiçoamento de produtos. Mas, para a autora, inovação significa trazer benefícios à sociedade, de forma que seja bom para o usuário, para a organização, e que envolva todo o ecossistema.

Dentro dessa perspectiva, para a inovação ser significativa e disruptiva, precisa gerar valor para todos os envolvidos – não bastando ser interessante para a organização, mas o usuário não comprar a ideia, por exemplo. O desenvolvimento legislativo é muito importante para a sociedade como um todo, como, por exemplo, a política nacional dos resíduos sólidos (ver subcapítulo 2.2.1). No entanto, a mudança radical de estruturas de um sistema precisa mudar o comportamento das pessoas, de forma a envolvê-las e atraí-las (OUDEN, 2012). No momento em que todos compreenderem a importância da não geração de resíduos, e da produção e compra consciente, por exemplo, será possível uma transformação através da influência e vontade de mudar.

Os autores Vezzoli, Kohtala e Srinivasa (2018) entendem esse tipo de inovação como inovação sistêmica, que visa a transição para sustentabilidade. Eles afirmam:

No âmbito da inovação sistêmica a otimização ocorre não somente no que diz respeito a produtos, serviços e sistemas de produção. Novos modos de provimento da satisfação das necessidades de consumo e, também, novas infraestruturas, práticas de planejamento e sistemas de incentivo são desenvolvidos e implementados para promover estilos de vida mais sustentável (VEZZOLI; KOHTALA; SRINIVASA, 2018, p. 42-43).

No âmbito dos ecossistemas criativos, a inovação está diretamente relacionada a questões sociais, visto que há uma demanda por mudança social, e que não é suprida pelas empresas e governo. Com os modelos econômicos tradicionais não sendo suficientes, surgem iniciativas sociais que, aliadas à criatividade, podem gerar inovações radicais e descontinuidades, tanto no modo de fazer como no modo de pensar.

No design de moda, para Fletcher e Grose (2011), as melhorias técnicas voltadas à sustentabilidade são importantes. Entretanto, a transformação efetiva só acontece quando as soluções buscam novos valores. Para a autora:

Sem análise das estruturas, motivações e práticas de negócio estabelecidas, a busca de qualidade social e ambiental continuará superficial e nunca passará a um ponto de florescimento (isto é, de sustentabilidade) para os sistemas humanos e não humanos (FLETCHER; GROSE, 2011, p. 75).

Neste cenário, no qual o sistema econômico atual não dá conta dos desafios da sociedade, a inovação social, ou seja, as novas ideias dirigidas a necessidades da sociedade, vem sendo cada vez mais presente (MANZINI, 2017). Para essas inovações serem significativas, precisam gerar valor para todos os envolvidos, sociedade, usuário, organizações. Isso se faz possível através do trabalho colaborativo dentro de redes de ecossistemas (OUDEN, 2012).

Essa lógica também faz sentido dentro do design de moda, pois, mesmo na sua forma mais tradicional de produção de uma roupa, os sistemas são extremamente complexos, e ainda funcionam em forma de cadeia. Essa forma de produção em cadeia não faz mais sentido dentro do contexto atual. A mudança só numa ponta da cadeia não afeta as outras, e não muda o sistema geral. Para Fletcher e Grose (2011), é preciso se afastar desse modo tradicional e compreender o que motiva os sistemas maiores. Os problemas tornando-se cada vez mais complexos. Para Manzini (2017), o design precisa de um novo tipo de conhecimento, que seja acessível e distribuído, de forma que possa ser discutido e aplicado.

A importância de se falar em inovação social, de trazer o assunto como pauta, está no fato de que atualmente com as crises econômicas enfrentadas pela sociedade, e a falta de soluções vindas da política – maneira tradicional de resolver os problemas da sociedade –, a inovação social possibilita alternativas viáveis e criativas, tornando-se um agente de mudanças, reinventando modos de viver. (MANZINI, 2017). A inovação social nada mais é do que o uso da criatividade, de forma inovadora, em prol da sociedade, de maneira a desenvolver novos comportamentos, novas relações.

Isso acontece, desde sempre, com o ser humano. Entretanto, atualmente, com a ampliação da comunicação e das redes, e com os problemas complexos que a humanidade tem enfrentado, torna-se cada vez mais frequente a necessidade de transformação (MANZINI, 2017).

A criatividade, senso crítico e senso prático, principais características do design, segundo Manzini (2017), são requisitos importantes para inovação social, sendo praticados tanto por designers especialistas (profissionais de design), como designers difusos (pessoas com capacidades de design). A diferença é que o designer especialista dispõe de ferramentas que dão suporte e instigam o processo, e também carregam consigo a cultura do design. Sendo assim, a inovação social tem sido uma nova maneira de se fazer design, que requer dos profissionais uma cultura na qual o centro do projeto é a sociedade, e não mais os produtos.

Enquanto o design tradicional converte as tecnologias disponíveis em produtos convenientes para a sociedade, a lógica do design para inovação social é compreender as necessidades da sociedade, para, então, desenvolver projetos a partir dos diálogos sociais com atores de mesma ordem que possuem o mesmo interesse. Essa definição, trazida por Manzini (2017), para o design, faz sentido também para o campo da moda. O modelo de negócio predominante na área é voltado apenas para a rápida produção a baixo custo, ignorando a diversidade cultural e gerando impactos negativos sociais e ambientais. Para Fletcher e Grose (2011, p. 124): “O impacto dessa dinâmica sobre os ecossistemas e os trabalhadores está no cerne do desafio da sustentabilidade para moda”.

Na definição de Manzini (2017), a abordagem do design para inovação social orienta um processo de mudança social para sustentabilidade. Nesse sentido, a busca pela sustentabilidade na moda não deve ser apenas tecnológica, com foco somente no meio ambiente ou economia. Para as mudanças serem significativas, é necessário regenerar o tecido social.

Outro aspecto importante para se pensar a inovação social dirigida pelo design é o papel a ser desempenhado no processo. Para isso Freire (2017), em seu artigo Inovação social dirigida pelo design, apresenta 5 papéis importantes para o processo projetual, que são: Antena, Visionário, Experimentador, Conector e Mentor. A Figura 3, desenvolvida por Freire (2017), contém as características e habilidades para exercer cada papel com qualidade.

Figura 3 - Papéis do designer, no processo de desenvolvimento de inovações sociais

Papel	Características	Habilidades
Antena	Está atento às mudanças no contexto sociocultural. Desenvolve pesquisas sobre os contextos de vida das pessoas e interage com os intérpretes, estimulando o discurso projetual. Obtém <i>insights</i> em relação a comportamentos, motivações, problemas e oportunidades da vida cotidiana. Identifica protótipos de novas formas sustentáveis de vida em sociedade, e, a partir desse aprendizado, busca apoiá-las e empoderá-las.	<ul style="list-style-type: none"> • Projetar métodos de pesquisa • Escutar • Dialogar • Empatizar • Interpretar • Sintetizar
Visionário	Alimenta o grupo com o seu repertório projetual. Enxerga futuros possíveis e imagina cenários mais sustentáveis capazes de provocar discussões construtivas no grupo de trabalho. Tem a missão de tirar as pessoas da zona de conforto. É o catalisador do início do processo de inovação. Conecta as experiências reais das pessoas para informar e influenciar as tomadas de decisão estratégicas. Contribui com a formulação e a visualização da estratégia. Usa dessa comunicação para unir grupos de <i>stakeholders</i> discrepantes.	<ul style="list-style-type: none"> • Antecipar criticamente o futuro • Pensar de modo visual • Produzir imagens sedutoras • Dialogar • Inspirar <i>stakeholders</i> a pensar criativamente na compreensão dos desafios e na criação de respostas inovadoras.
Experimentador	Acredita que nada é impossível e tenta algo que nunca tenha sido feito antes. Envolve-se no processo de descoberta. Relaciona-se com os usuários para projetar com e para eles. Replica soluções de outros contextos para resolver desafios sociais. Desenvolve e prototipa as soluções imaginadas. Testa soluções de modo a viabilizá-las tecnicamente.	<ul style="list-style-type: none"> • Assumir riscos • Contornar burocracias • Dialogar • Construir modelos e protótipos
Conector	Mapeia os recursos físicos, humanos e estratégicos necessários para a inovação social. Compreende as interações, problemas e oportunidades no estabelecimento da rede projetual. Estabelece e busca relacionamentos mais sustentáveis na rede projetual. Integra diferentes pensamentos, filosofias e abordagens vindos dos diferentes grupos de <i>stakeholders</i> . Possibilita melhor sinergia, colaboração e participação das pessoas, mobilizando e estimulando o raciocínio de outras pessoas. É o condutor do processo de transferência de conhecimento, de processos e de métodos do design para a organização.	<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar • Projetar ferramentas para estimular a colaboração criativa • Engajar
Mentor	Busca formas de apoiar os empreendedores no desenvolvimento e na implantação de modelos de negócios sustentáveis. Age como defensor do projeto e faz <i>lobby</i> para conseguir apoio para a implantação.	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicar • Seduzir • Liderar • Ser resiliente • Perseverar

Fonte: FREIRE (2017, p. 120).

O designer, nesse processo, tem o papel de nutrir um ambiente cultural, econômico e institucional mais favorável para que isso aconteça. Esse propósito está presente no design que está emergindo. As habilidades desse especialista são direcionadas a reconhecer casos promissores, de maneira a ativá-los, promovendo a acessibilidade, eficácia, e torná-los replicáveis e duradouros. Além disso, é importante ressaltar a importância do diálogo social, com objetivo de mudar conceitos e ter um ponto de vista em comum, situação na qual escutar é tão importante quanto falar. Essa conversa dialógica faz parte do codesign, “processo

no qual todos podem apresentar ideias”, “ouvir, mudar de opinião e convergir a uma opinião em comum”. Esse processo emerge dentro de relações, organizações em redes (MANZINI, 2017; FREIRE, 2017). Na próxima seção, são abordados os principais impactos da cadeia produtiva de moda, e compreender os caminhos possíveis a serem traçados para uma possível sustentabilidade no setor.

2.3 Moda sustentável

O entendimento do que é moda envolve diversos fatores, e é interpretado e utilizado de diferentes formas. Para melhor compreensão, Avelar (2011) distingue o significado etimológico do sociológico. O primeiro, segundo o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1940), é:

Maneira, gênero, estilo prevalente (de vestuário, conduta etc.); conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano num dado momento histórico [...] um grande interesse, fixação, mania.

Nesse caso, não está necessariamente ligado ao vestuário, podendo ser um modo de falar, ou um objeto qualquer. Já o significado sociológico entende a moda como uma dinâmica social, um ciclo que gera identificação com certo grupo, mas, ao mesmo tempo, também resulta em identidade individual. Atualmente, com efeitos da globalização e industrialização, o termo está mais ligado ao vestuário e à indústria da moda. Através da tecnologia, foi possível a difusão cada vez mais rápida da moda, por meio das redes de conexão. Porém, a busca por uma identidade, por um significado do ser, tornou-se igualmente constante.

Essa busca faz com que os consumidores estejam o tempo todo atrás de novidades, e as indústrias produzindo roupas descartáveis, e incentivando o consumidor a mudar o guarda-roupas, a cada mês. A questão é: a que custo estamos fazendo essa moda, e como queremos a moda no futuro.

Em decorrência da produção e consumo em massa, e da falta de padrões de sustentabilidade, a indústria da moda atualmente é uma das que geram mais impactos negativos à sociedade e ao meio ambiente. A utilização desequilibrada de recursos naturais, segundo Manzini e Vezzoli (2005), traz uma grande preocupação, já que existe a possibilidade de esses recursos ficarem escassos. A grande problemática da escassez dos recursos é o grau e a velocidade com os quais

consumimos, pois, se consumíssemos mais lentamente, respeitando o tempo e os mecanismos naturais, seria possível uma renovação desses recursos.

Vários impactos são causados, durante a produção de um produto, como a emissão de toxinas, CO₂, entre outros gases que provêm das indústrias de transformação. Fletcher e Grose (2011) complementam apontando que a emissão de CO₂ tem relação direta com a escolha de uma fibra têxtil, em relação ao uso de energia, na indústria da moda. As autoras também falam sobre o esgotamento de materiais não renováveis, como o petróleo, que atingirá seu limite de extração e se tornará menos produtivo. Fletcher e Grose (2011) fazem, também, uma reflexão sobre o uso da água, apontando que existem pesquisas que mostram que, se o uso de água continuar no mesmo padrão de consumo, em pouco tempo, iremos enfrentar uma escassez mundial desta.

A indústria da moda consome intensivamente a água, em suas produções, e um exemplo disso é a produção de algodão. Segundo Fletcher e Grose (2011), para a produção de uma blusa de algodão e Tencel, são necessários 379 litros de água. Além das consequências ambientais, existem questões sociais e culturais em que a moda gera diversos impactos negativos. Como principal exemplo disso, que, hoje, já é amplamente disseminado, tem-se a exploração da mão de obra, já tendo sido descobertos muitos casos de indústrias de moda que trabalham com a mão de obra análoga à escrava. Exemplo disso é o documentário "*The True Cost*", que fala sobre o verdadeiro custo da moda, mostrando, além das questões trabalhistas, o impacto, em diversas culturas, pelo lixo da indústria e apropriação cultural das comunidades. No Brasil, em 2017, foram registradas pela Organização Não-Governamental (ONG) Repórter Brasil², mais de 37 marcas de 2 moda envolvidas com trabalho escravo, nos últimos 8 anos.

Para tanto, Lewis (2009) questiona se, para mudar toda essa concepção industrial para um design sustentável, o termo continuaria sendo "moda". Ele fala que essa questão, de desconectar o design sustentável da moda convencional, é extremamente complexa, visto que envolve o recomeço de um sistema inteiro. Entretanto, mais importante do que colocar em oposição um ao outro, é desenvolver

² COM Animale e A. Brand, Brasil registra 37 marcas de moda envolvidas com trabalho escravo nos últimos oito anos. In: **Repórter Brasil**. São Paulo, 19 dez. 2017. Disponível em <https://reporterbrasil.org.br/2017/12/com-animale-e-a-brand-brasil-registra-37-marcas-de-moda-envolvidas-com-trabalho-escravo- nos-ultimos-oito-anos/>. Disponível em: 12 jul. 2020.

a moda sustentável criando uma estrutura através de mudanças sistêmicas. Por isso, neste trabalho é considerado o termo design de moda, como todo o sistema e ciclo que envolve a vestimenta. Como falado anteriormente, a produção de uma peça de roupa gera diversos impactos, e, além disso, ela é consumida de forma muito rápida, e acaba, na maioria das vezes, em aterros sanitários, gerando maiores impactos ainda.

Para a pesquisadora de moda sustentável Gwilt (2014), a moda sustentável deve considerar diversos aspectos, como sociedade, meio ambiente e economia, de forma a equilibrar essas dimensões. Fletcher e Grose (2011) compreendem também a dimensão cultural do design, destacando que a valorização da cultura local, bem como a produção local, é de extrema importância. O que acontece, muitas vezes, é a busca por inspiração, em certas culturas e simbolismos. Entretanto, a produção desvia totalmente, levando à confecção de menor custo em locais distantes, de forma a prejudicar a produção local e desvalorizar os elementos culturais da região (FLETCHER; GROSE, 2011). Esse processo de mudança é longo, e com o fenômeno da globalização, a complexidade aumenta, sendo necessário estar a par dos avanços tecnológicos, e mudanças sociais e culturais.

O caminho é longo. Entretanto, a questão é emergente. Devido a essa emergência atual por caminhos mais sustentáveis, a Organização das Nações Unidas (ONU) desenvolveu a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Um dos objetivos de desenvolvimento sustentável é assegurar padrões de consumo e produção sustentável, e dentro disso está a meta de, até 2030, reduzir substancialmente a geração de resíduos, por meio da prevenção, redução, reciclagem e reuso (ONU, 2015).

Só no Brasil, segundo dados da Sinditêxtil (2012), por ano, são geradas cerca de 175 mil toneladas de resíduos provenientes da indústria de confecção, sendo a maior parte direcionada para aterros sanitários. Em Porto Alegre/RS, existem diversas iniciativas e projetos que englobam essa temática. Entretanto, falta a potencialização e sistematização dessas ações. No próximo capítulo, apresenta-se de que forma podemos trabalhar essa questão, bem como a estratégia metodológica utilizada, e os próximos passos da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é guiada pela metodologia da ciência social aplicada, através do método da pesquisa participante, junto à análise de documentos. Esta estratégia utilizada busca atender ao objetivo geral do trabalho, que é explorar processos colaborativos de Design Estratégico para promoção de descontinuidades sistêmicas, no sistema da moda local, por meio do Ecosistema da Moda Sustentável de Porto Alegre. A observação participante vai além da análise de dados e documentos, tornando o pesquisador ativo, e dando voz aos participantes. Segundo Thiollent (1986, p. 103):

A observação participante, ou a observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Neste estudo, as pesquisadoras são parte do grupo investigado, o Ecosistema da Moda Sustentável, promovem ações, e, desde a concepção do grupo, têm interesse acadêmico no assunto. Além disso, o envolvimento colaborativo do grupo, através de conversas dialógicas e organização horizontal, facilita a participação e cooperação das pesquisadoras com a situação investigada. O conhecimento obtido através da observação participante, nesse caso, tem maior potencial do que outra abordagem mais analítica, por exemplo. As conexões desenvolvidas, ao longo do trabalho do grupo (entre consumidor, pesquisador, marca, indústria), geram novos conhecimentos.

Somente entrevista das partes dissociadas do ecossistema não seria suficiente para o objetivo deste trabalho, uma vez que não seria possível visualizar-se o todo, as conexões que surgem a partir de outras. Outra questão importante para escolha deste método foi a rapidez das trocas através das plataformas, que necessita do acompanhamento participativo para compreender as atividades. Além disso, o uso desse método está totalmente ligado aos conceitos trabalhados neste estudo, como o entendimento sobre sustentabilidade a partir da teoria de sistema de Capra e Luisi (2014), e dos processos colaborativos de Manzini (2017). Isso quer

dizer, agir para transformação social requer uma visão sistêmica que compreenda a interação entre os atores.

3.1 Coleta de dados

Os dados utilizados nesta pesquisa são registros produzidos pelo grupo de pessoas que faz parte do Ecossistema da Moda Sustentável. O ecossistema surgiu como estratégia de uma da Pesquisadora da Unisinos, com o objetivo inicial de unir indústria e varejo da moda do Estado do Rio Grande do Sul. A ideia era de que, unindo esses diferentes setores da moda, fosse possível pensar ações sustentáveis para transformação desse ecossistema. Para isso, a pesquisadora também uniu iniciativas de moda sustentável locais, para projetar essas estratégias para indústria e varejo, e, assim, promover as marcas locais.

Com isso, surgiu o apoio do Instituto Lojas Renner S.A. para bolsas de pesquisa acadêmica no assunto, como forma de potencializar essa transformação. A partir disso, com o fundo de apoio, foi possível iniciar esta pesquisa, e fazer parte desse ecossistema, para participar e explorar as possibilidades projetuais e de pesquisa. Como ouvinte nas reuniões do grupo, a observação começou através de relatórios mensais de cada reunião, para registro do grupo e para esta pesquisa. Com essa observação, e com estudo da teoria sobre Design Estratégico e Colaboração, sentiu-se a necessidade de uma postura de escuta ativa, ou seja, ouvir e entender as falas dos participantes, assim como, também, contribuir. As contribuições aconteceram de modo a promoverem diálogos e encontros estratégicos, a fim de estimularem o pensamento projetual e sistêmico do grupo.

A partir dessa participação no grupo, foi possível compreender-se o cenário local e as necessidades e questões. Com isso, surge a ideia e direcionamento da pesquisa, para colaboração com as questões sociais locais, e exploração acadêmica desse conhecimento de grande relevância, como já mencionado na justificativa.

Assim, percebeu-se a necessidade do uso das plataformas online de comunicação, e a fonte de dados que podia ser explorada a favor da comunidade. Slack, WhatsApp e relatórios são diferentes modos de compreender as informações em uma totalidade, no sentido de entendimento de toda situação e contexto de conversas. Com criação e análise das plataformas, foi possível identificar-se todos

os atores que contribuíram para essas ações, que nem sempre estavam nas reuniões presenciais. Assim, todos os atores que foram, de alguma forma, relevantes para essa pesquisa são mencionados no Quadro 1, com a respectiva ocupação e interesse no grupo.

Classificou-se dessa forma para entender-se como a participação de cada um influenciou o ecossistema. Depois da identificação dos participantes, sentiu-se a necessidade de realizar-se entrevistas em profundidade, com duas participantes (P1 e P6), para compreender-se a visão delas sobre os processos projetuais do grupo, considerando-se a sua grande interação no grupo e a diversidade de perfis e conhecimentos. Com essas entrevistas, abriu-se um leque maior de possibilidades de pesquisa, como aprofundamento das análises dos dados das plataformas e os diferentes casos de iniciativas do grupo.

Os dados analisados são trocas de mensagens do grupo de WhatsApp (Ecosistema Criativo – nome anterior do Ecosistema da Moda Sustentável). Até o dia 20/01/20, foram no total 4.972 mensagens de texto; 623 fotos; 21 vídeos; e 38 mensagens de áudio, de 50 participantes. E, também, do grupo do Slack (moda-sust-rs.slack.com), até o dia 20/01/20, sendo, no total, 3.257 mensagens de texto, e 2GB de arquivos trocados, de 80 participantes. A partir dessa coleta e primeira fase de análise de dados, foi possível identificar-se os casos mais promissores, para compreender-se os modos colaborativos adotados. Promissores no sentido da diversidade entre envolvimento e intensidade dos vínculos, e também da riqueza de materiais para observação. Além disso, também foram analisados os relatórios desenvolvidos, tanto da pesquisadora como de outros pesquisadores presentes. No total foram 2 anos de pesquisa, análise e ativação desse Ecosistema, onde foi possível acompanhar os projetos desde o início.

Quadro 1 - Participantes dos encontros colaborativos do Ecosistema da Moda Sustentável

Participante	Caracterização	Campo de interesse
P1	Arquiteta, empreendedora de moda, tem uma empresa de camisetas bordadas e outra de lingerie	<i>Upcycling</i> de lingerie
P2	Publicitária, empreendedora e sócia em uma marca de moda sustentável	Troca de materiais

Participante	Caracterização	Campo de interesse
P3	Coletivo de arquitetura	Mobiliários feitos de resíduos
P4	Grupo da indústria criativa	Entender sobre resíduos da moda
P5	Empresa de logística reversa de resíduos recicláveis	Trabalhar com têxteis
P6	Empresa de engenharia de materiais	Troca de conhecimento
P7	Ativadora e mentora do Ecosistema/ Pesquisadora 2	Incentivar o crescimento da sustentabilidade na moda e ter o Estado como modelo de inovação social na área
P8	Gestora do Banco de Tecido POA e pesquisadora de moda sustentável	Ecosistema local favorável ao crescimento do Banco de Tecido
P9	Designer de moda, mestre em Design Estratégico	Pesquisar e desenvolver projeto de <i>upcycling</i>
P10	Bióloga, representante de uma empresa que fornece produção de vestuário	Buscar práticas sustentáveis para empresa que trabalha
P11	Coletivo de moda	Conexão e suporte entre marcas
P12	Instituto de indústria local de varejo	Conectar-se ao contexto local da moda e buscar ações sustentáveis para empresa
P13	Mestranda em Design Estratégico e bolsista	Artesanato e Design
P14	Mestrando em Design Estratégico e bolsista	Fotografia e Moda
P15	Mestranda em Design Estratégico e bolsista	Empreendedorismo feminino
P16	Mestranda em Design Estratégico e bolsista	Resíduos calçadista
P17	Mestranda em Design Estratégico e bolsista	Negritude na moda
P18	Mestranda em Design Estratégico e bolsista	Modelagens sustentáveis
P19	Mestranda em Design Estratégico e bolsista	Sustentabilidade no Ecosistema da Moda
P20	Professora de moda, mestranda em Design Estratégico e bolsista	Empreendedorismo sustentável
P21	Mestre em Design Estratégico	Sustentabilidade em ecossistemas criativos
P22	Mestre em Design Estratégico	Ativismo na moda sustentável
P23	Empreendedor de moda sustentável	Conexão e suporte entre marcas
P24	Representante de indústria local fornecedora de vestuário	Ações sustentáveis na indústria
P25	Empreendedora de moda sustentável	Conexão e suporte entre marcas
P26	Empreendedora de acessórios sustentáveis	Conexão e suporte entre marcas
P27	Empreendedora de moda sustentável	Conexão e suporte entre marcas
P28	Organizadora do evento de brechós	Conexão e suporte entre marcas

Participante	Caracterização	Campo de interesse
P29	Professora e pesquisadora de moda sustentável	Pesquisa na área
P30	Empreendedora de acessórios sustentáveis	Conexão e suporte entre marcas
P31	Estudante e empreendedora de moda sustentável	Ativismo e conexão e suporte entre marcas
P32	Fotógrafo e ativista de moda sustentável	Participação e atuação nas atividades de moda sustentável
P33	Estudante de moda e bolsista de iniciação científica	Adquirir conhecimento na área
P34	Empreendedora em moda sustentável e logística reversa	Trocas com o grupo

Fonte: Elaborado pela autora.

4 ANÁLISE DE DADOS

A seguir, são analisadas 12 atividades projetuais que aconteceram entre os anos 2018 e 2019, no grupo participante e ativo no Ecossistema da Moda Sustentável. Foram selecionados os casos mais promissores para análise dos processos colaborativos, tendo todos eles participação e observação ativa das pesquisadoras desta dissertação. A análise teve como base os mapas de envolvimento de participantes (EP), e da qualidade da interação (QI) de Manzini (2017), e o quadro 'Papéis do designer no processo de desenvolvimento de inovações sociais' de Freire (2017), discutidos no subcapítulo 2.1.1, *Encontros colaborativos*, e 2.2.2, *Inovação social*. A partir dessas bases, foi montada a seguinte estrutura de análise:

Quadro 2 - Resumo da estrutura da análise dos projetos

Caso	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado colaborativo
Resumo do caso analisado	Análise do envolvimento ativo e colaborativo dos participantes no processo projetual e na ativação da ação.	Análise da intensidade do vínculo social e relacional de cada caso para entender a qualidade e equilíbrio entre os vínculos entre os participantes.	Análise das habilidades de atuação de cada participante exercidas em cada caso, classificadas como: Antena, Visionário, Experimentador, Conector e Mentor.	Breve consideração sobre a colaboração em cada caso.

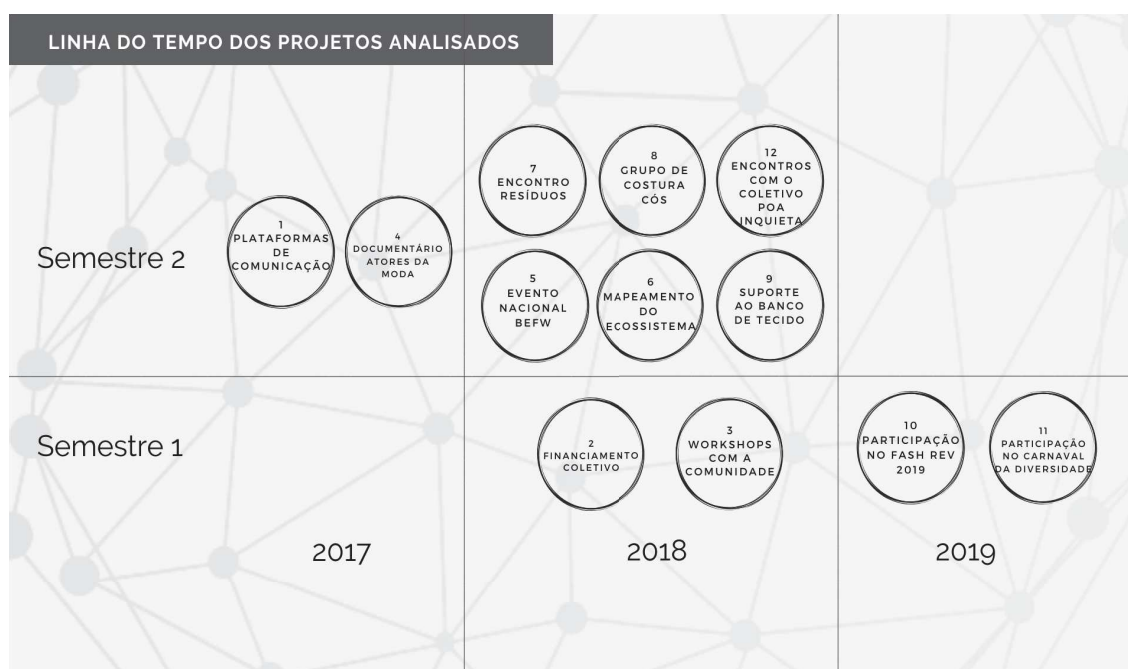
Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise estruturada de cada caso, segue um texto que relaciona os tópicos (envolvimento, intensidade, papel e resultado colaborativo), e discute o impacto social.

4.1 Projetos analisados

Nesta seção serão apresentados os diferentes projetos analisados em cada subtítulo. A figura 4, apresenta a linha do tempo dos projetos.

Figura 4 - Linha do tempo dos projetos analisados



Fonte: elaborado pela autora.

4.1.1 Plataformas de comunicação on-line

Quadro 3 - Resumo análise “Plataformas de comunicação on-line”

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado colaborativo
<p>Plataformas de comunicação on-line</p> <p>Espaços on-line para trocas e discussões do Ecosistema da Moda Sustentável. Plataformas utilizadas: Slack para registros do Ecosistema e grupo de WhatsApp para trocas rápidas.</p>	<p>As ferramentas on-line foram criadas para incentivar a conexão dos participantes no Ecosistema. Nesses espaços tinham todos os projetos descritos desde seu início. Assim, mesmo não participando das reuniões presenciais, várias pessoas se engajaram em projetos que tinham valor comum com seus propósitos.</p>	<p>O Slack teve uma intensidade forte no início, foi utilizado como principal meio de comunicação. Depois de 1 ano de uso, passou a ter uma intensidade fraca sendo utilizada somente para registro dos pesquisadores e por fim se tornou ausente sendo substituída pelo WhatsApp. O WhatsApp foi criado 7 meses</p>	<p>Os designers que atuaram como peças-chave para ativação do Ecosistema, desenvolveram nas plataformas o papel de conectores, a fim de observar as oportunidades e lacunas e incentivar os vínculos entre os participantes para projeção.</p>	<p>As plataformas serviram como espaços de conexão. Alguns projetos surgiram de ideias trocadas nesses espaços, outros projetos tiveram o espaço como um meio de discussão e encontro. O papel do designer conector foi crucial na ativação das relações nas plataformas.</p>

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado colaborativo
		depois do Slack, e oscilou entre maior e menor atividade dependendo dos projetos ativos.		

Fonte: Elaborado pela autora.

O Slack³ foi criado para as discussões principais e armazenamento de dados. Através dele, é possível observar-se todos os documentos e decisões relevantes para ativação do Ecosistema. Primeira mensagem do grupo: “2/10/2017 P7: Espaço para inserir todos os links que fazem sentido para o grupo ligado à inspiração para o futuro sustentável da moda”.

O grupo de WhatsApp teve como objetivo inicial a troca de mensagens rápidas, a fim de atender demandas de caráter urgente, como notificar encontros ou encaminhar projetos, como mostra na primeira notificação do grupo:

25/05/2018 P19: [...] Criei esse grupo aqui no WhatsApp porque nem todos ainda se adaptaram ao slack, então por enquanto vamos articulando as ideias por aqui [...] A ideia do grupo é que a gente fale sobre o encontro da semana que vem com as costureiras do Bom Jesus, e sobre o mapeamento das cooperativas e empreendimentos de moda sustentável aqui em Porto Alegre.

Houve uma tentativa para que a comunicação fosse realizada somente pelo Slack, para centralizar e disponibilizar as informações a qualquer momento de entrada de um novo participante. Isso porque, no WhatsApp, as mensagens são vistas somente a partir da data de entrada do participante. Além disso, a organização do Slack se dá por núcleos de trabalho, facilitando a organização e comunicação, sem interferência de outros assuntos. Embora a ferramenta Slack fosse fácil de ser utilizada, com pessoas auxiliando no seu uso, os participantes do ecossistema não a utilizam como canal de comunicação. A principal questão foi a falta de habilidade com a tecnologia do aplicativo, pois a organização gráfica da plataforma é diferente das comumente utilizadas.

³ Plataforma de comunicação on-line para grupos de trabalho. SLACK. **[Site oficial]**. [S.l.]: Slack, [2013?]. Disponível em: <https://slack.com/intl/pt-br/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

P23: [...] Não sei usar o slack .. se puderem me auxiliar agradeço.
 P19: [...] Quero convidar vocês a nos comunicarmos pelo slack a partir de agora [...] O slack é mais fácil para grupos grandes[...] Quem precisar de ajuda na adaptação eu me disponibilizo a auxiliar. Todos concordam?

Além disso, em algumas comunidades em que o Ecossistema buscava se conectar, não havia acesso à internet, ou havia acesso somente ao WhatsApp, impossibilitando a participação dessas pessoas, na plataforma Slack. A migração para o WhatsApp deu-se, portanto, para agilidade das respostas, pois muitas decisões tinham caráter urgente, e precisavam de respostas rápidas.

P23: Não é melhor usar grupo por aqui? Lá [slack] é muito confuso, eu pelo menos esqueço que existe. P19: No slack conseguimos ter todas as conversas registradas de forma mais organizada...depois que acostuma é muito mais prático. [...] Postei aqui, pra agilizar já que é sobre a reunião da próxima quarta.

A divisão dos participantes entre as plataformas não levou a um acordo comum sobre a forma de comunicação do grupo. Isso interferiu diretamente nos diálogos, já que dependiam da transmissão da informação por algum ator disponível para tal ação. O formato de relação colaborativa que busca resultados coletivos e sustentáveis, a longo prazo, requer espaços abertos para compartilhar informações e decisões, de modo transparente, para que todo coletivo possa ser informado das discussões e decisões tomadas.

Esse tipo de comunicação, aberta e disponível ao protagonismo de todos os participantes é uma solução de comunicação habilitante, pois proporciona independência para comunicação e criação entre todos. As mensagens abaixo são conversas que partiram da designer e pesquisadora J, tendo publicado, nas duas plataformas, uma chamada para participação de um evento.

WhatsApp:

25/09/2018 09:37 - P7: Dia 06 de outubro é o festival da primavera no vila. Vamos festejar inaugurado o espaço? O que precisamos? Quem puxa a organização das atividades? Brechó para arrecadar \$\$\$ foi uma ideia da P2. O que acham?

25/09/2018 09:39 - P8: Acho ótimo

25/09/2018 09:40 - P14: Posso contribuir para o brechó [...]

25/09/2018 09:42 - P9: Posso fazer ecobags e saquinhos do ecossistema para vendermos junto

25/09/2018 09:43 - P7: E se as marcas doassem um produto que está há tempo parado no seu estoque para vendermos como contribuição ao ecossistema?

05/10/2018 17:33 - P8: Gente, quem vem amanhã de manhã pra ajudar a organizar brechó e tudo mais?

05/10/2018 17:38 - P2: Quero tentar P8! [...]

05/10/2018 17:41 - P19: A gente tem aula de manhã, mas saio da aula e vou direto
 05/10/2018 19:52 - P7: Tento chegar às 10:30/11h
 06/10/2018 09:38 - P7: [...] não consegui ir de manhã te ajudar. Consigo chegar às 13h. Precisamos de ajuda pra colar o adesivo em cima do adesivo da Joner. Precisa de 2 pessoas. Quem pode? [...]
 06/10/2018 09:45 - P9: Também chego as 13
 06/10/2018 09:46 - P9: Ai colamos todo mundo juntos
 06/10/2018 09:50 - P14: Eu chego 14:30
 06/10/2018 10:06 - P25: Chego 14h30.
 [...]

Slack:

25/09/18 10:37 - P7: Dia 06 de outubro é o festival da primavera no vila. Vamos festejar inaugurado o espaço? O que precisamos? Quem puxa a organização das atividades? Brechó para arrecadar \$\$\$ foi uma ideia da P2 . O que acham?
 E se as marcas doassem um produto que está há tempo parado no seu estoque para vendermos como contribuição ao ecossistema?
 26/09/18 8:46 - P2: Acho uma ideia bacana[...] O legal para o brechó é cada um selecionar peças atrativas e chamativas. Sobre produto da Envivo vou olhar o que temos por lá e aviso!
 04/10/18 1:37 - P11: Qual o horário sábado...passei para as meninas do 30graus..vou ver quem pode ir e ajudar ..doação tb vou separar... pode fazer uma grade de workshops de vários temas , valores de 30 à 50 reais ..posso ver alguns palestrantes ...
 05/10/18 12:22 - P7: A partir das 14h.

A chamada no WhatsApp teve interação com cerca de 6 pessoas, com uma demora de 1 a 5 minutos, entre as mensagens. A chamada no Slack teve interação com 2 pessoas, com o intervalo de 1 a 9 dias, entre as mensagens. A ação contou com a presença de 5 pessoas, das 6 que ofereceram ajuda, pela chamada do WhatsApp, e com nenhuma que ofereceu ajuda pela chamada do Slack. Nesse caso, a plataforma que funcionou no sentido de ser um espaço aberto e transparente foi o WhatsApp.

Através desse diálogo, foi possível a realização do evento, de forma colaborativa. O envolvimento entre o grupo do WhatsApp, ativado por P7, manteve a intensidade relacional necessária entre os participantes, de modo a estimular processos colaborativos. A habilidade de design, para Manzini (2017), é muito importante para acompanhar a fluidez das relações. O projeto de plataformas acessíveis para comunicação é uma forma com a qual designers podem colaborar para ativação dos ecossistemas criativos.

4.1.2 Financiamento coletivo recorrente

Quadro 4 - Resumo análise 'Financiamento coletivo recorrente'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Financiamento coletivo recorrente</p> <p>Plataforma utilizada para criação de um financiamento coletivo para manter financeiramente o espaço físico do Ecossistema.</p>	<p>As participantes P25 e P8 observaram a necessidade do grupo em ativar uma plataforma de apoio financeiro recorrente, e assim tomaram frente no desenvolvimento de tal com a colaboração de participantes menos ativos, compreendendo as oportunidades e limitações do grupo.</p>	<p>Inicialmente vínculos fortes foram desenvolvidos, muitas pessoas contribuíram com o financiamento, entretanto não sabiam como se inserir no grupo para troca de recompensas. Teve início com 27 apoios, e por fim no ano 2020 com 8.</p>	<p>Ambas as designers exerceram o papel de experimentadoras aqui, buscaram soluções existentes que pudessem ser replicadas para as necessidades do grupo. Experimentaram modelos e testaram sua aplicabilidade.</p>	<p>Com apoio financeiro através das plataformas foi possível manter parte do espaço físico do Ecossistema por cerca de 1 ano.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como forma de impulsionar e manter financeiramente o espaço, foi criado um financiamento coletivo recorrente no site Apoia-se, no qual qualquer pessoa poderia fazer uma doação ou comprar um serviço do Ecossistema da Moda Sustentável. A plataforma foi criada de modo colaborativo pelo grupo com maior ativação, por P8 e P25:

P7: [...] Precisamos agora da colaboração em rede, sem lideranças. Modelo de núcleos de trabalho e missões [...] Lidere uma frente, crie outra frente, articule um time, coloque a mão na massa e compartilhe as ideias no slack.

P7: [...] Próximo mês está chegando. Quem pode tomar a frente desta atividade [apoiar-se]?

P25: [...] Campanha no ar! [...]

Os serviços ofertados, no site, eram trabalho de vários ecossistêmicos que queriam colaborar, com seu tempo, para a iniciativa. As ofertas para quem contribuía financeiramente no site eram: desconto na inscrição de cursos; desconto na locação de espaços; desconto em compras no Banco de Tecido; desconto em serviços do ateliê; e acesso à biblioteca. Os descontos eram atribuídos levando-se em consideração os valores com os quais as pessoas apoiassem, e, também, elas

receberiam um valor da moeda local, chamada “sustentáveis”. Esses sustentáveis davam direito aos serviços dos ecossistêmicos, que eram: exposição no *showroom*; projeto de identidade visual; projeto de imagem e fotografia; projeto de mídias sociais; produção de modelagens e peças pilotos; produção de peças em pequena escala feitas por aprendizes.

P14: [...] Se a tua marca é colaboradora do Ecossistema, ofereço planejamento e fotos num custo super baixo. Semana passada fiz pra Desing Cotê - a Priscila tem cerca de 150 fotos pra trabalhar. [...].

Como resultado, vários serviços foram ofertados, e o espaço manteve-se, em parte, com ajuda do financiamento. Entretanto, no decorrer das ações, as relações produtivas que se estabeleceram caíram, e as pessoas que permaneceram não tiveram resultados satisfatórios dos serviços ofertados.

Tentou-se entrar em contato com as pessoas que deixaram de apoiar e fazer parte dessa rede colaborativa, a fim de entender-se o porquê da saída do coletivo. Ninguém respondeu ao contato. Essas relações ficaram enfraquecidas, até o ponto de as pessoas deixarem de apoiar.

P29 entrou em contato com alguns participantes que estavam mais engajados, na promoção do financiamento, para alertar a falta de recompensa do apoio. “Não tinha um newsletter para informar como o apoio dos parceiros estava sendo utilizado, ou mesmo informar os serviços à disposição dos apoiadores”. Por exemplo, a biblioteca proposta no site não chegou a ser realizada, e o uso da moeda local, os “sustentáveis”, também não foi à frente. A falta de feedback afastou as pessoas do projeto, até o ponto de saírem dos grupos. A participação e colaboração, na plataforma de financiamento, caiu de 27 apoios, em 2018, para 8, em 2020.

Os autores Freire, Del Gaudio e Franzato (2016) compreendem o projeto como um processo constante e aberto, mas que precisa de uma infraestrutura, nas relações do contexto. Isso quer dizer que o papel do designer é também estimular essas relações, mantendo os vínculos e intensidade na medida certa.

Portanto, a dimensão relacional, se torna fundamental de ser trabalhada pelo e no processo de *infrastructuring*. Na perspectiva da inovação social, este tipo de relações produtivas são o elemento constitutivo mais relevante do contexto desejado (FREIRE, DEL GAUDIO, FRANZATO, 2016. p. 245).

Ao analisar-se o conceito de *infrastructuring* e o processo e relações do projeto 'Financiamento coletivo recorrente', entende-se que a falta de um diálogo aberto, constante e atualizado, sobre as ações e desenvolvimento do projeto, levou-o ao declínio.

4.1.3 *Workshops* com a comunidade

Quadro 5 - Resumo da análise '*Workshops* com a comunidade'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Workshops com a comunidade</p> <p>Projeto de moda e design para conexão do Ecosistema com as cooperativas de costura do bairro Bom Jesus.</p>	<p>Inicialmente tiveram como característica um envolvimento colaborativo, o grupo todo participou da criação dos projetos como também tiveram uma escuta ativa no contexto em que se inseriram. O projeto de capacitação teve envolvimento ativo e colaborativo em todas as etapas entregando o que foi proposto pelo grupo e ao mesmo tempo aberto a novos participantes.</p>	<p>As participantes P9, P10 e P19 desenvolveram vínculos sociais fortes de modo que criou laços e empatia com a comunidade do entorno. P3, P2, P25, P11, P12, P13, P14 e P15 mantiveram vínculos fracos que possibilitou a abertura do processo a novas colaborações.</p>	<p>Conector por P12 que identificou as necessidades do contexto e trouxe pessoas que poderiam desenvolver; Experimentador pelas marcas presentes que saíram da sua zona de conforto para testar novos modos projetuais; Antena pelos bolsistas que projetaram <i>workshops</i> de acordo com os recursos disponíveis; E mentor pela coordenadora que acompanhou e aproximou os participantes.</p>	<p>O projeto teve como resultado troca de conhecimento, os ecossistêmicos que contribuíram para desenvolvimento dos processos de moda das cooperativas de costura, e as cooperativas de costura que contribuíram para os ecossistêmicos compreenderem novos modos de trabalhar com uma produção mais sustentável. Gerou frutos para o projeto dos encontros de resíduos e consequente a CÓS.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma das reuniões mensais do Ecosistema aconteceu na sede e pela iniciativa do Instituto P12, que é membro do Ecosistema. Foi realizado um workshop com os participantes do Ecosistema e comunidade. Essa comunidade situa-se no entorno da sede das P12, e, em projetos anteriores do Instituto com a comunidade, já havia sido desenvolvido um ateliê de costura e cursos de moda. Nessa reunião, foi instaurado um workshop, com a finalidade de articulação de projetos que pudessem criar soluções mais sustentáveis para a moda local, e que integrassem a comunidade do entorno, com as iniciativas em discussão.

As ideias cocriadas entre o grupo todo foram divididas em núcleos de trabalho. O primeiro núcleo foi organizado para articular a participação do Ecosistema, no evento nacional de moda sustentável Brasil Eco Fashion Week, discutido no próximo subtítulo. O segundo núcleo foi responsável pela gestão de resíduos têxteis, e teve como ideia principal desenvolver uma embalagem para o departamento de beleza das P12, com os resíduos de um dos seus principais fornecedores. Entretanto, houve questões fiscais que impediram a continuidade do projeto, como comprovante fiscal por parte das cooperativas de costureiras que iriam produzir, e, também, a necessidade de logística e distribuição desses resíduos.

O terceiro núcleo trabalhou na conexão com as cooperativas de costureiras. Os pilares de trabalho eram valorizar e profissionalizar o trabalho da costura, produzir localmente, gerar renda e facilitar a produção de pequenas marcas.

Na primeira reunião, que aconteceu na sede das cooperativas, com os grupos de costureiras, abriu-se espaço para uma conversa dialógica, a fim de pensar-se coletivamente as possíveis trocas entre os grupos. Assim, nessa conversa, elas explicaram que gostariam de cursos de criação, desenvolvimento de produtos, finanças, e comentaram também da dificuldade no armazenamento de resíduos que elas recebiam para trabalharem.

Para atender à necessidade em desenvolvimento de produtos, as designers P9 e P19 criaram um projeto de curso de desenvolvimento de coleção. O curso teve apoio da P10, fornecedora estratégica das P12, com resíduos têxteis como matéria-prima. O laboratório de prototipagem da Unisinos colaborou com o material de modelagem. E marcas locais, por sua vez, colaboraram com seu conhecimento de moda e negócio.

No primeiro dia do curso, a ecossistêmica P2 falou sobre sua marca, suas dificuldades como empreendedora, e passou orientações sobre público-alvo e exercícios de criação para as cooperativas. P25 participou com dicas de *upcycling*. P26 e P10, com auxílio nas aulas de corte e costura. P32 e P14, com fotos dos workshops. Esse projeto durou 5 meses, e foi continuado por módulos de fotografia, stand para feiras, e desenvolvimento de coleção de moda. O projeto gerou resultados como a parceria de P2, empreendedora de moda feminina, com as costureiras – parceria que surgiu da aproximação das marcas, no projeto de desenvolvimento de coleção na comunidade. Juntas, confeccionaram bolsas para

o desfile da marca de P2, no Brasil Eco Fashion Week, evento nacional de Moda Sustentável.

P2: Estaremos com umas sacolas que fizemos em contato com a Copearte! [...]

P19: Surgiu a ideia da P25 e da P26 de juntas fazerem uma oficina só de acessórios (bolsas, mochilas, mateiras, etc). Acho interessante irmos planejando essas rodadas de cursinhos. Elas têm interesse também em aprender sobre como precificar um produto, se alguém tiver esse conhecimento e quiser promover essa oficina.

A organização do coletivo no projeto teve um caráter colaborativo. O valor compartilhado de acreditar na valorização e profissionalização da costura fez com que todos se mobilizassem para desenvolver o projeto. O entendimento e o caráter sistêmico do problema guiaram o projeto, de modo que foi possível o trabalho através das diferentes facetas da questão. Ou seja, entender que as necessidades das marcas, das costureiras e da indústria local estavam interligados, possibilitou uma solução integrada e efetiva. A abertura, disposição e interesse da comunidade, no projeto, foi peça principal da ação, que não seria possível sem a facilitação da conexão, pelo Instituto Lojas Renner, assim como as aulas e *workshops* promovidos pelos pesquisadores foram essenciais para profissionalização das costureiras que, por fim, foram contratadas por uma marca local, para produção das sacolas.

A descontinuidade sistêmica de uma produção que geralmente é linear mudou o valor competitivo para um valor cooperativo. Segundo Capra e Luisi (2014), a mudança de paradigma requer uma mudança na organização social, que segundo o autor, é a mudança de hierarquias para redes. Dentro de cada ecossistema, existem diversas redes que são ativadas e auto-organizadas, conforme os interesses e necessidades que surgem. No caso discutido, a rede ativada no Ecossistema da Moda Sustentável do Rio Grande do Sul foi uma rede interessada na produção local e sustentável.

4.1.4 Documentário atores da moda

Quadro 6 - Resumo da análise 'Documentário atores da moda'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
Documentário atores da moda	A iniciativa do projeto aconteceu	Entre eles, já havia um vínculo	O grupo teve um papel de	Nesse caso, o objetivo

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
Pequenos documentários sobre mulheres empreendedoras na cena da moda sustentável de Porto Alegre.	por parte dos atores P13 e P14, foi possível observar um envolvimento ativo e colaborativo no início, os atores se reuniram e desenvolveram de modo colaborativo toda proposta. Eles foram até a comunidade, escutaram de forma ativa as mulheres e destacaram as questões mais importantes para cada uma. Entretanto, não teve continuidade para parte de edição e divulgação do projeto.	cujo valor em comum era desenvolver pesquisas para moda e sustentabilidade. Já entre o grupo e as costureiras da cooperativa, foi uma relação de caráter formal e experimental.	experimentadores nesse caso. Prototiparam uma ideia a fim de facilitar a comunicação entre o ecossistema criativo da moda sustentável de Porto Alegre.	proposto exigia um envolvimento mais profundo com a comunidade. A intensidade relacional dos designers com as costureiras e com o ecossistema como um todo, não foi suficiente para dar continuidade ao projeto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Concomitante ao projeto anterior, estava em desenvolvimento a ideia de gravação de um documentário, com entrevistas de protagonistas do cenário da moda sustentável de Porto Alegre. Em vista das atividades que estavam acontecendo com o Ecossistema e os grupos de costureiras, as primeiras gravações foram realizadas durante os workshops, com as costureiras. Existia um canal no Slack chamado 'mini docs', tendo como objetivo unir pessoas para criação desse documentário:

P13: Criar mini docs sobre mulheres empreendedoras. -novos sistemas que elas criaram -conhecer processos criativos -qualificam suas produções como?

P19: Tem que selecionar e editar o material, o P14 e a P13 tinham ficado com essa parte aquela época.

P13: A ideia era fazer mini documentários com essas filmagens, o material está todo coletado lá da bom Jesus [bairro das cooperativas de costura], precisamos de alguém para editar ele.

A última atividade do grupo foi a gravação, e, até o momento deste trabalho, não houve mais interações relacionadas ao projeto. Observa-se, aqui, que a falta

de envolvimento e engajamento do grupo com a comunidade prejudicou a realização do projeto. Analisando sob a lente dos vínculos sociais, toda vez que se estabelecem relações, também se instauram vínculos, e o que analisamos são as características desses vínculos. Nesse caso, os vínculos deste projeto começaram fortes, e ao decorrer do processo, ficaram frágeis, a ponto de se tornarem ausentes.

4.1.5 Evento nacional de moda sustentável – BEFW

Quadro 7 - Resumo da análise 'BEFW'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Evento nacional de moda sustentável BEFW</p> <p>Participação do Ecossistema no evento nacional de moda sustentável.</p>	<p>Cada ator teve um envolvimento diferente com o evento BEFW, entretanto todos colaboraram com a união do grupo a fim de impulsionar a presença gaúcha no evento. Os atores P7 e P8 representaram o Ecossistema através de uma fala no evento, o que demonstrou a ativação delas em exibirem o potencial das marcas locais.</p>	<p>Não houve grande envolvimento entre os atores no evento, e isso foi positivo pois cada um já tinha o esforço de deslocamento e organização de suas iniciativas para o evento. Assim, foi uma experiência fluída e positiva para todos.</p>	<p>A iniciativa para conexão dos ecossistêmicos no evento se deu pela participante P2, que teve um papel de conectora integrando as iniciativas. Os atores P7 e P8 desempenharam um papel visionário ao comunicar os efeitos e resultados do Ecossistema no evento.</p>	<p>O evento teve grande visibilidade para o Estado, e, além disso, as participantes se reuniram e compartilharam toda experiência vivenciada em um evento que reuniu diferentes públicos, em Porto Alegre.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como mencionado anteriormente, no mesmo *workshop* que as ideias dos “minis docs” e dos cursos para as cooperativas de costureiras, surgiu também a ideia da participação do Ecossistema no evento nacional de moda sustentável Brasil Eco Fashion Week. O núcleo que propôs a ideia tinha como objetivo desenvolver a proposta. A ideia da participação inicial era representar o Ecossistema, no espaço Moda Limpa, oferecendo oficinas de *upcycling* e de moda sustentável, ao longo do dia. O objetivo era selecionar algumas pessoas que pudessem ministrar essas oficinas, e representar o Ecossistema, nesse espaço. Além disso, algumas marcas participantes do Ecossistema já tinham se inscrito para o *showroom* de vendas e desfile.

P21: Brasil EcoFashion Week – de 31 de outubro a 03 de novembro
 Proposta para participar do evento com um espaço do Ecosistema ativado
 Governo + Youcom pensados como recurso \$
 Moda limpa – comunicação, marcas e conexões com o ecossistema.

Entretanto, essa ideia não foi à frente. Faltou engajamento dos participantes para criação de um workshop. Porém, o grupo resolveu a questão de uma maneira diferente, que foi possível através de um envolvimento mais fraco e de vínculos menos intensos. Manzini (2017) discute que, nem sempre, todos os participantes estarão disponíveis e com energia para todas as ações. Mesmo assim, é possível desenvolver ações e ideias inovadoras, basta considerar o contexto e dedicação dos participantes e projetar ideias que acompanhem essa situação do grupo.

A solução encontrada foi através do grupo de WhatsApp do Ecosistema, que proporcionou trocas durante o evento. Integrantes do grupo, como marcas de moda e pesquisadores, tiveram participação ativa, no evento, representando o Estado. Através das trocas do grupo, algumas marcas fizeram parcerias e encontraram-se para bate-papo sobre o coletivo, gerando visibilidade nacional. A fim de compartilhar as atividades e trocas que aconteceram, durante o evento, o coletivo organizou uma roda de conversa para relatar toda experiência.

P2: Pessoal! Semana que vem estarei com a Envido no showroom e desfile na BEFW. Queria trocar ideias para divulgarmos o Ecosistema lá. Posso levar postais para apresentar o projeto e também queria outras ideias de como podemos divulgar. Alguém mais vai pra lá?
 P2: [...] Estaremos com umas sacolas que fizemos em contato com a Copearte! Quem costurou no final das contas foi a Maura. Podemos utilizar as fotos depois para promover o Ecosistema!
 P27: Parceria da Rgloor roupas + dona rufina sapatos!!!
 P7: Acho que a Jessica do @somoscos tb vai
 P31: Vamos! Cada vez mais gente.

No total, foram 5 marcas gaúchas, e 1 bate-papo sobre o Ecosistema. Segundo o blog do Ecosistema⁴:

O Ecosistema é presença confirmada nas próximas edições do BEFW. Nossa expectativa é conseguir participar levando as marcas apoiadoras e participantes adiante, contando ainda mais sobre a capacidade e motivação das marcas gaúchas para com a moda sustentável. Vamos, juntos, tornar a cultura da sustentabilidade na moda mais acessível e entendida por todos. Avante!

⁴ ECOSSISTEMA DA MODA SUSTENTÁVEL. [Página oficial]. In: **#modamudamundo**. Porto Alegre, 2018. Disponível em <https://modamudamundo.cc/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

4.1.6 Mapeamento do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre

Quadro 8 - Resumo da análise 'Mapeamento do Ecossistema'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Mapeamento do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre</p> <p>Criação de mapa on-line com contatos de atores da moda sustentável de Porto Alegre.</p>	<p>Inicialmente tiveram como característica um envolvimento colaborativo, o grupo todo participou da criação do mapa com sugestões e ideias. O projeto da estrutura do mapa foi realizado pela pesquisadora P19 a partir de um mapa já existente da pesquisadora P29.</p>	<p>Mesmo com a ferramenta disponível, em 9 meses o mapa teve apenas 3 contribuições e 1280 visualizações.</p>	<p>A pesquisadora P19 teve o papel de experimentadora ao prototipar e testar a ideia.</p>	<p>A solução foi um mapa on-line e aberto a construção coletiva, o processo projetual aconteceu a partir dos vínculos já consagrados. Houve um esforço de comunicação do mapa, entretanto não teve retorno significativo. Portanto, o protótipo poderia ser levado novamente ao grupo para discussão de novas estratégias.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda, como resultado do *workshop* que ativou as iniciativas anteriores (Capacitações, Mini Docs), o mapeamento surgiu como uma ideia do grupo do Ecossistema para compartilhar contatos de costureiras locais. Isso tendo em vista que muitas marcas estavam com dificuldades em encontrar profissionais de costura, na localidade, que pudessem atender suas produções.

P9: [...] Pessoas me pedindo costureiras e não tenho quem indicar. Desde vestido de festas até facção. Temos que agilizar esse catálogo de costureiras [...]"

[...]

P30: [...] Só hoje duas pessoas diferentes me pediram indicação de costureira e eu não sabia onde procurar."

Como forma de ampliar essa ideia, para facilitar também a troca de contatos, entre outros tipos de iniciativas, e aproximar o consumidor das iniciativas locais, o mapa também abrange marcas de moda, brechós, casas colaborativas, instituições de ensino, ONGs e varejo.

P19: [...] A ideia é fazermos também um mapeamento de empreendimentos de moda sustentável e cooperativas de costura e

costureiras em porto alegre. O que vocês souberem podem mandar por aqui [...].

O modelo do mapa surgiu a partir de um mapa criado para divulgar as atividades do Fashion Revolution de Porto Alegre: “P29: [...] Envio aqui para saberem o que já "mapeei". [...] Todos estão desatualizados... mas pode ser um começo”.

Depois desse processo de cocriação, que começou no *workshop*, e continuou pelo grupo de WhatsApp, a pesquisadora P19 criou a estrutura on-line, com todas as sugestões do grupo.

P19: Pessoal, estou trabalhando na criação do mapa, quem tiver indicação de empreendimentos e cooperativas me envie por favor. Vou começar adicionando o que já tem mapeado [...]. Qualquer dúvida podem falar comigo no whats ou por email [...].

Após a construção coletiva do mapa, ele continua aberto, para que outras pessoas, mesmo que de fora do coletivo (Grupo de WhatsApp do Ecossistema) possam sugerir novas iniciativas ou alterações. Para isso, existe um formulário on-line disponibilizado junto ao mapa. Após preenchido e enviado, ele chega ao e-mail de P19, e, depois de passar por análise, é adicionado.

Este processo de mapeamento enfatiza as tendências integrativas, sendo uma contraposição à cultura industrial ocidental, como apontado por Capra e Luisi (2014). Quando uma empresa escolhe fazer parte do ecossistema, e compartilhar sua rede de fornecedores e contatos neste mapa, ela tem um comportamento integrativo. Essa iniciativa, mesmo surgindo em um ecossistema local e específico, aponta para um caminho de mudança, no qual a colaboração faz parte de um novo sistema de valores dos pequenos negócios.

Assim, o mapeamento, como uma ferramenta de design para inovação, tem como potencial promover a conexão entre diferentes atores, manifestando graficamente as iniciativas locais (MANZINI, 2017), de forma a gerar uma visualização aberta dos ecossistemas.

Para Manzini (2017), o processo de mapeamento pode ser desenvolvido por designers difusos. Entretanto, além das habilidades gráficas, a cultura do designer especialista é que vai ter o cuidado em selecionar os casos mais promissores. O

processo realizado pelo especialista pode criar diálogos sociais mais eficazes, através de critérios para observação e análise das dinâmicas.

4.1.7 Encontro sobre resíduos da moda

Quadro 9 - Resumo da análise 'Encontro sobre resíduos'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Encontro sobre resíduos da moda</p> <p>Encontros promovidos para discussão e projeção de soluções para resíduos no ecossistema local</p>	<p>Foram 5 encontros com envolvimento muito variado em relação aos participantes. O primeiro encontro tinha 3 pessoas, e o restante, de 10 a 15. As ações que nasceram desses encontros surgiram das pessoas que tiveram mais envolvimento com os temas e mais engajadas nos encontros.</p>	<p>O vínculo social também varia de acordo com os diferentes atores que frequentaram, alguns já tinham um vínculo social forte com o ecossistema e já se sentiam pertencentes ao encontro. Outras pessoas começaram a conhecer o Ecossistema através dos encontros, portanto tinham vínculos fortes, e algumas construíram no decorrer dos encontros, da mesma forma que outras ficaram ausentes.</p>	<p>A pesquisadora/designer teve o papel de conectora, ao mobilizar e engajar as pessoas para os encontros, e ao "projetar ferramentas para estimular a colaboração criativa". Alguns participantes também tiveram papéis-chave nos encontros, a P16, P1 e P5 como experimentadores ao testar ideias criadas nos encontros. A P10 teve também um papel de conectora ao participar com objetivo de troca de conhecimento.</p>	<p>Através dos encontros colaborativos foi possível experimentar um modelo não linear de projeto e de dinâmicas que desencadearam diferentes soluções para questão dos resíduos. O baixo envolvimento prejudicou a prototipagem dos projetos, entretanto os vínculos criados prosperaram e cresceram em diferentes projetos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Esses encontros foram proporcionados durante a pesquisa, com o objetivo de conectar os participantes do ecossistema para trocas de conhecimentos e práticas sobre os resíduos têxteis da indústria da moda. Os encontros foram projetados para reunir profissionais, pesquisadores, estudantes, para que, de modo colaborativo, fosse possível o desenvolvimento de soluções multidisciplinares.

Os participantes não foram pré-selecionados. Os encontros eram abertos ao público, e foram divulgados nas redes sociais da pesquisadora e do Ecossistema

da Moda Sustentável. Isso foi importante para o processo, pois, numa lógica colaborativa, as pessoas participam e colaboram quando faz sentido e gera valor para elas. Assim, a criação de um valor coletivo acontece de forma genuína.

Aconteceram 5 encontros, cuja estrutura deu-se em 3 etapas: apresentação do tema resíduos têxteis; momento de discussão do assunto entre os participantes; e, por último, fechamento com conclusões e observações que surgiram. Desde o primeiro encontro, o papel da pesquisadora foi incentivar a abertura de diálogos colaborativos, organizar as ideias e torná-las visíveis, como forma de incentivar o desenvolvimento de estratégias projetuais.

Como ferramenta projetual, foram organizados painéis interativos, nos quais todos os participantes foram incentivados a colaborar. Esses painéis tinham categorias elaboradas pela autora, como ideias (o que já está sendo feito e o que podemos fazer), e a interação dos participantes nos painéis deu -se através de notas em *post-its*. A Figura 5, a seguir, apresenta as principais atividades que representam o processo dos 5 encontros realizados.

Figura 5 - Processo de construção e observação dos encontros sobre resíduos



Fonte: Elaborado pela autora.

Para organização e análise dos dados gerados, todos os encontros foram relatados de forma escrita, pela pesquisadora, e todo o desenvolvimento cocriativo dos *post-its* notes, registrado por fotos, a cada encontro, para que, assim, fosse possível ter o acompanhamento da evolução de um encontro para outro. Para uma

análise mais detalhada, os encontros foram divididos por ideias. A cada subtítulo a seguir, é possível acompanhar o processo de cada resultado, que está resumido na Figura 10, ao final desta seção.

4.1.8 Ideias

4.1.8.1 Espaço de troca de matéria-prima

No primeiro encontro, surgiu a ideia de uma plataforma em que fosse possível a troca de materiais de moda. A iniciativa Banco de Tecido já realiza trocas de tecidos e aviamentos, através de várias lojas pelo Brasil, a fim de aumentar o ciclo de vida de materiais. Entretanto, o espaço físico de uma loja é limitado de forma que torna inviável manter alguns materiais, ou mesmo do correntista levar o material até o espaço do Banco.

Por isso surgiu a ideia dessa plataforma, na qual seria possível qualquer pessoa física publicar seu material em desuso, e escolher trocar, vender ou doar. Essa ideia foi comentada e aprovada por todos os participantes, principalmente de marcas locais que têm grande quantidade de resíduos variados do corte, e não têm opções de destinação.

Assim, no 4º encontro, quando todos pararam para ler os *post-its* dos outros encontros, a participante P2, que tem uma empresa de moda, chamou atenção para o *post-it* que se relacionava à ideia. Assim, como a ideia já vinha chamando atenção de muitos, foi sugerido, pela pesquisadora, que usassem um papel para fazer um brainstorm para aprofundar a ideia. Dessa forma, as participantes tiveram a iniciativa de fazer um perfil, no Instagram, como plataforma de troca. O perfil foi desenvolvido e divulgado, porém, não teve adesão e continuidade.

4.1.8.2 Grupo de pesquisa sobre resíduos

Nos 3 primeiros encontros, foi levantada a possibilidade de criação de um grupo de pesquisa, dentro do Ecossistema da Moda Sustentável, a fim de discutir-se pesquisas acadêmicas, na área da moda, como forma de compartilhamento do conhecimento acadêmico com toda comunidade. Entretanto, não houve

engajamento suficiente para criação do grupo, assim como muitas ideias interessantes surgiram, porém, não houve continuidade.

4.1.8.3 Mobiliários feitos de resíduos

No terceiro encontro, compareceram 2 arquitetas que estavam em busca de ideias para desenvolvimento de mobiliários, com resíduos têxteis. Essa ideia já havia sido discutida, em outras reuniões, porque se estava em busca de uma aplicação na qual o produto fosse duradouro, para que o resíduo não fosse simplesmente transferido para outra esfera. As duas participantes projetaram uma marca de objetos e móveis com resíduos, não houve acompanhamento de todo projeto.

Até onde foi acompanhado, o projeto estava na fase de prototipação. Porém, ainda não com resíduos têxteis.

4.1.8.4 Roupas íntimas feitas de resíduos para mulheres em vulnerabilidade social

A participante P1, que já estava no processo de desenvolvimento da sua marca de lingerie, buscou os encontros para discutir ações em torno do assunto de roupa íntima para mulheres em vulnerabilidade social, e reaproveitamento têxtil de sua própria produção. Depois de participar dos encontros, teve o lançamento de sua marca, e todas suas embalagens foram feitas de tecidos de reaproveitamento, e produzidas pelo grupo de costura CÓS-costura consciente, que também surgiu das reuniões. Além disso, entrou em contato com assistentes sociais, através do grupo, para desenvolver um projeto de recolhimento e higienização de roupas íntimas para moradoras de rua.

4.1.8.5 União de coletivos para trocas multidisciplinares

O Poa Inquieta é um coletivo de pessoas que acredita na transformação da cidade a partir da economia criativa. Há diversas subdivisões dentro do coletivo. Uma delas diz respeito aos resíduos, e nessa subdivisão, foram propostas outras, como sobre resíduos da moda. A fim de fortalecer a discussão, o encontro do

coletivo uniu-se ao encontro colaborativo da pesquisadora. Posteriormente, houve trocas sobre processos de interação dos encontros. A fim de proporcionar maior conexão entre os participantes, e assiduidade nas reuniões, foi observado que a discussão precisa ser pontual e facilitar o processo de busca de soluções dos participantes.

4.1.8.6 Reciclagem têxtil

Desde a primeira reunião foi proposto pelos participantes conversar com profissionais e pesquisadores das engenharias para entender o que seria possível desenvolver, no cenário de Porto Alegre/RS, relacionado à reciclagem de resíduos têxteis. No 5º encontro, através de conexões pelos participantes, teve um participante da empresa júnior de Engenharia de Materiais de uma universidade local. O participante estava como ouvinte, na reunião, representando a empresa, foi convidado e motivado a participar da discussão, pela pesquisadora, e acabou tirando várias dúvidas dos outros participantes.

Com isso, houve uma grande motivação, pela participante P16, para pesquisar mais sobre reciclagem têxtil. Junto a outra designer e pesquisadora da área, que não estava presente nas reuniões, buscaram criar parcerias, a fim de compreenderem as possibilidades existentes. Assim, elas entraram em contato com pesquisadoras da engenharia de materiais de uma segunda universidade local, e estão em contato para possíveis testes, em diferentes tecidos.

A participante P1 também manteve o interesse sobre reciclagem. Após as trocas e conexões realizadas nos encontros, a participante está prototipando, junto à empresa de reciclagem, para reciclar resíduos para confecção de caixas, como embalagens de suas lingerie entre outras possibilidades.

A empresa P5 é uma grande incentivadora do desenvolvimento de um sistema de reciclagem, e com a participação nos encontros, surgiu o interesse na reciclagem têxtil. A empresa, desde então, está em contato com a participante P16, para buscar ações e maneiras de desenvolver esse sistema. Além disso, trabalha junto ao grupo de costura, que foi uma solução desenvolvida nos encontros também. A empresa P5 cocria projetos com as designers e costureiras, desenvolvendo protótipos de produtos com logística reversa para empresas

clientes. Já trocaram diversos serviços de modo colaborativo, de forma que uma iniciativa trabalha para outra, com trocas não-monetárias.

4.1.8.7 Grupo produtivo para trabalhar com reutilização

Na 3ª reunião, a participante P34 levantou a proposta de reunir um grupo de mulheres costureiras, ou com vontade de costurar, a fim de torná-las aptas a trabalharem com *upcycling* para marcas locais. A participante relatou a dificuldade do seu negócio em encontrar grupos produtivos para trabalharem com seus produtos. Com isso, a escala da produção se mantém baixa, e os produtos muito caros. Também relatou que o que se encontra são facções que só trabalham em escala muito alta, e nem todas aceitam trabalhar com resíduos, ou então, costureiras independentes que trabalham sozinhas, e não entendem o design das peças, de forma que não mantêm a qualidade.

A participante entende que, com uma produção acessível, seria mais fácil desenvolver os produtos, de modo a estimular mais marcas a trabalharem com reaproveitamento. Com isso, seria possível potencializar a economia local, e criar valor para os resíduos. A continuidade da proposta foi dada pela própria pesquisadora, com apoio inicial da participante P34, e, aos poucos, outras pessoas se engajaram a operar a iniciativa – uma delas foi a participante P16.

Com o grupo de costura, foi possível colocar em prática algumas ideias desenvolvidas nos encontros, como usar resíduos para enchimento de estofados. Além disso, outro ponto que se discutiu, na reunião, e foi levado à prática pelo grupo de costura, foi a propagação da conscientização sobre sustentabilidade na moda a pessoas que não são envolvidas no assunto, que não são do âmbito da moda sustentável. Através de chamadas em grupos distintos relacionados à costura, foi possível alcançar diversas pessoas que, mais tarde, vieram a se engajar no tema moda e sustentabilidade. A seguir, a Figura 6 apresenta o resumo gráfico das ideias.

Figura 6 - Resumo dos projetos dos encontros sobre resíduos

IDEIA	PROCESSO	RESULTADO
1 ESPAÇO DE TROCA DE MATÉRIA-PRIMA	CONECTAR PESSOAS CHAVE PESQUISA/BRAINSTORM/PROTOTIPAÇÃO. 4 REUNIÕES ATÉ O RESULTADO	PLATAFORMA DIGITAL RODA-MODA
2 GRUPO DE PESQUISA SOBRE RESÍDUOS	ESTUDO CONTEXTUAL SOBRE PÚBLICO, MINISTRANTES E PARTICIPANTES. 1º REUNIÃO ATÉ O RESULTADO	NÃO DESENVOLVIDO
3 MOBILIÁRIOS FEITOS DE RESÍDUOS	BRAINSTORM SOBRE PRODUTOS DURÁVEIS E PESQUISA SOBRE POSSIBILIDADES LOCAIS PARA DESENVOLVIMENTO. RESULTADO APÓS 5 REUNIÕES	PROTÓTIPOS REALIZADOS PELO COLETIVO DE ARQUITETURA MEIO
4 GRUPO PRODUTIVO PARA TRABALHAR COM REUTILIZAÇÃO	CHAMADA E REUNIÃO PARA ENTENDER COMO GERAR VALOR PARA COSTUREIRAS E MARCAS LOCAIS ATRAVÉS DA COSTURA. 3 REUNIÃO ATÉ O RESULTADO	CÓS - COSTURA CONSCIENTE ORGANIZAÇÃO COLABORATIVA DE SERVIÇOS DE COSTURA
5 ROUPAS ÍNTIMAS FEITAS DE RESÍDUOS PARA MULHERES EM VULNERABILIDADE SOCIAL	PROJETO EM PROCESSO ENTRE A CÓS (IDEIA 6), A MARCA DE LINGERIE DA PARTICIPANTE E ALBERGUE LOCAL EM PROCESSO DESDE A 1º REUNIÃO	OFICINAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM MULHERES DA COMUNIDADE LOCAL E TRABALHO COM REAPROVEITAMENTO TÊXTIL
6 UNIÃO DE COLETIVOS PARA TROCAS MULTIDISCIPLINARES	ABERTURA DE DIÁLOGOS ESTRATÉGICOS COM DIFERENTES PROFISSIONAIS DO COLETIVO POA INQUIETA. 5 REUNIÕES ATÉ O RESULTADO	COMPARTILHAMENTO DE PROCESSOS PARA ENCONTROS COLABORATIVOS
7 RECICLAGEM TÊXTIL	CONEXÃO ENTRE DIFERENTES SETORES DA CADEIA TÊXTIL PARA IMAGINAR CENÁRIOS POSSÍVEIS DA RECICLAGEM EM PORTO ALEGRE. EM PROCESSO DESDE A 2º REUNIÃO	DIVERSOS PROJETOS EM ANDAMENTO REALIZADOS POR DIFERENTES SETORES DA CADEIA TÊXTIL

Fonte: Elaborada pela autora.

Na próxima seção, são discutidos os desdobramentos do projeto 4, que se transformou no grupo de costura CÓS - costura consciente.

4.1.9 Grupo de costura CÓS - costura consciente

Quadro 10 - Resumo da análise 'Grupo de costura'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
Grupo de costura CÓS - costura consciente Criação de um grupo de costura para profissionalizar mulheres para moda e atender	Em conversas com empreendedores de moda, nos encontros do Ecosystema, percebeu-se a dificuldade de produção local. Com isso, foi feita uma chamada para costureiras, e, no	Junto com as costureiras, criou-se o grupo para profissionalização do trabalho, trocas de conhecimento e criação de um ateliê para trabalho em conjunto. Toda a construção foi dirigida pelas pesquisadoras	As primeiras ideias do projeto surgiram nos encontros do Ecosystema, portanto, um papel de antena dos participantes em identificar e comunicar o cenário. E um papel de mentora,	Um ano depois desse processo, o grupo se manteve e cresceu exponencialmente. A CÓS é um grupo de 30 mulheres, tem um espaço físico próprio, no Vila Flores, e já trabalhou com cerca de 15 marcas locais, até o

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
demandas produtivas locais.	encontro, elas relataram a falta da valorização da profissão.	P19 e P16. As marcas só se aproximaram depois que o grupo já estava consolidado.	conectora e experimentadora por parte das pesquisadoras e designers P19 e P16 que desempenharam todo processo.	momento. Nesse período, também aumentaram o ciclo de vida de cerca de 700 kg de resíduos, em projetos de logística reversa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Através das reuniões do Ecosistema da Moda Sustentável e de conversas informais, observou-se que muitas marcas locais têm dificuldades em encontrar costureiras. As marcas que têm como foco a sustentabilidade na moda têm uma produção pequena, e utilizam materiais variados para confecção das peças. Por isso, esses empreendedores relatam a dificuldade em encontrar costureiras qualificadas e disponíveis para confecção de suas peças.

Desde novembro de 2018, é possível perceber, no grupo de WhatsApp, o interesse e a procura por profissionais de costura.

P2: [...] Achem que conseguimos alguma cooperativa para produzir? [...] Como faço para passar algum contato para ela? Não sei muito como proceder!

O primeiro projeto do Ecosistema nesse sentido foi com as cooperativas do bairro Bom Jesus, como exemplificado no tópico Bom Jesus/Capacitações. Esse projeto teve retorno positivos, porém houve uma demanda maior do que as costureiras do bairro tinham capacidade de receber.

P2: [...] Estaremos com umas sacolas que fizemos em contato com a Copearte! [produção para o BEFW]

P7: Bolsas fizeram sucesso. A fábrica do futuro quer fazer pedidos...

P7: [...] Costurar almofadões foi uma demanda [demanda de contrapartida para manter o espaço físico].

Com o objetivo de atender a essas necessidades, foi realizada uma chamada de costureiras. A ideia surgiu, primeiro, a partir das experiências vivenciadas, nos *workshops* de moda realizados junto às cooperativas do bairro Bom Jesus, depois, a necessidade reforçada pelo grupo de WhatsApp, e, por último, por meio de discussões, nos encontros do Ecosistema.

P19: O Ecosistema da moda sustentável tem como propósito potencializar a moda sustentável no Rio Grande do Sul. Muitas marcas de moda tem grande dificuldade em encontrar costureiras para suas peças, por isso nós estamos convidando pessoas que tenham vontade de

aprender e trabalhar com costura a formarem um grupo aqui no nosso ateliê. Os cursos de capacitação para costura são gratuitos, bem como as reuniões.

Quem já tem seu próprio ateliê e quiser deixar o contato aqui, estamos desenvolvendo um mapa on-line para facilitar a conexão das marcas com as costureiras.”

P20: [...] Se depender dos contatos que respondi via Instagram, a reunião hoje estará bem movimentada! Muitas costureiras.

A primeira chamada para costureiras foi divulgada, em grupos de Facebook de costura, e, também, através de panfletos, pelo bairro no entorno do Vila Flores (localização do ateliê do Ecossistema). Na reunião, compareceram cerca de 15 pessoas. Cada uma falou sobre seu interesse e experiência com costura. Depois, cada uma respondeu a um formulário criado pela designer e pesquisadora P19. Neste formulário, cada participante escreveu sobre seu conhecimento em costura, sua disponibilidade para participação no grupo, e o motivo pelo qual gostaria de participar.

Depois disso, todos os formulários foram analisados por P19, e o grupo foi organizado conforme as necessidades identificadas. As principais questões colocadas pelas costureiras foram: - falta de valorização da mão-de-obra da costura; - falta de conhecimento na precificação dos produtos; - dificuldade de conciliar trabalho doméstico e família com trabalhos externos; - solidão de trabalhar sozinha em casa; - vontade de aprender um novo ofício. O grupo foi criado, e atua, hoje, no Vila Flores, atendendo a marcas locais e demandas de reformas em geral.

P16: Amanhã teremos reunião de produção do grupo de costura no vila para alinhar os pedidos e retornamos com o que conseguimos entregar 🍷 já temos 3 clientes e 2 produções rolando 🍷.

[...]

P19: [...] Hoje o grupo de costura produziu 30 saquinhos para o Fashion Revolution Porto Alegre. Iremos fazer uma ação para divulgar o movimento pra mídia.

O grupo emancipou-se como CÓS-costura consciente, e, atualmente, são 30 participantes – em maioria, mulheres – que atuam dentro do Vila Flores, atendendo a marcas, iniciativas e pessoas físicas. O grupo conta com diversas trocas colaborativas, desde a construção, que foi cocriada através de reuniões com costureiras – até mesmo, por trocas não-monetárias de serviços.

P7: Bom dia gente! Recebemos uma doação de máquinas para o ecossistema 🙏

Alguém tem contato de frete?

P5: posso disponibilizar o veículo da Trashin para buscar as máquinas [...]

P25: Hoje teve entrega de produção com essas queridas e super costureiras! Ecobags produzidas com reaproveitamento de sacas de malte

♥ Co-criação e produção CÓS e Colibrii.

O espaço físico do grupo foi viabilizado pelo Ecossistema da Moda Sustentável, por meio do apoio financeiro mensal de colaboradores, e pelo Vila Flores, com abatimento nas primeiras mensalidades do aluguel. Em troca, o grupo confeccionou produtos, e abriu espaço para capacitação gratuita de pessoas interessadas em costura, a fim de atender às demandas de costura da comunidade.

De forma orgânica, o grupo tornou -se um espaço de apoio e sororidade entre mulheres, contribuindo para a autoestima destas. Além disso, em parceria com empresas locais, o grupo criou soluções para resíduos têxteis, aumentando a vida útil de cerca de 700kg de resíduos, em um ano. Outra atuação da CÓS-costura consciente (grupo de costura) é a divulgação e conscientização de modos mais sustentáveis de consumo e produção. Por exemplo, o trabalho com reformas de roupas, e o atendimento transparente aos clientes.

Esse projeto teve o design estratégico como base, utilizando a ação estratégica para desenvolver um sistema-produto-serviço. Ou seja, o papel de antena dos participantes e cocriadores do projeto desempenhou a ação com base na identificação do contexto sociocultural, com atenção às mudanças do modo produtivo das marcas locais.

O projeto foi criado a partir das necessidades do ecossistema local, e para atender a essas demandas, foi criado um sistema colaborativo. Esse sistema funciona junto ao Banco de Tecido, formando um espaço criativo para moda sustentável, com aulas de costura, desenvolvimento de projetos, oferta de matéria-prima e serviço de produção; o produto acaba sendo parte deste processo, como objeto que faz com que essas trocas aconteçam; e o serviço de costura é o cerne do negócio da CÓS.

4.1.10 Suporte ao Banco de Tecido POA/RS

Quadro 11 - Resumo da análise 'Suporte ao Banco de Tecido'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Suporte ao Banco de Tecido POA/RS</p> <p>Loja física de troca de tecidos filial do Banco de Tecido de São Paulo. A iniciativa ligada a economia circular, não possui investimento financeiro, e com o auxílio do Ecossistema, manteve-se em Porto Alegre.</p>	<p>A união do Banco de Tecido ao Ecossistema aconteceu como forma de uma iniciativa impulsionar a outra. A relação teve como característica um envolvimento colaborativo. Ambos cooperaram para alcançar metas coletivas.</p>	<p>O Banco de Tecido é uma loja de trocas de tecidos que se localiza no Vila Flores. Com a entrada do Ecossistema, no mesmo espaço, dividindo salas, isso possibilitou o apoio dos ecossistêmicos nas atividades do Banco como atendimento ao público.</p>	<p>P8 tem o papel de visionária e experimentadora, ao ser protagonista, no empreendimento no Estado. P7, o papel de mentora e conectora, ao impulsionar o ecossistema local, a fim de valorizar negócios já existentes, proporcionando trocas entre eles.</p>	<p>A iniciativa manteve-se em Porto Alegre, pelo apoio do Ecossistema. Foi preciso um forte envolvimento colaborativo. Em contrapartida à bolsa de pesquisa, P13, P14, P15 e P19 foram responsáveis por 3 meses de atendimento do Banco de Tecido, empreendimento que, até o momento, não tem retorno financeiro. Além disso, desde que o ecossistema conectou P8 e P10, P10 doa sobras de produção para o Banco.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Banco de Tecido é uma iniciativa que surgiu em São Paulo, com objetivo de viabilizar trocas de materiais de moda, entre pessoas físicas e jurídicas. Tem como pilar a economia circular, pois promove o aumento de vida útil de materiais que não seriam mais utilizados.

Com o número de marcas e iniciativas trabalhando com reaproveitamento têxtil em Porto Alegre, P8 experimentou trazer uma filial da iniciativa para o Estado. O empreendimento teve um bom retorno de marcas locais e artesanos, porém, por ser gerenciado por uma só pessoa, notou-se que existia uma grande dificuldade em manter o negócio em funcionamento, por questões financeiras.

Assim, a aproximação do Ecossistema deu-se, primeiro, pelo interesse das marcas ecossistêmicas em manter seu fornecimento de tecidos de reutilização, e, também, para engajar o público do Banco ao do Ecossistema. Inicialmente, como forma de auxiliar no atendimento, bolsistas do fundo de apoio a pesquisa em moda e

sustentabilidade do Instituto Lojas Renner dedicaram seu tempo, como bolsistas, ao atendimento no Banco.

P8: [...] Eu gostaria muito de participar e deixar o Banco de Tecido aberto, mas tenho aula. Alguém tem interesse em estar no espaço? Abrir também o Ecossistema, os produtos, etc...

P33: Eu posso.

Isso deu fôlego para a iniciativa se manter e prosperar. Além disso, as conexões criadas através do Ecossistema favoreceram a doação de materiais pela empresa que P10 trabalha, que gera cerca de 15 toneladas de resíduos por mês, que vão diretamente a aterros sanitários.

P10: Lembro que a Di Selen continua parceira na doação de tecidos planos .. E podemos doar inclusive para o banco de tecidos se houver interesse e espaço para recebimento [...].

A análise, aqui, é do processo colaborativo que potencializou o Banco de Tecido, em Porto Alegre, o interesse de manter a iniciativa em funcionamento era de todos os envolvidos.

P8: [...] Uma turma de PP da Unisinos tá organizando um bate papo com negócios de impacto social [...] Uma das alunas convidou o Banco de Tecido [...] Alguém gostaria de ir, representar o Banco de Tecido e já aproveitar pra falar do ecossistema?

P19:[...] Posso ir!.

O interesse do usuário correntista do Banco é ter disponível este espaço de troca, para levar tecidos dos quais não faz mais uso, e retirar tecidos novos, e, ainda, o sentimento de estar colaborando para uma proposta guiada pela sustentabilidade. Para a empresa, o Banco significa criar valor, em um material que seria descarte, e gerar renda a partir disso. Para o ecossistema, o valor está em ter para onde direcionar seus resíduos, de maneira mais sustentável do que aterro sanitário. E para a sociedade, o benefício de gerar menos impactos ambientais oriundos da produção de artigos têxteis.

Esse tipo de inovação que atravessa os diferentes níveis de valor, segundo Ouden (2012), tem um grande potencial disruptivo. Além disso, Ouden (2012) entende que uma mudança radical de estruturas de um sistema requer, também,

uma mudança de comportamento, e essa mudança de comportamento acontece quando as pessoas são envolvidas e fazem parte dessa construção.

4.1.11 Participação no Fashion Revolution 2019

Quadro 12 - Resumo da análise 'Participação no Fashion Revolution'

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Fashion Revolution</p> <p>Análise da participação do Ecosistema, no evento Fashion Revolution de 2019, em Porto Alegre. Movimento global por uma moda mais ética e transparente. Conta com ações anuais, durante uma semana, no mês de abril.</p>	<p>Dada a importância do evento, membros do Ecosistema organizaram atividades para programação da semana Fashion Revolution, em Porto Alegre. A responsabilidade das ações foi dividida, e cada pessoa teve um envolvimento diferente.</p>	<p>A organização foi realizada por P13, P16 e P19, e contou com a participação de diversas iniciativas, na elaboração de atividades. Muitas das iniciativas não tinham um espaço físico para atividade, e podem contar com o espaço do Ecosistema.</p>	<p>Aqui, os papéis identificados foram de antena principalmente por P13, P16 e P19, que se engajaram na organização das ações, com o objetivo de disseminarem conhecimento e atuação, no evento.</p>	<p>Diversos vínculos foram criados, a partir das ações em parcerias com as iniciativas que participaram do evento. Por exemplo, a marca Herself conectou-se ao Ecosistema, através do Fashion Revolution, e, depois, desenvolveu várias ações em conjunto com atores do Ecosistema, como <i>workshop</i> de bioabsorventes e desenvolvimento de mídias sociais da marca.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Fashion Revolution é um movimento global que surgiu em protesto à tragédia que aconteceu no dia 24 de abril de 2013, em Bangladesh, o desabamento do prédio Rana Plaza, que levou à morte e ferimento de muitas pessoas que trabalhavam na confecção de roupas. Desde então, todo ano, na semana do dia 24 de abril, são realizadas atividades e palestras, pelo mundo todo, a favor de uma moda mais ética e transparente.

Em Porto Alegre, pelo quinto ano consecutivo, o evento é organizado por grupos locais ligados à moda sustentável. O Ecosistema participou reunindo diversas iniciativas, no dia 27 de abril, no Vila Flores, além das atividades realizadas pelos ecossistêmicos, a feira M.A.R - Moda, Arte e Revolução aconteceu, também, em parceria do Brick de Desapegos com o Ecosistema. A participação no evento

foi de interesse do grupo todo, sendo que algumas pessoas ficaram responsáveis pela organização da programação e dos espaços para realização. A programação contou com oficina de customização, oficina de bordado, oficina de biojoias, dinâmica de reflexão sobre consumo, oficina de bioabsorventes e educação menstrual, e bate-papo sobre costura. Todas as atividades eram gratuitas e abertas ao público.

O Fashion Revolution, como evento global, mostra como as questões ligadas à sustentabilidade na moda precisam de uma abordagem sistêmica, pois são questões que estão interligadas e acontecem no mundo todo. Segundo Capra e Luisi (2014), muitas vezes, para encontrar soluções para questões atuais de nosso tempo, como a produção e consumo exacerbado da moda, é preciso uma mudança radical de percepção, pensamento e valores. Capra e Luisi (2014) entendem que essa mudança de valores está relacionada a uma perspectiva mais integrativa, e não tão autocentrada.

Da mesma forma, Manzini (2017) entende que a colaboração entre pessoas e iniciativas que visam obter um resultado que não alcançariam sozinhas produz um efeito social mais amplo. Essa forma de pensar, mais integrada e colaborativa, requer dos participantes um envolvimento colaborativo, e, para esse movimento acontecer, requer que todos os envolvidos entendam e tenham para si o valor da ação.

No caso da participação no Fashion Revolution, os organizadores já tinham a percepção da importância do evento, e resolveram juntos disseminar e integrar outras iniciativas. Essas iniciativas, abraçadas pelo Ecosistema, no evento, conectaram-se, e desenvolveram ações, ao longo do ano. A exemplo da marca Herself, que replicou o workshop de bioabsorventes e educação menstrual, feito na semana do Fashion Revolution, para mulheres que trabalham no projeto CÓS. Além disso, a Herself também utilizou os serviços ecossistêmicos para desenvolver as mídias sociais da marca. Isso confirma o que Manzini (2017) fala sobre os efeitos sociais colaterais que acontecem, ao trabalhar-se de forma colaborativa, em prol de inovação social.

4.1.12 Participação no Carnaval da diversidade

Quadro 13 – Resumo da análise ‘Participação no Carnaval’

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
Carnaval da diversidade Evento de carnaval da comunidade do quarto distrito de Porto Alegre.	Em contrapartida à disponibilização do espaço físico, pelo Vila Flores, para o Ecosistema, os participantes disponibilizaram-se a ações relacionadas à moda e sustentabilidade. Assim, de modo colaborativo, o Ecosistema participou da atividade.	A atividade foi cocriada junto à comunidade, através da participação de ecossistêmicos, na reunião para discutir a organização do carnaval, no bairro. Foram 3 encontros, no total, e contaram com a colaboração de todos, já que o evento não tinha investimento financeiro algum.	As pessoas mais envolvidas na atividade foram P16 e P19, que atuaram como conectores, ao responderem às contribuições do Vila Flores, e ativarem outros participantes do Ecosistema, para realização de um <i>workshop</i> .	Como resultado, aconteceram 2 <i>workshops</i> de customização e fantasias de carnaval, um pré-carnaval e outro no dia do carnaval da comunidade. Foi desenvolvido por cerca de 10 voluntários, que fizeram uso de resíduos têxteis para confecção de adereços.

Fonte: Elaborado pela autora.

O Vila Flores contribuiu com o Ecosistema da Moda Sustentável para concretização do espaço físico do coletivo, através de dedução de valor do aluguel. Uma das contrapartidas do Ecosistema para o Vila Flores foi a contribuição para atividades relacionadas à moda. Uma dessas atividades foi o Carnaval da diversidade – carnaval alternativo que caminhou da Vila Santa Teresinha ao Vila Flores.

P19: Nós do Ecosistema iremos colaborar fazendo a oficina para confecção de fantasias utilizando resíduos, doações e o que as pessoas levarem para customização. [...] Contamos com a colaboração de doações de adereços de carnaval, com a mão de obra no dia [...].

Aconteceram duas oficinas de adereços de carnaval confeccionados com resíduos têxteis e maquiagens com material doado por ecossistêmicos. Alguns voluntários participaram confeccionando alguns materiais para levarem pronto para oficina. Outros produziram as oficinas e trabalharam na interação com o público, auxiliando na criação, e P32 fez a cobertura fotográfica da atividade.

As iniciativas citadas tinham propósitos coletivos, e juntas conseguiram atingir esses propósitos de um modo colaborativo e disruptivo. Isso quer dizer, o modo tradicional seria linear através de trocas monetárias com foco no crescimento

econômico das iniciativas. Mesmo a dimensão financeira sendo importante e válida para as iniciativas, o relevante, no momento, era o Ecosistema ter um espaço físico para abrigar suas propostas, e o Vila Flores contar com uma iniciativa de moda que abraçasse ações sociais. Assim, ambos colaboraram e resolveram a questão, de modo que beneficiou todo ecossistema local. Desse modo, foi disruptivo, porque rompeu com o padrão capitalista de compra e venda de serviços e produtos.

4.1.13 Conexão com o coletivo Poa Inquieta

Quadro 14 – Resumo da análise ‘Conexão com o coletivo’

Projeto	Envolvimento	Intensidade	Papel	Resultado Colaborativo
<p>Conexão com o coletivo Poa Inquieta</p> <p>Grupo de trocas da economia criativa de Porto Alegre.</p>	<p>A aproximação do Ecosistema com o grupo Poa Inquieta aconteceu através do grupo de WhatsApp do Poa Inquieta, no qual foi divulgada uma chamada para reunião. Com a participação de P16 e P19, na reunião, formou-se um envolvimento colaborativo.</p>	<p>As parcerias que surgiram a partir deste encontro tiveram como característica uma intensidade forte, no início. P5 foi um dos atores que surgiu com essa aproximação, e junto a P16 e P19, criaram diversos projetos colaborativos de logística reversa para têxteis. Entretanto, no decorrer do tempo, não houve mais colaborações entre os grupos.</p>	<p>Ao replicar soluções, e viabilizar projetos colaborativos, os participantes desempenharam um papel de conectores e experimentadores.</p>	<p>As trocas entre P5 com P16 e P19 ampliaram as possibilidades de experimentação de produtos de logística reversa. Proporcionaram a expansão interdisciplinar da rede, através de trocas de serviços, de modo não-monetário.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Poa Inquieta é 'um coletivo de pessoas que acredita na transformação da cidade a partir da economia criativa. Há diversas subdivisões dentro do coletivo, e uma delas é de resíduos. Nessa subdivisão, foram propostas outras como resíduos da moda. A fim de fortalecer a discussão, o encontro do coletivo uniu -se ao encontro colaborativo da pesquisadora P19 sobre resíduos. Após a conexão entre os grupos, P5 entrou no grupo de WhatsApp do Ecosistema, e, a partir disso, as trocas começaram:

P19: [...] Precisamos muito de alguém que possa nos ajudar com finanças [...] Podemos fazer trocas de trabalho.

P5: Posso fazer gratuitamente.

P8: Recebemos uma doação de máquinas para o ecossistema. Alguém tem contato de frete?

P5: [...] Posso disponibilizar o veículo da P5 para buscar as máquinas[...] admiro muito o trabalho do pessoal e é o mínimo que podemos fazer para auxiliar.

Em contrapartida, ao serviço de frete e consultoria de finanças, o grupo de costura CÓS prestou serviços de prototipagem e projeto de produtos de logística reversa de resíduos têxteis para a empresa. O coletivo do Poa Inquieta tem como resultado, de modo geral, a reorganização deste grupo de pessoas, de modo que reestrutura as relações, valorizando e conectando iniciativas locais. O Ecossistema, cujo propósito é, também, a transformação das relações sociais, só que especificamente para moda sustentável, ao conectar-se com o Poa Inquieta, cria um agrupamento de relações. Essas relações têm como base a conversão de um valor totalmente autoafirmativo e competitivo, para um equilíbrio voltado à cooperação e qualidade das relações.

A reestruturação é um dos objetivos do círculo virtuoso do decrescimento sereno de Latouche (2009). Segundo o autor, “reestruturar significa adaptar o aparelho produtivo e as relações sociais em função da mudança de valores” (LATOUCHE, 2009, p. 46). Capra e Luisi (2014) entendem essa mudança de valores de uma perspectiva de um equilíbrio dinâmico, entre autoafirmação e integração. Portanto, quando os grupos se encontram, a fim de cooperarem para reestruturação das formas produtivas, estão criando uma descontinuidade das relações tradicionais baseadas no capital.

5 DISCUSSÃO

No presente trabalho, os resultados do campo são discutidos à luz das teorias, e novas elaborações são propostas a partir delas. A primeira parte discute o envolvimento ativo e colaborativo de todos os projetos, apresentados através da classificação de Manzini (2017): A - ser servido; B - Coadministração; C - Coprodução; e D - Faça você mesmo. A segunda, os vínculos sociais e relacionais, também pela classificação de Manzini (2017): A - Formalizado/Fraco; B - Relacional/Fraco; C - Relacional/Forte; e D - Formalizado/Forte. Na terceira parte, é discutido o papel de cada participante, através da classificação de Freire (2017): Antena; Visionário; Experimentador; Conector; e Mentor, mostrando-se a importância de cada papel, em cada caso. E, por fim, a partir das discussões, propõe-se a classificação: germinou, semeou e polinizou. A - germinou, quer dizer que os resultados tiveram implicações práticas com desdobramentos; B - semeou, quer dizer que os resultados geraram implicações práticas, porém, sem desdobramentos; e C - polinizou, quer dizer que não teve implicações práticas.

5.1 ENVOLVIMENTO DE TODOS OS PROJETOS

Quadro 15 - Envolvimento de todos os projetos

Envolvimento ativo e colaborativo	Casos
A- Ser servido	Nenhum
	2)Financiamento coletivo recorrente
	5)Evento nacional de moda sustentável BEFW
B- Coadministração	10)Participação no Fashion Revolution 2019

Envolvimento ativo e colaborativo	Casos
C- Coprodução	1) Plataforma de comunicação on-line 3) <i>Workshop</i> com a comunidade 4) Documentário atores da moda 6) Mapeamento do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre 7) Encontros sobre resíduos da moda 8) Grupo de costura CÓS-costura consciente 9) Suporte ao Banco de Tecido POA/RS 11) Participação no Carnaval da Diversidade 12) Conexão com o coletivo Poa Inquieta
D- Faça você mesmo	Nenhum

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadrante “A - Ser servido” (ver Quadro 15), não tem algum caso que se encaixe, pois, nenhuma iniciativa realizada foi de modo tradicional de servir a alguém. Todas foram com o objetivo de habilitar toda rede. Em todos os casos desenvolvidos, a comunidade foi protagonista do desenvolvimento das soluções. Todos colaboraram no desenvolvimento dessas soluções, então, não foram soluções que as pessoas esperavam ser servidas. O quadrante “D - Faça você mesmo” também não apresenta casos, pois as ações foram de intensas colaborações, não havendo atividades em que os participantes foram habilitados a trabalhar sozinhos.

No quadrante “B- Coadministração”, os casos 2 (Financiamento coletivo recorrente), 5 (Evento nacional de moda sustentável - BEFW) e 10 (Participação no Fashion Revolution 2019) tiveram em comum a colaboração no planejamento das atividades, porém, baixo envolvimento colaborativo na execução delas. O impacto disso foi que os movimentos foram pontuais e sem força para continuidade. Entretanto, em uma organização colaborativa, nem sempre vai ter energia para investimento em todas as atividades, e essas ações atingiram seu objetivo inicial de participar de modo colaborativo, mesmo que só na organização.

O quadrante “C - Coprodução” mostra um envolvimento intenso, nas práticas colaborativas, que, segundo Manzini (2017) é o que caracteriza as comunidades criativas. Os casos 1 (plataformas de comunicação on-line), 3 (workshops com a comunidade), 4 (Documentário atores da moda), 6 (Mapeamento do Ecossistema [...]), 7 (Encontro sobre resíduos [...]), 8 (Grupo de costura [...]), 9 (Suporte ao Banco de Tecido [...]), 11 (participação no carnaval [...]) e 12 (Conexão com o coletivo [...]) tiveram processos colaborativos, no desenvolvimento e na prática das atividades.

Observa-se, nos projetos deste quadrante, que o envolvimento ideal para descontinuidades sistêmicas é aquele que considera as habilidades das pessoas tanto enquanto grupo como enquanto indivíduos que têm consciência de suas ferramentas e tempo disponíveis. Os projetos que apresentaram essas características de maneira mais notável foram 1, 3, 9 e 11. Todos eles tiveram em comum a energia e engajamento de irer atrás dos resultados. Os participantes estavam dispostos e interessados pelos processos e resultados projetuais. Além disso, também havia espaço e incentivo para liderança aberta.

Outro ponto importante é a identificação com o valor do projeto, no caso 3 - Workshops com a comunidade, o projeto de costura iniciou com diversos ministrantes, e, aos poucos, foi diminuindo a frequência. Isso aconteceu porque os projetos precisavam de disponibilidade e frequência, e algumas conversas apontam dificuldades como difícil acesso ao local, o horário sempre colidindo com o de trabalho dos participantes, e dificuldade de comunicação com a comunidade em que os workshops foram criados.

P23: Das 16h eu não consigo, tenho evento na loja às 18h.

P11: Eu também não consigo na terça estes horários.

P9: Eu posso qualquer horário menos pela manhã.”

[...]

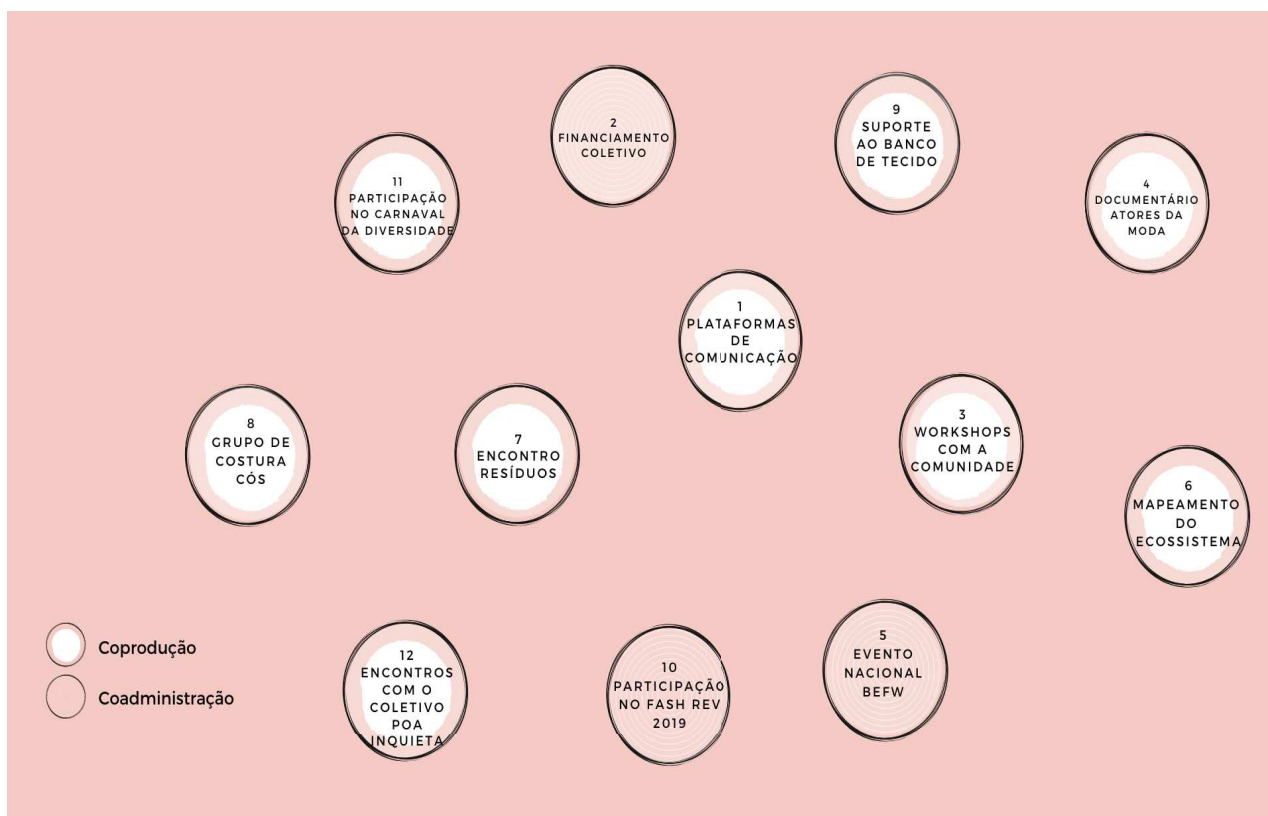
P9: Liguei pra Vilma mas não atende, ela tinha me falado algo sobre ligar depois das 22hs.

P13: [...] nosso cinegrafista raul pode terça e quarta à tarde [...].

É necessário ter um envolvimento colaborativo e ativo, mas o nível depende de cada projeto, pois devem ser levadas em consideração as responsabilidades que cada ação necessita, seus desdobramentos. É preciso um diálogo aberto e transparente, sobre a disposição de cada participante.

Nos projetos 7, 8 e 12, a criação foi colaborativa. Porém, o acompanhamento do projeto aconteceu entre poucos ou um participante só. Com isso, a dinâmica acabou tornando-se unilateral, na qual, de um lado, estava o provedor do conteúdo, e de outro, os participantes que coletavam esse conteúdo. Por exemplo, o projeto 6 (Mapeamento do Ecosistema) tinha a proposta de ser colaborativo, mas tornou-se um espaço para consulta das iniciativas locais. O projeto 7 (Encontros sobre resíduos da moda) e o 12 (Conexão com o coletivo Poa Inquieta) abriram espaço para troca de contatos e discussões, mas nenhum projeto teve continuidade pelo grupo. A seguir a Figura 7 ilustra o envolvimento dos projetos.

Figura 7 - Envolvimento coprodutivo e coadministrativo nos projetos



Fonte: Elaborado pela autora.

5.2 INTENSIDADE DOS VÍNCULOS DE TODOS OS PROJETOS

Quadro 16 – Intensidade dos vínculos de todos os projetos

Intensidade do vínculo social e relacional	Casos
A- Formalizado / fraco	6) Mapeamento do Ecosistema da Moda Sustentável de Porto Alegre
B- Relacional / fraco	4) Documentário atores da moda 12) Conexão com o coletivo Poa Inquieta
C- Relacional / forte	1) Plataformas de comunicação on-line 2) Financiamento coletivo recorrente 3) <i>Workshop</i> com a comunidade 7) Encontros sobre resíduos da moda 8) Grupo de costura CÓS - costura consciente 10) Participação no Fashion Revolution 2019 11) Participação no Carnaval da Diversidade
D- Formalizado / forte	1) Plataformas de comunicação on-line 5) Evento nacional de moda sustentável BEFW 9) Suporte ao Banco de Tecido POA/RS

Fonte: Elaborado pela autora.

O Ecosistema da Moda Sustentável é um grupo de pessoas que se uniram para transformação da moda para sustentabilidade. Pode-se considerar um grupo sociopolítico de ativismo da causa. Dito isso, não existe alguma cobrança, em relação aos participantes, de modo geral – participa quem tem vontade, e tem afinidade com os valores do grupo. A única exceção, nesse caso, são os bolsistas de mestrado que, ao receberem o benefício, se comprometeram com 10h semanais dedicadas ao Ecosistema. Esse vínculo caracteriza-se como formal, variando entre os quadrantes formalizado fraco e formalizado forte. Os vínculos dos outros participantes são relacionais pela aproximação natural e sem necessária responsabilidade.

O objetivo inicial do grupo como um todo foi potencializar a sustentabilidade na moda, em Porto Alegre, e a busca para alcançar esse objetivo foi traçada de diferentes formas. A observar pelo primeiro quadrante “A - Formalizado/Fraco” (conforme Quadro 16), no qual o caso 6 (Mapeamento do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre) caracteriza o quadrante. Essa caracterização deu -se pelos vínculos fracos, na utilização do mapa posterior à sua criação. A ideia era que, a partir das ferramentas dispostas, o mapa fosse construído de modo colaborativo. Houve um esforço inicial, entre os participantes, porém, depois de publicado/disposto aos usuários, não houve mais contribuições, somente visualização do mapa. Por fim, a relação aconteceu de modo unilateral, visto que o provedor de informações acabou sendo uma pessoa só. Assim, teve um caráter de prestação de serviço, e, por isso, a intensidade do vínculo foi caracterizada como formalizado/fraco.

No quadrante “B - Relacional/Fraco”, é possível observar-se os casos 4 (Documentário atores da moda) e 12 (Conexão com o coletivo Poa Inquieta). Aqui, houve um vínculo relacional alto, no início dos projetos, porém, com o baixo vínculo social, não houve continuidade. Esse quadrante é importante, em casos que requerem somente em termos afetivos. Segundo Manzini (2017), por exemplo, um encontro descontraído entre vendedor e cliente, em uma feira de produtores, ou uma reunião de moradores, em um condomínio colaborativo. Sendo assim, para esse caso específico, não foi suficiente, como solução para o objetivo inicial.

Os casos 1, 2, 3, 7, 8, 10 e 11, no quadrante C, mostram intensidade alta e vínculos fortes. Eles têm em comum o engajamento dos participantes em buscarem uma solução sustentável para a comunidade. Esses projetos surgiram de baixo para cima, ou seja, da reunião da comunidade criativa, para gerarem soluções para seus próprios problemas. O caso 8 mostra isso de maneira muito visível. A chamada para reunir costureiras para conversar sobre o assunto teve alta repercussão: “1E: [...] Se depender dos contatos que respondi via Instagram, a reunião hoje estará bem movimentada! Muitas costureiras.”

Figura 8 - Dia do primeiro encontro com as costureiras



Fonte: Registrada pelo fotógrafo Geo Cereça (2019).

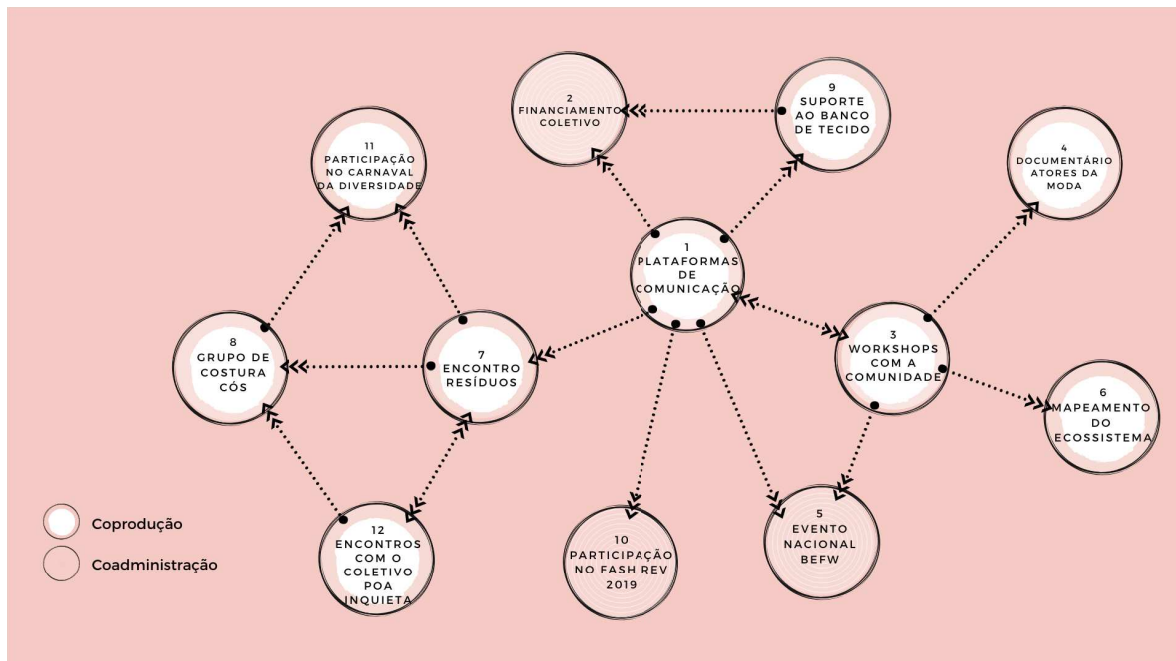
A participação foi alta, e o vínculo criado perdura até hoje. Esse caso requer um investimento de tempo, sendo caracterizado como um encontro “pesado” (MANZINI, 2017), e necessitando de um envolvimento afetivo. Já o caso 10 teve a necessidade de um vínculo social e relacional forte, porém, não a longo prazo, pois foi somente um evento que durou uma semana. Pode ser, portanto, caracterizado como “leve”, em termos de compromisso duradouro. Ambos tiveram repercussão e impactos positivos, no ecossistema.

Já no quadrante D, os casos 1, 5 e 9 tiveram envolvimento mais formalizado, com intensidade relacional baixa e vínculos fortes. Isso comparado aos outros casos estudados, visto que todas as relações são colaborativas na organização. O caso 1 aparece aqui tanto no quadrante D como no C, porque as plataformas de comunicação tiveram diferentes papéis no grupo. O Slack, por exemplo, teve um caráter mais formal de registros do grupo, e acabou sendo usado, por parte dos pesquisadores, para compartilhamento de dados e informações. Já o WhatsApp tem uma característica relacional, visto que as trocas do grupo acontecem por ali.

Os casos 5 e 9 foram maneiras de atendimento das necessidades de alguns participantes do coletivo, como contrapartida às trocas. A participação do BEFW teve vínculo social forte, pois os participantes uniram-se para potencializarem a

imagem do Estado, no evento. E o caso 9 (suporte ao Banco de Tecido) foi uma troca de tempo dos bolsistas para manterem um espaço físico do Ecosistema.

Figura 9 - Conexões entre os projetos.



Fonte: Elaborado pela autora.

5.3 PAPEL DE TODOS OS PROJETOS

Quadro 17 - Papel de todos os projetos

Papéis	Casos
Antena	P9; P13; P14; P15;P16;P19
Visionário	P7; P8; P9; P14; P15
Experimentador	P1; P2; P5; P8; P12; P14; P16; P25
Conector	P2; P12; P16; P19; P10
Mentor	P7

Fonte: Elaborado pela autora.

Os papéis desempenhados pelos participantes, durante os casos estudados dos encontros colaborativos, mostram a importância das diferentes habilidades que

um designer, especialista ou não, pode desenvolver. O papel de Antena é caracterizado por habilidades como escuta ativa, diálogo, estar atento aos acontecimentos e às pessoas ao redor. O Visionário tem facilidade em se expressar graficamente, e pensar em cenários futuros. O Experimentador assume riscos, é a pessoa que busca novos processos e testa possibilidades. O Conector engaja as pessoas, compartilha pensamentos e busca pessoas novas que façam sentido para rede. E, por último, o mentor é a pessoa mais próxima ao papel de liderança, sendo quem defende e apoia o projeto, a fim de implementá-lo (FREIRE, 2017).

Cada ator da rede pode desempenhar diferentes papéis, não necessariamente estando vinculado somente a um. A análise, aqui, foi pelos participantes, sobre como eles atuaram, nos projetos em que participaram, qual foram as características dessa atuação, e como isso influenciou os resultados colaborativos.

A participante P10 é bióloga de formação, e trabalha na área de sustentabilidade, em uma empresa local de fornecimento têxtil. Ela é um exemplo de conectora porque, ao participar dos projetos do Ecossistema da Moda Sustentável, saiu de sua zona de conforto, e mostrou a importância de união de diferentes áreas para promoção da sustentabilidade na moda. Esteve presente na maioria das reuniões, atenta ao contexto, e disposta a escutar e dialogar com as diferentes áreas. A partir das informações e do contexto observado, promoveu ideias e projetos de modo colaborativo.

P10: Bom dia a todos!! Confirmando informações sobre a nossa próxima reunião:

Data: 08/08

Horário: 14h às 16h

Local: [...]

Pauta em aberto, fiquem a vontade para acrescentar assuntos.

- Proposta do curso com as costureiras;

- Apresentação da P10;

Peço que confirmem a participação para que eu possa me organizar com o lanche.

Aguardo!.

[...]

P19: Oii pessoal! Recebemos doações de sobras têxteis da P10 a pouco tempo, e estamos com ideia de desenvolver alguns produtos a partir deles para vendas de final de ano do ecossistema.

P9: Oi gente, estou conversando c a P10 poderia imprimir por sublimação o logo do ecossistema em bolsas e produtos, tanto em forma de estampa corrida como de estampa localizada.

Os papéis desempenhados pelos participantes, durante os casos estudados dos encontros colaborativos, mostram a importância das diferentes habilidades que um designer, especialista ou não, pode desenvolver. O papel de Antena é caracterizado por habilidades como escuta ativa, diálogo, estar atento aos acontecimentos e às pessoas ao redor. O Visionário tem facilidade em se expressar graficamente, e pensar em cenários futuros. O Experimentador assume riscos, é a pessoa que busca novos processos e testa possibilidades. O Conector engaja as pessoas, compartilha pensamentos e busca pessoas novas que façam sentido para rede. E, por último, o mentor é a pessoa mais próxima ao papel de liderança, sendo quem defende e apoia o projeto, a fim de implementá-lo (FREIRE, 2017).

Cada ator da rede pode desempenhar diferentes papéis, não necessariamente estando vinculado somente a um. A análise, aqui, foi pelos participantes, sobre como eles atuaram, nos projetos em que participaram, qual foram as características dessa atuação, e como isso influenciou os resultados colaborativos.

A participante P10 é bióloga de formação, e trabalha na área de sustentabilidade, em uma empresa local de fornecimento têxtil. Ela é um exemplo de conectora porque, ao participar dos projetos do Ecossistema da Moda Sustentável, saiu de sua zona de conforto, e mostrou a importância de união de diferentes áreas para promoção da sustentabilidade na moda. Esteve presente na maioria das reuniões, atenta ao contexto, e disposta a escutar e dialogar com as diferentes áreas. A partir das informações e do contexto observado, promoveu ideias e projetos de modo colaborativo.

P10: Bom dia a todos!! Confirmando informações sobre a nossa próxima reunião:

Data: 08/08

Horário: 14h às 16h

Local: [...]

Pauta em aberto, fiquem a vontade para acrescentar assuntos. Proposta do curso com as costureiras;

Apresentação da P10;

Peço que confirmem a participação para que eu possa me organizar com o lanche.

Aguardo!"

[...]

P19: Oii pessoal! Recebemos doações de sobras têxteis da P10 a pouco tempo, e estamos com ideia de desenvolver alguns produtos a partir deles para vendas de final de ano do ecossistema."

P9: Oi gente, estou conversando c a P10 poderia imprimir por sublimação o logo do ecossistema em bolsas e produtos, tanto em forma de estampa corrida como de estampa localizada.

O papel de conector é importante para evolução dos projetos. Os casos 3, 7 e 9 foram impulsionados por essa participante, ao trabalhar de forma interdisciplinar e atendendo às demandas do contexto.

Os conectores foram importantes para união dos participantes certos para trocas. Já os experimentadores, para estímulo da projeção e desenvolvimento de protótipos. No projeto 7 (Encontros sobre resíduos da moda), a pesquisadora e designer P19 agiu como conectora, usando seus conhecimentos sobre o tema e as suas habilidades para identificar os participantes-chave necessários para que o encontro sobre resíduos fluísse, da melhor forma possível. As provocações trazidas por P19 fizeram com que os participantes parassem para trocar e escutar as falas dos outros, como pode ser identificado nos relatos abaixo:

P1: meu propósito era mais escutar do que falar, mas teve várias atividades, eu me lembro que teve uma que acho que foi a P8 ou a P7 que fez que a gente escreveu, tu também fez, eu lembro que aí tu lia nos posts as coisas, então tu ia sabe, compreendendo entendendo a visão dos outros, tipo “ah eu nunca tinha pensado nisso.

[...]

P1: não sei se no encontro em si mas a gente começou no encontro pra continuar depois né, vários assuntos que deram o click pra eu entrar em contato com as pessoas que frequentam o espaço.

[...]

P16: Então era muito importante pra mim fazer essas conexões e tal e foi bem nesse momento que eu pensei, quero me conectar, você fez a chamada da reunião, então tinha todo sentido.

Ainda no projeto 7, P16 exerceu o papel de experimentador, e isso fez os participantes da atividade repensarem ações para seu trabalho, como demonstram os relatos a seguir:

P16: “E aí foi assim, “em breve teremos mais uma reunião de resíduos, pensei no que poderíamos fazer para evoluir nosso estudo e proposta, se alguém tiver sugestões podemos agilizar por aqui mas de início pensei que poderíamos fazer um apanhado de imagens sobre possíveis formas de reaproveitamento” aqui a gente já tava pensando no produto final, eu lembro que a gente pensou em academia, coisa do saco de pancada, e sempre assim, eu ficava botando uma pilha pra gente sair da moda, tipo, como é que escoar para outro lado.”

[...]

P16: “Então as pessoas querem solução, querem debater talvez, mas quem vai agir é outra coisa. O Roda Moda, foi de uma das reuniões também, a gente já tinha pensado nisso, ninguém tinha feito, depois de

novo a... [Eu acho que o Roda Moda foi desde a primeira reunião] aí um dia a P2 disse assim, ta mas alguém faz...e aí eu peguei e fiz assim ”

O papel de mentoria foi desempenhado por P7, em todos os projetos, porque foi o participante quem guiou os outros participantes, e quem buscou apoio e suporte para os projetos. Embora os projetos analisados tenham como característica a colaboração de forma horizontal, a posição de liderança foi significativa. Liderança não no aspecto de cobrança, mas no aspecto de ser a pessoa que motiva os participantes, que dialoga e aconselha. É um guia para quem não sabe por onde começar ou como proceder.

P7: [...] Precisamos agora da colaboração em rede, sem lideranças. Modelo de núcleos de trabalho e missões [...] Lidere uma frente, crie outra frente, articule um time, coloque a mão na massa e compartilhe as ideias no slack.

[...]

P7: [...] Próximo mês está chegando. Quem pode tomar a frente desta atividade [apoia-se]?

Esse papel é importante para quando o projeto perde forças, lembrar as pessoas da importância do projeto. Ademais, mostrar que todos podem tomar frente de suas ideias. A participante P8 é um exemplo do papel de visionária. Em vários momentos de todas as ações do grupo, ela exerce o papel de catalisar o início do processo projetual. Como, por exemplo, no processo de criação do espaço físico do coletivo, P8 articulou os recursos disponíveis de cada participante do coletivo com as necessidades desse espaço físico.

P8: [...] temos duas necessidades imediatas pra estrutura do espaço [...]: #Lâmpadas/luminárias para a sala do Banco/máquinas que fica no apartamento da São Carlos #ajuda para cortar e subir as tábuas que vão virar tampo de mesa no apartamento da Hoffman.

P8: Quem pode ajudar?”

[...]

P8: Tem que pensar mais em ser funcional na verdade, que ilumine bem, principalmente a sala das máquinas.

Além disso, P8 buscou, em todo o processo, unir diferentes setores e pessoas, a fim de gerar conhecimentos interdisciplinares para inovação social na moda. Em todos os momentos, a participante busca motivar e convidar todos à participação das ações.

P8: [...]uma turma de PP da Unisinos tá organizando um bate papo com negócios de impacto social [...]

P8: Alguém gostaria de ir, representar o Banco de Tecido e já aproveitar pra falar do ecossistema?

P8: [...] os jovens da Convexo Lab (projeto educativo que está acontecendo no Vila Flores) vão visitar as iniciativas para conhecer e escolher mentores para desenvolver um projeto. [...] Quem topa participar como ecossistema? Acredito que possamos dividir a responsabilidade, em vez de uma pessoa só assumir.

P8: [...] [Fulana] tá pesquisando movimento fixer na moda. Ela gostaria de fazer um "café reparo de roupas" [...]. Ofereci a sala do ecossistema e gostaria de saber se estão de acordo e quem teria interesse em participar. [...]

P8: legal convidar mais gente pra estourar essa bolha da moda sustentável!.

Como é possível ver nesse exemplo, a atuação do visionário conecta diferentes atores, e facilita a participação de todos, no processo de inovação. Isso acontece por meio da articulação e visão geral dos projetos: o visionário enxerga o todo, e distribui atividades-chave para chegar ao resultado almejado.

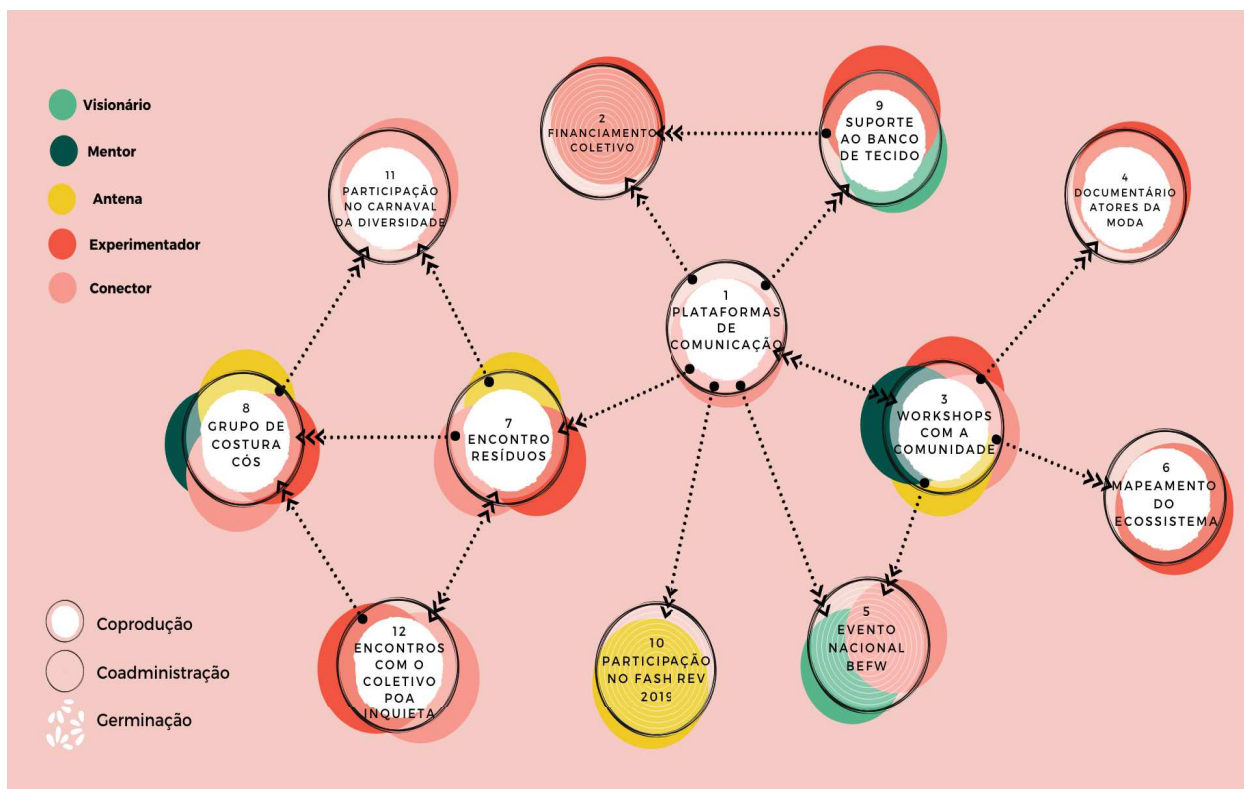
O papel de antena foi desempenhado principalmente no projeto 10, pelas participantes P13, P16 e P19, que, ao identificarem o contexto sociocultural, prototiparam ideias para o evento, a fim de disseminarem conhecimento para a comunidade, através de atividades abertas e gratuitas. Entretanto, não teve algum participante que se destacou, nesse papel.

A partir dessa análise, pode-se apontar que as habilidades de design foram a base para a construção e implementação das ideias que surgiram, tanto dos designers especialistas, como P7, P9, P16 e P19, como dos não-especialistas, como P1, P5 e P10. Ao formar-se um grupo interdisciplinar, com valores em comum e com habilidades distintas, é provável desenvolver-se um processo criativo e colaborativo rumo à inovação social.

A mentora do grupo, P7, criou o processo inicial, e, ao encorajar os outros participantes, e sair do posto de liderança, criou uma oportunidade para que os outros participantes tomassem a frente de projetarem suas ideias e compartilhem com o coletivo. Esse aspecto foi vital para uma relação colaborativa entre os participantes. Mesmo que o conhecimento específico sobre moda e sustentabilidade seja de domínio dos especialistas, o contexto sociocultural e o ambiente em que os projetos foram aplicados eram de diferentes domínios. Por isso, a importância das relações colaborativas para o alcance de resultados socialmente

inovadores. A seguir a figura 9 apresenta os diferentes papéis exercidos em cada projeto e as relações entre eles.

Figura 10 - Papéis para inovação social nos projetos.



Fonte: Elaborado pela autora.

5.4 RESULTADOS COLABORATIVOS DE TODOS OS PROJETOS

Usamos a metáfora da sementeira como modo de disseminação de inovações sociais (FREIRE; DEL GAIDIO; FRANZATO, 2016) como ponto de partida para a classificação dos projetos como sementes de inovações sociais. O quadro 18 apresenta os tipos de resultados colaborativos de toda essa interação e relação entre o envolvimento, a intensidade e os papéis das relações dos encontros colaborativos.

Quadro 18 - Resultados colaborativos de todos os projetos

Resultados colaborativos	Casos
A - Germinou	1) Plataformas de comunicação on-line 2) Financiamento coletivo recorrente 3) <i>Workshop</i> com a comunidade 5) Evento nacional de moda sustentável BEFW 7) Encontros sobre resíduos da moda 8) Grupo de costura CÓS - costura consciente 10) Participação no Fashion Revolution 2019 11) Participação no Carnaval da Diversidade 12) Conexão com o coletivo Poa Inquieta
B - Semeou	9) Suporte ao Banco de Tecido POA/RS 6) Mapeamento do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre
C - Polinizou	4) Documentário atores da moda

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse último quadro, propõe-se a classificação “A – Germinou; B – Semeou; e C – Polinizou”, criada para buscar-se entender os resultados que são específicos do ecossistema pesquisado. Projetos que germinam são aqueles que superaram a fase da idealização e geraram desdobramentos. Projetos que semearam são aqueles que tiveram um início promissor, com potencial para continuidade. Projetos que polinizaram são aqueles que se mantiveram na fase de idealização sem força para desenvolvimento.

O primeiro projeto (1 - Plataformas de comunicação on-line) teve como característica a promoção da conexão entre os atores. Os participantes que criaram e incentivaram o uso das plataformas tiveram o papel de conectores, ao projetarem essas ferramentas. Essa iniciativa caracteriza-se como um caso de codesign e coprodução de resultados, ou seja, teve um alto envolvimento com forte intensidade entre os participantes e cocriadores. O início e a promoção do engajamento entre os participantes tiveram P7 e P19 como coadministradores das plataformas, para organizarem e ensinarem os participantes a utilizá-las.

O projeto 5 (Evento nacional de moda sustentável BEFW) teve características diferentes do primeiro, e, mesmo assim, os resultados mostraram-se positivos e de caráter colaborativo. O envolvimento foi intenso, em atividades a serem conduzidas individualmente. Cada participante levou sua iniciativa de forma individual para o evento, mas teve o suporte do grupo para uma comunicação

colaborativa das iniciativas. Também teve como característica a intensidade relacional alta com vínculos fracos, sendo um projeto de curto prazo que não teve uma alta demanda, em termos de tempo e energia a investir.

Tanto o papel de conector, por P2, como de visionários, por P7 e P8, ocorreram de forma fluida, sem exigirem muita energia de cada um. Por final, houve um resultado socialmente valioso, que foi de compartilhar todo conhecimento aprendido e gerado pelo grupo, por meio de um bate-papo aberto ao público. Esse exemplo mostra que é possível criar-se resultados colaborativos valiosos, sem desgaste das relações.

O projeto 12 (Conexão com o coletivo Poa Inquieta) é um terceiro exemplo que também tem resultados positivos, em uma dinâmica diferente. A ativação da rede aconteceu de forma espontânea, através do contato de participantes do Ecosistema. Teve como característica intensidade relacional baixa, vínculo forte e um envolvimento coprodutivo, via um papel de experimentação entre os participantes.

O ponto de partida dessa relação foi o grupo de trabalho sobre resíduos do coletivo Poa Inquieta. De um lado, o coletivo tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre resíduos têxteis, e, ao mesmo tempo, o coletivo do Ecosistema da Moda Sustentável tinha domínio no conteúdo, mas não tinha conexões ou especialistas, na parte dos processos industriais de reciclagem, por exemplo.

Sobre o segundo aspecto, “B – Semeou”, os resultados foram mais resolutivos, no sentido de solucionarem questões, do que tiveram implicações, no sentido colaborativo. Os projetos identificados nessa categoria são: 9 (Suporte ao Banco de Tecido POA/RS) e 6 (Mapeamento da Moda Sustentável de POA). Ambos tiveram um caráter de coadministração, com baixo envolvimento entre os participantes, mas com uma gestão projetual colaborativa.

A relação teve como característica, em ambos os projetos, uma intensidade relacional baixa, e vínculos fracos. Isso porque, embora a gestão tenha sido colaborativa, o ganho direto de cada participante era baixo, nesses casos. Ou seja, comparando-se os projetos na situação “A – Germinou”, todos eles tinham uma vantagem direta para cada participante, seja em termos de valores pessoais ou de projeto de trabalho. Aqui, nessas duas situações é possível perceber-se um impacto social a longo prazo, sem ganhos diretos.

Na última categoria, “C – Polinizou”, tem-se apenas um projeto, que foi o 4 (Documentário atores da moda). Esse projeto teve um caráter experimental, e sua projeção foi de forma colaborativa. Entretanto, o projeto perdeu forças, no decorrer do trajeto. Os papéis exercidos foram somente de experimentação. Essa combinação não foi suficiente para desenvolvimento do projeto.

Em todos os casos estudados, as pessoas são usuárias finais do projeto, bem como são partes do problema. A chave que mudou, nesses encontros colaborativos que geraram cada projeto estudado, foi a identificação da potencialidade de cada pessoa. Ao fazer parte e promover os encontros, cada participante viu-se como peça-chave para essa mudança, encontrando, em sua própria necessidade e vivência, a potencial solução. Em todos os casos, houve envolvimento dos participantes, mas o que se discute aqui é o nível de cada envolvimento, e como isso fez diferença, nas ações executadas.

A situação do ponto de partida que deu início ao Ecossistema da Moda Sustentável, a característica era um baixo nível de envolvimento. Os participantes eram separados, em grupos específicos de trabalho, dentro de suas empresas, ou iniciativas – exceto os coletivos que já trabalhavam de modo colaborativo. Mesmo assim, não existia uma rede que pudesse conectar todos os atores da moda de Porto Alegre. Os serviços aconteciam em um modelo de provedor e usuário. Provedores, os designers e pesquisadores que trabalhavam sozinhos para chegarem a um resultado pronto para os clientes, ou mesmo, para a comunidade. Para isso, o primeiro passo para início de um modo de trabalho mais aberto e horizontal, para alcance da cocriação de soluções, foi a criação de plataformas on-line para reunião e comunicação de encontros do Ecossistema.

O primeiro caso (1 - Plataforma de comunicação on-line) criou a plataforma Slack, para registrar as decisões e atividades, e o WhatsApp, para trocas mais rápidas. O envolvimento nas plataformas foi de acordo com as ações feitas fora destas.

Conforme a ativação das pessoas, nas atividades do dia a dia, mas elas utilizavam as plataformas on-line, e através das plataformas, foi possível para as pesquisadoras ativarem e incentivarem os diálogos e encontros colaborativos. Depois dessa iniciativa, surgiram todos os outros casos (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12).

A partir desse início projetual do grupo, foi possível observar-se o que funcionava e o que poderia ser replicado, e quais as ferramentas e requisitos para isso. Por exemplo, a partir da experiência 3 (*Workshops* com a comunidade – ver cap. 4.1.3), com o contato e troca entre os participantes, foi observada a necessidade comum, entre os participantes, de soluções para resíduos:

P19: O segundo grupo tinha pensado na questão dos resíduos têxteis, a entrega seria utilizar o descarte da Di Selen para criar embalagem para sabonetes (brindes) do departamento de beleza da Renner. Houveram barreiras relacionadas a questões fiscais para desenvolvimento dessa ideia, que ainda estão sendo trabalhadas. Surgiram outras ideias para utilização desses resíduos (eco-bags, embalagens, construção civil), para isso precisamos primeiro resolver as questões legais (sugestão termo de cooperação envolva-se), e ter um meio de distribuição desses materiais.” (conversa slack).

A partir dessa necessidade identificada, surgiu o caso 7 (Encontro sobre resíduo da moda – ver cap. 4.1.7), como forma de potencializar essas conexões. Foi necessário um envolvimento para os participantes gerarem projetos e estratégias:

Na 3ª reunião a participante C levantou a proposta de reunir um grupo de mulheres costureiras ou com vontade de costurar a fim de torná-las aptas a trabalhar com upcycling para marcas locais. A participante relatou a dificuldade do seu negócio em encontrar grupos produtivos para trabalhar com seus produtos, com isso a escala da produção se mantém baixa e os produtos muito caros. Também relatou que o que se encontra são fábricas que só trabalham em escala muito alta e nem todas aceitam trabalhar com resíduos, ou então costureiras independentes que trabalham sozinhas e não entendem o design das peças de forma que não mantém a qualidade. (relatório da pesquisadora).

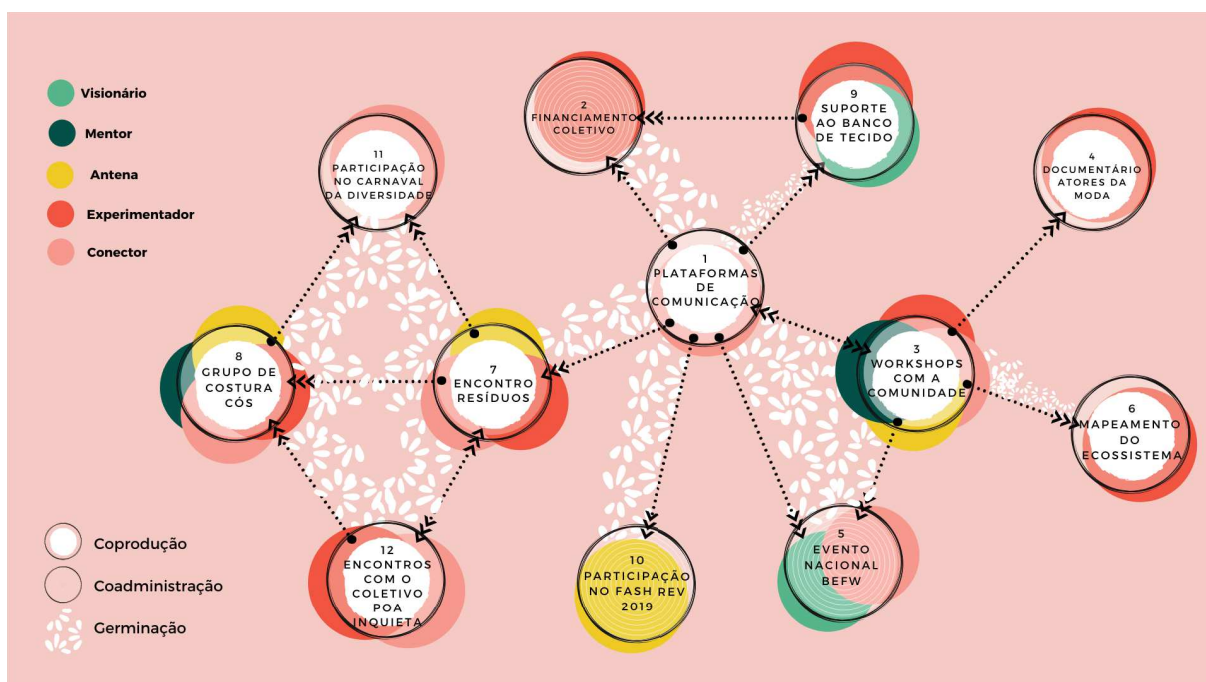
E, assim, do caso 7, surgiu a iniciativa para o caso 8. O envolvimento entre os participantes teve grande relevância para que as ações tivessem continuidade. Para esse envolvimento acontecer, é necessário interesse individual e benefício mútuo, entre os atores. Por exemplo, no caso dos encontros de resíduos (caso 7), o envolvimento dos participantes deu-se pelo interesse em resolver suas demandas. Para o grupo de costura (caso 8), o início ocorreu pelo interesse das marcas locais em terem disponível um grupo produtivo para suas demandas.

Portanto, é possível visualizar-se que as iniciativas projetuais se entrelaçam, em termos de ideias e participantes, mesmo que, no início, o envolvimento seja mais

forte e enfraqueça, no decorrer do tempo. As ideias multiplicam-se e transformam-se em novas iniciativas.

Compreende-se, com isso, que os projetos não terminam: eles modificam-se, de acordo com a situação e com as pessoas ativas nele. A Figura 7 representa essas trocas e ligações, entre os projetos, e demonstra graficamente a germinação dos projetos e os papéis identificados.

Figura 11 - Mapa dos projetos analisados do Ecosistema da Moda Sustentável



Fonte: Elaborada pela autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral explorar processos colaborativos de Design Estratégico, para promoção de descontinuidades sistêmicas, no sistema da moda local, por meio do Ecosistema da Moda Sustentável de Porto Alegre.

A pesquisa documental auxiliou na compreensão dos processos colaborativos de Design Estratégico. O ponto de vista de Manzini (2017) sobre encontros colaborativos e suas dimensões fundamentaram toda a pesquisa e análise. A compreensão dos conceitos de sustentabilidade levou à perspectiva da ecologia profunda e do decrescimento, ao invés do desenvolvimentismo capitalista. Isso possibilitou uma ampla visão das habilidades sociais colaborativas que servem como base para processos colaborativos que geram descontinuidades sistêmicas, no âmbito da moda sustentável. Entende-se que a sustentabilidade só será possível quando se valorizar os diferentes trabalhos – não somente aqueles que geram valores monetários.

O método utilizado, da observação participante, propiciou a compreensão da prática das atividades colaborativas. Estivemos presentes nos diferentes projetos, não só observando, mas sendo parte do processo. Se a observação fosse somente com olhar externo, não teria sido possível o entendimento e acompanhamento da complexidade das relações que se formaram, e como se conectam, a fim de colaborar. Isso porque é difícil, até mesmo, para os participantes entenderem e descreverem o funcionamento dessas relações. A análise das plataformas de comunicação, sob esse ponto de vista participante levou à conclusão de que elas são cruciais para promoção das atividades, mas precisam ser acessíveis a todos.

O ecossistema estudado tem como motor da inovação a própria comunidade. Esse modo de trabalho permite que as pessoas se sintam responsáveis e hábeis para a transformação.

É evidente que nem sempre isso acontece. Muitos aspectos são importantes, nesse processo, sendo um deles o envolvimento ativo e colaborativo. Para terem um envolvimento ativo e colaborativo, é necessário que os participantes tenham valores e objetivos comuns, diálogo aberto, escuta ativa e disposição ao enfrentamento de riscos e colaboração com o grupo.

Muitas vezes, isso basta para uma ação pontual ou de curto prazo. Entretanto, o projeto de descontinuidades sistêmicas requer que esse envolvimento

seja duradouro. Isso quer dizer que esse envolvimento precisa ser mantido e equilibrado, ao longo do tempo. Por isso, não se discute apenas o envolvimento, mas, também, a intensidade dos vínculos sociais e relacionais, nesse envolvimento, pois o equilíbrio dessa intensidade é o que vai tornar o projeto duradouro ou não.

Este estudo aponta que os projetos com vínculos sociais fracos foram os que menos germinaram ou não germinaram. Em alguns casos, o vínculo começou forte e, ao longo do tempo, diminuiu a intensidade, até tornar-se ausente.

É importante para o equilíbrio de um ecossistema a variação dos vínculos. Ter um tempo inativo faz parte da saúde de um ecossistema, pois nem todos podem investir energia, constantemente, em uma só atividade. Mesmo assim, é preciso que se tenha estratégias de como manter os vínculos e o envolvimento dos participantes.

Não existe uma resposta única de como preservar o engajamento. O que se sugere é uma escuta ativa, por parte dos designers (especialistas ou difusos), de todos os participantes, para entendimento do que move o grupo. Pode ser a experimentação, a pesquisa ou apenas a rede de contatos. O importante é que os participantes se sintam escutados e recompensados, que todos tenham a oportunidade de comunicarem suas ideias, expectativas e disponibilidade de atuação. Esse processo precisa ser transparente e aberto, entre todos.

Da mesma forma que, para um diálogo acontecer, é necessária uma escuta ativa, para um projeto ocorrer, é preciso de um diálogo transparente sobre objetivos, expectativas e disponibilidade, entre todos os participantes. No projeto 2 (Financiamento coletivo) (ver 4.1.2), a falta de transparência na comunicação do projeto com o público, e na comunicação interna entre os participantes, afastou os apoiadores, e criou vários atritos internos.

Observa-se, no decorrer da pesquisa, que a escuta ativa, a infraestruturação, difusão e comunicação das informações desencadeia um envolvimento coprodutivo crescente. E esse tipo de envolvimento, a longo prazo, é onde se vê as descontinuidades sistêmicas. Isto é, mesmo os projetos coadministrados tiveram germinação, multiplicaram-se em outros projetos, mas, ao observar-se os resultados, no sentido de impacto social, é na coprodução que se vê as descontinuidades sistêmicas. O que muda é a dimensão dos impactos e, então, possíveis descontinuidades.

São discutidos, no subcapítulo 5.3, os papéis na inovação social, e, com base nessa análise e discussão, pode-se concluir que a relevância de um papel é medida pela necessidade da situação. Não são todos os projetos que precisam de mentoria, por exemplo. Pode ser que todos os participantes já estejam motivados e com objetivo traçado, mas falte a experimentação projetual.

Entretanto, com a análise dos resultados, percebe-se que os projetos com diferentes participantes exercendo os diferentes papéis tiveram maior potencial para descontinuidades sistêmicas. Isso pode ser visto na Figura 10. As direções em que os projetos germinaram têm início onde há essa maior diversidade nos papéis. Nos projetos 6, 4 e 2, todos os participantes atuaram como experimentadores, e tiveram em comum o declínio da intensidade dos vínculos sociais. Ou seja, existia uma intensidade nas relações interpessoais, mas os grupos ficaram tão abertos a ponto de os participantes ausentarem-se.

Em alguns projetos, a colaboração é dada de forma mais sutil, no sentido de entender a energia e tempo que os participantes têm para doarem, no projeto. Em um caso em que os participantes disponham de baixo envolvimento, a colaboração dá-se através do entendimento e compadecimento com essa disponibilidade. Utilizar de forma eficiente dos recursos disponíveis é ser transparente e aberto.

Na prática, diversas iniciativas saíram do papel, e algumas impactaram de forma positiva a comunidade, como, por exemplo, o grupo de costura CÓS (projeto 8), que levou o conhecimento de moda para mulheres de diferentes realidades, abriu espaço para novos modelos de negócio, e preencheu uma lacuna do mercado local, ao trabalhar com escalas reduzidas e diferentes tipos de matérias-primas.

Os projetos 3, 7, 8, 9 e 12 tiveram como foco a destinação mais sustentável de resíduos têxteis. Todos geraram, de alguma forma, impactos positivos, ao construírem pontes de conexão entre diferentes grupos. Esse tipo de conexão tem potencial de estimular a economia local, e dar uma destinação mais sustentável a resíduos têxteis. Além disso, também mostraram uma forma criativa, através da colaboração, de como lidar com problemas complexos, como os da cadeia produtiva de moda.

Ao serem explorados aspectos multidisciplinares e intersetoriais, foram atingidos resultados que não estão diretamente ligados à cadeia têxtil. Isso é positivo, no sentido que colabora para abertura de um novo campo de possibilidades dirigidas pelo design que conecta diferentes setores de um sistema.

A fim de ter uma visão mais qualitativa sobre os processos colaborativos e papéis exercidos, esta pesquisa teve como foco apenas um ecossistema, que foi o da moda sustentável de Porto Alegre. Portanto, a observação restringiu -se aos campos do design e da moda. O resultado e colaboração desta pesquisa é a identificação das características desses encontros, e de que forma eles geraram descontinuidades sistêmicas. Este estudo aponta as principais características em termos de envolvimento, intensidade e papéis para germinação de projetos colaborativos para descontinuidades sistêmicas.

Por fim, as descontinuidades sistêmicas na moda têm um grande potencial de acontecerem quando: (1) a comunicação é aberta, com espaço e incentivo à contribuição e liderança coletiva; (2) o formato do encontro é direcionado e comunicado, por mais aberto e colaborativo que seja, pois é preciso de uma linha com objetivos a atingir, sendo importante para que os participantes saibam que tipo de resultados podem esperar; (3) o engajamento é orgânico, isto é, o participante precisa estar disposto a envolver-se e a criar vínculos com o projeto, e o investimento de tempo e energia precisa ser recompensado; e (4) os objetivos e metas a cumprir são analisados e coerentes com que o grupo tem a oferecer, e, por isso, há a importância da consciência sobre as habilidades e papéis a serem desempenhados.

Além disso, finaliza-se com algumas perguntas que podem ser úteis para elaboração de princípios ou métodos para projeção de encontros colaborativos. O que o objetivo proposto requer do projeto? Que tipo de envolvimento é preciso para nutrir o projeto? É um projeto de curto ou longo prazo? Que tipo de energia devo manter, nas relações? Que tipo de dinâmica as relações precisam, para este projeto atingir seu objetivo? Como consigo isto, e que pessoas eu preciso para este projeto? São experimentadores, visionários, conectores? Talvez precise de todos os papéis, uma equipe interdisciplinar, ou talvez precise só de conectores para um projeto pontual. Como preciso manter essas relações, devo investir mais na comunicação, ou é um projeto de caráter coadministrativo, que não precisa de um vínculo tão forte? Qual é o tempo que os participantes vão precisar investir? Eles estão dispostos a isso? Compartilham desse valor diretamente? Isso vai ser uma prioridade?

Esta pesquisa foi um passo em direção a uma moda mais sustentável. Contudo, existem muitas questões ainda a serem exploradas. O campo do design

e da moda ainda é recente, em termos de pesquisa. Espera-se que este trabalho tenha contribuído para um direcionamento rumo às descontinuidades sistêmicas na moda e também em projetos diversos em diferentes setores. Como perspectiva futura, recomenda-se a construção métodos ou princípios projetuais de design colaborativo para descontinuidades sistêmicas.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Suzana. **Moda, globalização e novas tecnologias**. São Paulo: Estação das letras e cores Editora; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2011.
- BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das letras e cores, 2012.
- BRASIL ECO FASHION WEEK. **[Site oficial]**. São Paulo: BEFW, [2018?]. Disponível em: <https://befw.com.br/>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CEREÇA, Geo. **Dia do primeiro encontro com as costureiras**. 2019. 1 fotografia.
- COM Animale e A. Brand, Brasil registra 37 marcas de moda envolvidas com trabalho escravo nos últimos oito anos. *In: Repórter Brasil*. São Paulo, 19 dez. 2017. Disponível em <https://reporterbrasil.org.br/2017/12/com-animale-e-a-brand-brasil-registra-37-marcas-de-moda-envolvidas-com-trabalho-escravo-nos-ultimos-oito-anos/>. Disponível em: 12 jul. 2020.
- ECOSSISTEMA DA MODA SUSTENTÁVEL. [Página oficial]. *In: #modamudamundo*. Porto Alegre, 2018. Disponível em <https://modamudamundo.cc/>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- FLETCHER, K.; GROSE, L. **Moda e sustentabilidade: Design para mudança**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- FONTANA, I. M.; HEEMANN, A.; FERREIRA, M. G. G. **Design Colaborativo: Fatores Críticos para o Sucesso do Co-design**. 4º Congresso Sul Americano de Design de Interação, 2012.
- FRANZATO, C. *et al.* Inovação cultural e social: design estratégico e ecossistemas criativos. *In: FREIRE, Karine de Mello. (org.). Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social*. São Paulo: Kuzuá, 2015.
- FREIRE, K. M.; DEL GAUDIO, C.; FRANZATO, C. Estratégias de inovação social dirigida pelo design praticadas nos ecossistemas criativos. **RDIS**, [s./l.], v. 2, n. 2, p. 236-249, 2016.

FREIRE, Karine de Mello. Inovação social dirigida pelo design. *In*: OLIVEIRA, A. J.; FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C. (org.). **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 111 -124.

FREIRE, Karine. Design Estratégico: Origens e Desdobramentos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 11., 2014, Gramado. **Anais [...]**. Gramado: P&D, 2014. p. 1-13.

GWILT, Alison. **Moda sustentável: um guia prático**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

HETHORN, J.; ULASEWICZ, C. **Sustainable Fashion why now? A conversation about issues, practices, and possibilities**. New York: Fairchild Books, 2009.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KVAN, Thomas. Collaborative design: what is it?. **Automation in Construction**, Hong Kong, v. 9, p. 409-415, 2000. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.467.4636&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LEWIS, Van D. Developing Strategies for a Typology of Sustainable Fashion Design. *In*: HETHORN, J.; ULASEWICZ, C. **Sustainable Fashion why now? A conversation about issues, practices, and possibilities**. New York: Fairchild Books, 2009.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MANZINI, Ezio. Design Culture and Dialogic Design. **Design Issues**, [s.l.], v. 32, n. 1, p. 52-59, 2016. Disponível em: https://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/DESI_a_00364. Acesso em: 12 jul. 2020.

MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design - Uma introdução ao design para inovação social**. Tradução de Luzia Araújo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

MATTESSICH, P. W.; MONSEY, B. R. **Collaboration: What Makes It Work**. A review of Research Literature on Factors Influencing Successful Collaboration. Saint Paul: Amherst H. Wilder Foundation, 1992.

MAURI, Francesco. **Progettare Progettando Strategia**. Milano: Dunod, 1996.

MERONI, Anna. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 31-38, jul./dez. 2008.

MURATOVSKI, Gjoko. **Paradigm Shift: Report on the New Role of Design in Business and Society**. Xangai: Tongji University and Tongji University Press, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL (ONU Brasil). Agenda 2030. **Nações Unidas Brasil**, São Paulo, 9 set. 2015. Disponível em: nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/. Acesso em: 12 jul. 2020.

OUDEN, Elke den. **Innovation Design: Creating value for people, organizations and society**. New York: Springer, 2012.

SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

SILVEIRA, Liege Martins da. **Inovação social e sustentabilidade na moda: proposta de solução habilitante para reaproveitamento de resíduos têxteis**. 2019. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, 2019.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM DO ESTADO DE SÃO PAULO (SINDITÊXTIL). Retalho Fashion - Projeto de reciclagem une meio ambiente e inclusão social. **Sinditêxtil em notícia**, São Paulo, n. 25, 2012. Disponível em: http://www.sinditextilsp.org.br/jornal/sindi_25.pdf. Acesso: 13 jul. 2020.

SLACK. **[Site oficial]**. [S./]: Slack, [2013?]. Disponível em: <https://slack.com/intl/pt-br/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1986.

VEZZOLI, C.; KOHTALA, C.; SRINIVASA, A. **Sistema produto + serviço sustentável: fundamentos**. Tradução de Aguinaldo dos Santos. Curitiba: Insight, 2018.

ZURLO, Francesco. **Design Strategico**. Roma: Enciclopedia Treccani, 2010.

APÊNDICE A - PLANILHA

Quadro 19 - Resultados de pesquisa

CASOS	ENVOLVIMENTO	INTENSIDADE	PAPEL	RESULTADO COLABORATIVO
1 Plataformas de comunicação on-line: Espaços on-line para trocas e discussões do Ecossistema da Moda Sustentável. Plataformas utilizadas: Slack para registros do Ecossistema e grupo de WhatsApp para trocas rápidas.	As ferramentas on-line foram criadas para incentivar a conexão dos participantes no Ecossistema. Nesses espaços tinham todos os projetos descritos desde seu início. Assim, mesmo não participando das reuniões presenciais, várias pessoas se engajaram em projetos que tinham valor comum com seus propósitos.	O Slack teve uma intensidade forte no início, foi utilizado como principal meio de comunicação. Depois de 1 ano de uso, passou a ter uma intensidade fraca sendo utilizada somente para registro dos pesquisadores e por fim se tornou ausente sendo substituída pelo WhatsApp. O WhatsApp foi criado 7 meses depois do Slack, e oscilou entre maior e menor atividade dependendo dos projetos ativos.	Os designers que atuaram como peças-chave para ativação do Ecossistema, desenvolveram nas plataformas o papel de conectores, a fim de observar as oportunidades e lacunas e incentivar os vínculos entre os participantes para projeção.	As plataformas serviram como espaços de conexão. Alguns projetos surgiram de ideias trocadas nesses espaços, outros projetos tiveram o espaço como um meio de discussão e encontro. O papel do designer conector foi crucial na ativação das relações nas plataformas.
2 Financiamento coletivo recorrente: Plataforma utilizada para criação de um financiamento coletivo para manter financeiramente o espaço físico do Ecossistema.	As participantes P25 e P8 observaram a necessidade do grupo em ativar uma plataforma de apoio financeiro recorrente, e assim tomaram frente no desenvolvimento de tal com a colaboração de participantes menos ativos, compreendendo as oportunidades e limitações do grupo.	Inicialmente vínculos fortes foram desenvolvidos, muitas pessoas contribuíram com o financiamento, entretanto não sabiam como se inserir no grupo para troca de recompensas. Teve início com 27 apoios, e, por fim, no ano 2020 com 8.	Ambas designers exerceram o papel de experimentadoras aqui, buscaram soluções existentes que pudessem ser replicadas para as necessidades do grupo. Experimentaram modelos e testaram sua aplicabilidade.	Com apoio financeiro através da plataforma, foi possível manter parte do espaço físico do Ecossistema por cerca de 1 ano

CASOS	ENVOLVIMENTO	INTENSIDADE	PAPEL	RESULTADO COLABORATIVO
<p>3</p> <p>Workshops com a comunidade: Projeto de moda e design para conexão do Ecossistema com as cooperativas de costura do bairro Bom Jesus.</p>	<p>Inicialmente tiveram como característica um envolvimento colaborativo, o grupo todo participou da criação dos projetos como também tiveram uma escuta ativa no contexto em que se inseriram. O projeto de capacitação teve envolvimento ativo e colaborativo em todas as etapas entregando o que foi proposto pelo grupo e ao mesmo tempo aberto a novos participantes.</p>	<p>As participantes P9, P10 e P19 desenvolveram vínculos sociais fortes de modo que criou laços e empatia com a comunidade do entorno. P3, P2, P25, P11, P12, P13, P14 e P15 mantiveram vínculos fracos que possibilitou a abertura do processo a novas colaborações.</p>	<p>Conector por P12 que identificou as necessidades do contexto e trouxe pessoas que poderiam desenvolver; Experimentador pelas marcas presentes que saíram da sua zona de conforto para testar novos modos projetuais; Antena pelos bolsistas que projetaram workshops de acordo com os recursos disponíveis; E mentor pela coordenadora que acompanhou e aproximou os participantes.</p>	<p>O projeto teve como resultado troca de conhecimento, os ecossistêmicos que contribuíram para desenvolvimento dos processos de moda das cooperativas de costura, e as cooperativas de costura que contribuíram para os ecossistêmicos compreenderem novos modos de trabalhar com uma produção mais sustentável. Gerou frutos para o projeto dos encontros de resíduos e consequente a CÓS.</p>
<p>4</p> <p>Documentário atores da moda: Pequenos documentários sobre mulheres empreendedoras na cena da moda sustentável de Porto Alegre.</p>	<p>A iniciativa do projeto aconteceu por parte dos atores P13 e P14, foi possível observar um envolvimento ativo e colaborativo no início, os atores se reuniram e desenvolveram de modo colaborativo toda proposta. Eles foram até a comunidade, escutaram de forma ativa as mulheres e destacaram as questões mais importantes para cada uma. Entretanto, não teve continuidade para parte de edição e divulgação do projeto.</p>	<p>Entre eles já havia um vínculo cujo valor em comum era desenvolver pesquisas para moda e sustentabilidade. Já entre o grupo e as costureiras da cooperativa foi uma relação de caráter formal e experimental.</p>	<p>O grupo teve um papel de experimentadores nesse caso. Prototiparam uma ideia a fim de facilitar e comunicar a comunicação entre o ecossistema criativo da moda sustentável de Porto Alegre.</p>	<p>Nesse caso, o objetivo proposto exigia um envolvimento mais profundo com a comunidade. A intensidade relacional dos designers com as costureiras e com o ecossistema como um todo, não foi suficiente para dar continuidade ao projeto.</p>

CASOS	ENVOLVIMENTO	INTENSIDADE	PAPEL	RESULTADO COLABORATIVO
<p>5</p> <p>Evento nacional de moda sustentável BEFW: Participação do Ecossistema no evento nacional de moda sustentável.</p>	<p>Cada ator teve um envolvimento diferente com o evento BEFW, entretanto todos colaboraram com a união do grupo a fim de impulsionar a presença gaúcha no evento. Os atores P7 e P8 representaram o Ecossistema através de uma fala no evento, o que demonstrou a ativação delas em exibirem o potencial das marcas locais.</p>	<p>Não houve grande envolvimento entre os atores no evento, e isso foi positivo pois cada um já tinha o esforço de deslocamento e organização de suas iniciativas para o evento. Assim, foi uma experiência fluída e positiva para todos.</p>	<p>A iniciativa para conexão dos ecossistêmicos no evento se deu pela participante P2, que teve um papel de conectora integrando as iniciativas. Os atores P7 e P8 desempenharam um papel visionário ao comunicar os efeitos e resultados do Ecossistema no evento.</p>	<p>O evento teve grande visibilidade para o Estado e além disso as participantes se reuniram e compartilharam toda experiência vivenciada em um evento que reuniu diferentes públicos em Porto Alegre. A solução foi um mapa on-line e aberto a construção coletiva, o processo projetual aconteceu a partir dos vínculos já consagrados. Houve um esforço de comunicação do mapa, entretanto não teve retorno significativo. Portanto, o protótipo poderia ser levado novamente ao grupo para discussão de novas estratégias.</p>
<p>6</p> <p>Mapeamento do Ecossistema da Moda Sustentável de Porto Alegre: Criação de mapa on-line com contatos de atores da moda sustentável de Porto Alegre.</p>	<p>Inicialmente tiveram como característica um envolvimento colaborativo, o grupo todo participou da criação do mapa com sugestões e ideias. O projeto da estrutura do mapa foi realizado pela pesquisadora P19 a partir de um mapa já existente da pesquisadora P29.</p>	<p>Mesmo com a ferramenta disponível, em 9 meses o mapa teve apenas 3 contribuições e 1280 visualizações.</p>	<p>A pesquisadora P19 teve o papel de experimentadora ao prototipar e testar a ideia.</p>	<p>Através dos encontros colaborativos foi possível experimentar um modelo não linear de projeto e de dinâmicas que desencadearam diferentes soluções para questão dos resíduos. O baixo envolvimento prejudicou a prototipagem dos projetos, entretanto os vínculos criados prosperaram e cresceram em diferentes projetos.</p>
<p>7</p> <p>Encontros sobre resíduos da moda: Encontros promovidos para discussão e projeção de soluções para resíduos no ecossistema local</p>	<p>Foram 5 encontros com envolvimento muito variado em relação aos participantes. No primeiro encontro, havia 3 pessoas, e no restante, de 10 a 15. As ações que nasceram desses encontros surgiram das pessoas que tiveram mais envolvimento com os temas e mais engajadas nos encontros.</p>	<p>O vínculo social também varia de acordo com os diferentes atores que frequentaram, alguns já tinham um vínculo social forte com o ecossistema e já se sentiam pertencentes ao encontro. Outras pessoas começaram a conhecer o Ecossistema através dos encontros, portanto tinham vínculos fortes, e algumas construíram no decorrer dos encontros, da mesma forma que outras ficaram ausentes.</p>	<p>A pesquisadora/designer teve o papel de conectora, ao mobilizar e engajar as pessoas para os encontros, e ao "projetar ferramentas para estimular a colaboração criativa". Alguns participantes também tiveram papéis-chave nos encontros, a P16, P1 e P5 como experimentadores ao testar ideias criadas nos encontros. A P10 teve um papel de Antena ao participar</p>	<p>Através dos encontros colaborativos foi possível experimentar um modelo não linear de projeto e de dinâmicas que desencadearam diferentes soluções para questão dos resíduos. O baixo envolvimento prejudicou a prototipagem dos projetos, entretanto os vínculos criados prosperaram e cresceram em diferentes projetos.</p>

CASOS	ENVOLVIMENTO	INTENSIDADE	PAPEL	RESULTADO COLABORATIVO
<p>Grupo de costura CÓS - costura consciente: Criação de um grupo de costura para profissionalizar mulheres para moda e atender demandas produtivas locais</p> <p>8</p>	<p>Em conversas com empreendedores de moda nos encontros do Ecossistema, percebeu-se a dificuldade de produção local. Com isso, foi feita uma chamada para costureiras e no encontro elas relataram a falta da valorização da profissão.</p>	<p>Junto com as costureiras, criou-se o grupo para profissionalização do trabalho, trocas de conhecimento e criação de um ateliê para trabalho em conjunto. Toda construção foi dirigida pelas pesquisadoras P19 e P16. As marcas só se aproximaram depois que o grupo já estava consolidado.</p>	<p>com objetivo de troca de conhecimento.</p> <p>As primeiras ideias do projeto surgiram nos encontros do Ecossistema, portanto um papel de antena e visionário dos participantes em identificar e comunicar o cenário. E um papel de mentora, conectora e experimentadora por parte das pesquisadoras e designers P19 e P16 que desempenharam todo processo.</p>	<p>Um ano depois desse processo, o grupo se manteve e cresceu exponencialmente. A CÓS é um grupo de 30 mulheres, tem um espaço físico próprio no Vila Flores e já trabalharam com cerca de 15 marcas locais até o momento. Nesse período também aumentaram o ciclo de vida de cerca de 700 kg de resíduos em projetos de logística reversa.</p>
<p>Suporte ao Banco de Tecido POA/RS: Loja física de troca de tecidos filial do Banco de Tecido de São Paulo. A iniciativa ligada a economia circular, não possui investimento financeiro, e com o auxílio do Ecossistema se manteve em Porto Alegre.</p> <p>9</p>	<p>A união do Banco de Tecido ao Ecossistema aconteceu como forma de uma iniciativa impulsionar a outra. A relação teve como característica um envolvimento colaborativo, ambos cooperaram para alcançar metas coletivas.</p>	<p>O Banco de Tecido é uma loja de trocas de tecidos que se localiza no Vila Flores. Com a entrada do Ecossistema no mesmo espaço, dividindo salas, possibilitou o apoio dos ecossistêmicos nas atividades do Banco como atendimento ao público.</p>	<p>P8 tem o papel de visionária e experimentadora ao ser protagonista no empreendimento no Estado. P7 o papel de mentora e conectora ao impulsionar o ecossistema local a fim de valorizar negócios já existentes proporcionando trocas entre eles.</p>	<p>A iniciativa se manteve em Porto Alegre pelo apoio do Ecossistema, foi preciso um forte envolvimento colaborativo. Em contrapartida a bolsa de pesquisa, P13, P14, P15 e P19 foram responsáveis por 3 meses de atendimento do Banco de Tecido, empreendimento que até o</p>

CASOS	ENVOLVIMENTO	INTENSIDADE	PAPEL	RESULTADO COLABORATIVO
<p>Participação no Fashion Revolution 2019: Análise da participação do Ecosistema no evento Fashion Revolution de 2019 em Porto Alegre. Movimento global por uma moda mais ética e transparente. Conta com ações anuais durante uma semana no mês de abril.</p>	<p>Dada a importância do evento, membros do Ecosistema organizaram atividades para programação da semana Fashion Revolution em Porto Alegre. A responsabilidade das ações foi dividida, e cada pessoa teve um envolvimento diferente.</p>	<p>A organização foi realizada por P13, P16 e P19 e contou com a participação de diversas iniciativas na elaboração de atividades. Muitas das iniciativas não tinham um espaço físico para atividade e pode contar com o espaço do Ecosistema.</p>	<p>Aqui, os papéis identificados foram de antena principalmente por P13, P16 e P19 que se engajaram na organização das ações, com o objetivo de disseminar conhecimento e atuação no evento.</p>	<p>momento não têm retorno financeiro. Além disso, desde que o ecossistema conectou P8 e P10, P10 doa sobras de produção para o Banco.</p> <p>Diversos vínculos foram criados a partir das ações em parcerias com as iniciativas que participaram do evento. Por exemplo, a marca Herself se conectou ao Ecosistema através do Fashion Revolution e depois desenvolveu várias ações em conjunto com atores do Ecosistema, como workshop de bioabsorventes e desenvolvimento de mídias sociais da marca.</p>

CASOS	ENVOLVIMENTO	INTENSIDADE	PAPEL	RESULTADO COLABORATIVO
<p>11</p> <p>Participação no Carnaval da Diversidade: Evento de carnaval da comunidade do quarto distrito de Porto Alegre.</p>	<p>Em contrapartida à disponibilização do espaço físico pelo Vila Flores para o Ecossistema, os participantes se disponibilizaram para ações relacionadas a moda e sustentabilidade. Assim, de modo colaborativo o Ecossistema participou da atividade.</p>	<p>A atividade foi cocriada junto à comunidade, através da participação de ecossistêmicos na reunião para discutir a organização do carnaval no bairro. Foram 3 encontros no total e contaram com a colaboração de todos, já que o evento não tinha nenhum investimento financeiro.</p>	<p>As pessoas mais envolvidas na atividade foram P16 e P19, que atuaram como conectores ao responder às contribuições do Vila Flores e ativar outros participantes do Ecossistema para realização de um workshop.</p>	<p>Como resultado, aconteceram 2 workshops de customização e fantasias de carnaval, um pré-carnaval e outro no dia do carnaval da comunidade. Foi desenvolvido por cerca de 10 voluntários, que fizeram uso de resíduos têxteis para confecção de adereços.</p>
<p>12</p> <p>Conexão com o coletivo Poa Inquieta: Grupo de trocas da economia criativa de Porto Alegre.</p>	<p>A aproximação do Ecossistema com o grupo Poa Inquieta aconteceu através do grupo de WhatsApp do Poa Inquieta, onde foi divulgada uma chamada para reunião. Com a participação de P16 e P19 na reunião, começaram a formar vínculos colaborativos.</p>	<p>As parcerias que surgiram a partir deste encontro tiveram como característica uma intensidade forte. P5 foi um dos atores que surgiu com essa aproximação, e junto a P16 e P19 criaram diversos projetos colaborativos de logística reversa para têxteis.</p>	<p>Ao replicar soluções e viabilizar projetos colaborativos, os participantes desempenharam papel de conectores e experimentadores.</p>	<p>As trocas entre P5 com P16 e P19 ampliaram as possibilidades de experimentação de produtos de logística reversa. Proporcionaram a expansão interdisciplinar da rede através de trocas de serviços de modo não monetário.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.